FON
FON
ANNO XXIV — N. 4
Rio, 25 de Janeiro de 1930
— PREÇO: 1$000 —
MC.

trabalhos domesticos causam, muitas vezes, dores de cabeça, das costas e abatimento geral.

Cafiaspirina

depressa annulla as consequencias do "surmenage", e restitue ao organismo o seu estado de saude normal.

Mesmo o organismo mais delicado pode tomar esse excellente preparado BAYER por ser elle absolutamente inoffensivo.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

O conto brasileiro

A VELHA HISTORIA

De

Mucio de Castro Serra

—Louca?...

—Completamente louca!...

—Oh! Mas, quem diria?!... Ella não tem, absolutamente, apparencia de tal! Eu mesmo a tenho visto tantas vezes, — sempre que passo defronte á sua elegante vivenda, — colhendo flores no jardim, ou sentada á borda da bacia do repuxo, dando migalhas de pão, — ou coisa parecida, — aos peixinhos vermelhos que devem nadar, contentes da vida, dentro daquella agua azulada e limpa... Ainda um destes dias, achei-a tão encantadora naquella postura, que me demorei ali algum tempo, junto á gradil, espiando os seus mais leves movimentos. E era tamanha a sua naturalidade, tão tranquilla a sua pose, que, quando deixei o meu observatorio, fui pensando: "Que ar romantico, o daquella linda creatura!" E, agora, vem você a contar-me que eu tinha pela frente uma louca!... Palavra, custa-me a crer em semelhante coisa!...

—Pois creia! O que lhe disse é a expressão da verdade. Não disse Pascal que "muitas vezes a verdade parece inverosimil?" Ahi está uma verdade desse genero... E sei ainda mais: — sei de que proveio a sua loucura...

—Então, você a conhece de ha muito tempo?...

—Ha mais de quatro annos. Desde que a sua familia veiu habitar essa casa, que, tão acertadamente, denominaram a "Cabana das Flores".

—E foi aqui que ella enlouqueceu?

—Não. Não foi aqui. Foi em Curityba, — poucos mezes antes de se mudarem para cá. Julgo mesmo que tenha sido esse o motivo duma mudança apressada...

—Então, Vamos lá! Conte-me o que sabe della e da sua historia, que isso está me interessando.

Olympio ageitou-se na commodidade da sua mapple e, endireitando o pince-nez de tartaruga, proseguiu:

—E' um caso de amor...

—Mas não romantize...

—Não vou romantizar... Vou apenas narrar os factos nas suas linhas geraes. Como dizia, trata-se dum caso de amor: um caso de abandono irremediavel... Aquella moça, que se chama Regina, e que descende da antiga familia dos Ayres Lafayette, conheceu, lá na capital paranaense, um rapaz, — typo perfeito do arrivista, — dessas aves de arribação que a gente não sabe donde vêm, nem para onde se destinam, nem de que familia nasceram, nem nada, mas que, por serem donos de haveres vultuosos, são admittidos abertamente no seio da sociedade mais alta e distincta, — essa sociedade que, infelizmente, não encontra melhores credenciaes do que seja o dinheiro, para acolher de braços abertos e confiadamente a qualquer *parvenu*... Bastava que o nosso heróe tivesse no seu cartão de visita — como tinha — uma coróa de conde e um nome complicado — Hugo... Hugo não sei de que, para ser acreditado por nobre, duma hierarchia ignorada... Era culto, era viajado... Falava esmeradamente varios idiomas, e o portuguez tão perfeitamente, como si aqui tivesse nascido e aqui tivesse sido educado. Possuia automoveis e appartamentos de preços incriveis... E os seus 30 annos vigorosos eram duma sympathia tão insinuante e irresistivel, que não havia mulher que o visse, sem que ficasse logo inteiramente perdidinha por elle. Isto era mais que o sufficiente para que todas as portas se lhe abrissem escancaradamente. Ora, Regina era rica. Era, como ainda é, riquissima!... Viu-o pela primeira vez numa recepção dada por uma das familias de maior prestigio social de Curityba. E... "vel-o e amal-o foi obra dum momento"... Muitas coisas eu posso supprimir desta narrativa: são esses incidentesinhos, esses logares communs proprios de todas essas paixões aloucadas — factos que se repetem quotidianamente, invariavelmente, e que, por isso mesmo, já se tornaram sediços... enfadonhos. A verdade é que, dum simples *flirt*, ambos pularam logo para uma dessas *liaisons* que deitam raizes profundas, difficeis de serem extirpadas aos corações... Hugo era um grande comediante: certo de possuir de corpo e alma aquella moça rica e linda, — sobretudo aristocratica, — fingiu por ella uma paixão enorme, que bem longe estava de sentir... E Regina deixava-se levar, deixava-se ir, inteiramente

O COMMENTARIO

É muito conhecido aquelle epitaphio epigrammatico que diz que certo individuo teria escapado da molestia, si não morresse da cura... A cura, com effeito, é um perigo, porque os remedios são, geralmente, perniciosos e os medicos sem escrupulos vão receitando a tôrto e a direito, afim de protegêrem seus amigos pharmaceuticos.

Eis porque causou verdadeiro escandalo a attitude dum desses, no Decimo Congresso Brasileiro de Medicina, o sr. Virgilio Lucas, o qual propôz uma campanha junto aos esculapios, afim de demovêl-os da mania de impingir remedios, que, ingeridos abusivamente, causam por ahi maior mal do que as doenças. E' necessario louvar o gesto do sr. Lucas, o qual, como boticario, somente deveria ter interesse em vender remedios. Todavia elle se insurge contra o abuso, máu grado todos os prejuizos que lhe possam advir dessa attitude, o que prova que é um homem de principios e de caracter. Registemos com prazer o seu acto humanitario e justo.

Em verdade, muito defunto por ahi teria escapado da enfermidade, si não morresse dos remedios...

mergulhada naquella onda de felicidade avassaladora. Já se tinha tornado officialmente a noiva de Hugo, e, com anseios irreprimiveis, esperava para breve a realização daquelle enlace, que iria cumular de ventura a sua mais dourada aspiração. Mas...

— Já estava tardando o tal de "mas"... — observei.

— E' a cauda... O veneno guarda-se na cauda... E agora apontou o rabinho, o diabo do "mas" — palavrazinha que tem estragado a vida a muita gente... Mas, certo dia, Hugo desappareceu da circulação... Partiu. Partiu de mansinho, com todas as suas bagagens, e com os seus dois automoveis de

O CONTO BRASILEIRO

(Continuação)

* * *

luxo... Partiu, sem deixar o menor vestigio, sem deixar o menor traço de si, a não ser a ruina, o escombro do maior sonho que se aninhára no coração enamorado de Regina de Ayres Lafayette...

— A velha historia!...

— Sim. Justamente sempre a eterna repetição da velha historia dos abandonos desesperantes... Soube-se mais tarde que o "conde" não passava dum arrematado *scroc*, e que a policia de varios paizes europeus trabalhava incansavelmente para deitar-lhe as mãos... Dahi a loucura da pobre moça. Uma loucura muda... sombria... só sacudida de quando em quando por accessos violentos de lagrimas convulsivas, ou de gargalhadas estridentes...

Olympio fez uma pausa, e concluiu:

— Contou-me pessoa de sua familia que esses ataques se produzem principalmente quando ella escuta de algum automovel que risca rapidamente a pavimentação da rua onde ella mora, o *klaxon* guttural que parece clamar, num sarcasmo diabolico, o nome odiento do homem que a desgraçou: — *Hu-go... Hu-go!...*

O "Charleston"

DAS tres para as quatro horas da tarde de um dos dias da semana passada, na rua*** havia grande agglomeração de gente em frente a um predio. Sabia-se que uma senhora idosa, de compleição robusta, havia jogado pela janella, á rua um pobre diabo.

O infeliz fôra moido a pancadas, estava ensanguentado e contorcendo-se de dôres.

Um transeunte compadecido chamou a Assistencia.

Levado a um dos postos de soccorros, foi convenientemente medicado e depois internado numa casa de saúde.

Apesar de muito assediado, não contou á policia a verdadeira historia de sua infelicidade. Não queria que a justiça interviesse no caso.

Era um negocio intimo de familia e não convinha accusar ninguem, pensava elle.

* * *

Numa pharmacia apresentou-se um homem de constituição franzina, de ar alegre e aparvalhado, a pedir um remedio para rheumatismo.

— Sabe como se chama o remedio? — pergunta o pratico de pharmacia que o veio attender.

— E' o charleston.

— *Charleston?*

— Sim, moço, eu bem me lembro do nome, é o *charleston*.

— Para quem é o remedio?

— E' para minha sogra.

E ajuntou:

— A pobre da velha geme como uma desesperada; está tão atacada que só anda de muletas em casa.

— Bem, disse o pratico, eu vou vender-lhe o remedio. Mas tenha muito cuidado ao ministral-o. E' um pó maravilhoso de effeito rapido e seguro, que só deve ser applicado durante o somno da doente.

O freguez sahe apressado, após receber o remedio.

Por felicidade, ao chegar á casa, a sogra estava dormindo.

A velha roncava como uma buzina numa cadeira preguiçosa.

A occasião era asada para o tratamento.

Tira uma pitada do pó e applica no pescoço da sogra.

Desperta a doente, coçando-se toda e pergunta ao genro na maior irritação:

— Que está o senhor passando em mim?

E' o *charleston*, que a senhora mandou comprar na pharmacia.

— O *charleston!* O senhor está maluco? Eu pedi foi chloretona, seu bandido!

E, num estado de incontido furor, levanta-se a velha e esmurra-o sem piedade.

Não satisfeita ainda, a desalmada derruba-o, desanca-o com a muleta, e, agarrando-o pelos braços, jogou-o pela janella, á rua.

O resto já foi dito ao leitor, linhas acima.

O que o pratico de pharmacia havia vendido para o rheumatismo da velha, fôra o pó de mico...

LEOPOLDO D. AMARAL

O distribuidor de Liberdade

De CAETANO BEZZI

A praça da villa estava inundade de gente. Bancos, mesas, balcões repletos de mercadorias de differentes classes e côres; gavetas e carrinhos ambulantes cheios de gulo-seimas; cestos adornados de flores. Por toda parte a gritaria confusa e ensurdecedora dos vendedores e o fluctuar dos curiosos desfilando lentamente entre os apinhados postos de mercadorias.

Em um recanto da praça um vendedor de passaros tinha, alli nhadas sobre uma longa mesa, cerca de vinte gaiolas com uma pittoresca collecção de canarios saltitantes, que expandiam um tremulo e vibrante concerto de gorgeios e de trinados por cima do intenso murmurio daquella gente alli reunida.

Entre tanta confusão se fez notar, attrahindo a attenção geral, um homem que avançava, dirigindo-se áquelle ponto. Sua cabeça energica entre a multidão, sobre a dos demais. Era uma cabeça especial e rara, que apparecia sob um amplo chapéo negro, pequena, com um nariz vermelho, que despontava quasi timidamente debaixo de um enorme par de oculos e sobre uma bocca de extraordinarias dimensões.

Numa palavra, uma figura extremamente ridicula, que attrahia, e não sem motivo, a attenção do povo que circulava pela praça.

Dois negros e brilhantes olhos de myope se fixuavam já nas gaiolas dos passaros.

O corpo esquisito e tremulo daquelle homem, todo vestido de negro, estava apropriado para aquella cabeça ridicula, resultando do conjuncto um typo estrambolico, que bem poderia ser um excellente modelo para um pintor futurista.

Aquelle homem, ao chegar junto ao vendedor de passaros depois de falar e discutir longamente com elle, lhe pagou determinada quantia, e, em seguida, abrindo uma das portinholas de todas as gaiolas, que o dono poz á sua disposição, deu liberdade aos pequenos prisioneiros, que revolutearam em torno, num vôo confuso. E deante da multidão que contemplava surprehendida, aquella scena, gritou, com voz rouca e sonora como a de um alto-falante:

— Viva a liberdade!...

•

CINCO annos antes o advogado De Cimbalis, apesar de sua phantastica estatura e de suas ridiculas feições physicas, pelas quaes nada tinha que agradecer á natureza poderia considerar-se um homem feliz, um homem a quem todos acatavam e invejavam. Casára-se com uma bellissima e intellegente moça que conheceu primeiro na universidade, como estudante de direito, formada depois, como substituta tambem em seu proprio escriptorio de advocacia e, finalmente, como sua propria mulher.

Sua vida conjugal deslisava com toda normalidade. Amava sua esposa, ou melhor: adorava-a. Procurava sempre satisfazer a seus menores desejos e caprichos. Exigia, apenas, della, em troca disso, uma continua communidade de vida, sendo, como era, extremamente ciumento de tudo e de todos. Um dia, fez a sua mulher esta observação:

— Minha mulherzinha, tu sabes quanto te amo, e, por isso, acharás razoavel este novo desejo meu, que exigirá de ti um pequeno sacrificio.

— Estou prompta a ouvir-te, querido.

— Sempre me quizeste, não, de certo, por meu aspecto exterior, mais porque apreciaste minha pequena intelligencia e pudeste convencer-te de que sinto por um affecto tão grande que quasi se podia chamar devoção.

— E por que me fazes agora este discurso? Bem sabes...

— Repito-to, porque quizera ter-te sempre a meu lado, até no escriptorio, como outr'ora...

— Temerias, acaso?...

— Não, não; sou muito feliz para duvidar de ti ou temer alguma cousa. Tenho-te muita estima. Mas quero-te alli como collaboradora e tambem para substituir-me toda vez que necessitar ausentar-me. Bem sabes que meu socio é um typo estranho: parece-me que cuida mais das mulheres lindas do que das obrigações profissionaes. E eu não posso estar sempre no escriptorio.

— E achas que teu socio me acceitará a mim, de bom grado, como terceira collaboradora?

— Forçosamente. Elle está ligado a mim por cadeias que não se podem romper. Eu lhe dei posição. Seu nome se mantém á custa do meu. Por outro lado, me deve algum dinheiro... Como vês, é quasi um prisioneiro meu.

— E eu...

— Tu serás minha prisioneira de amor, só porque quero que estejas sempre commigo.

— Serei, pois, tua prisioneira, si assim o desejas.

•

UM desventurado dia, ao regressar o advogado De Cimbalis, depois de uma breve ausencia, a seu escriptorio, ali não encontrou nem seu socio nem sua mulher. Encontrou, no entanto, uma carta que dizia o seguinte:

"Escreve-te tua prisioneira de amor, ao recuperar sua liberdade em companhia de outro — teu prisioneiro de interesses.

"Tu és intelligente. Acalma-te e reflecte. Convencer-te-ás de que os fugitivos não são os culpados. O unico culpado é teu egoismo. Si encerraste dois passarinhos em uma gaiola dourada, com o proposito de que só para ti cantassem os seus melhores e mais doces cantos, si pudem, assim, ser culpados... commum tristeza da escravidão ... se comprehenderam e se amaram.

"E agora os teus passarinhos abandonaram a gaiola e a sua prisão, para voar para longe, para muito longe, afim de cantar o amor e a liberdade."

•

COMO o raio, que reduz a ... ruinoso tronco a arvore robustissima pelos beijos do sol e fecundo cálido contacto da terra, — assim a repentina dor destruiu o fórte animo do advogado De Cimbalis, e, offuscando-lhe o cerebro, reduziu á condição de um maniaco vagabundo, distribuidor de liberdade, — dessa liberdade que havia destruido por completo a intelligencia e seu coração.

URODONAL

combate o rheumatismo

ANTES DO TRATAMENTO

APÓS O TRATAMENTO

URODONAL
limpa o rim, lava o figado e as articulações. Torna as arterias flexiveis e evita a obesidade

Approvado pelo Departamento Nacional de Saúde Publica do Rio de Janeiro. N.º 52 — 10 de Junho de 1918.

Établissements Chatelain
12 Grandes Premios
Fornecedores dos Hospitaes de Paris
2 e 2 bis, Rue de Valenciennes, em Paris
e em todas as Pharmacias

Pears

o sabonete puro

Usae PEARS com regularidade... e uma pelle macia bem cuidada será a sua recompensa

BOLAS PARA TOILETTES

Feitas do sabão transparente original e moldadas para caber na mão. São sabonetes extremamente refrescantes e proprios para climas quentes. Em tres tamanhos.

SABONETE PERFUMADO TRANSPARENTE

Em fórma oval. Perfeitamente concentrado e de longa duração. Seu perfume é deliciosamente refrescante. Muito usado em climas quentes.

O MORTO QUE ENLOUQUECEU

CELESTINO ROUGEOT, negociante em madeiras, viuvo ha dez annos, resolvêra casar de novo. Assim, de accordo com sua noiva, foi ao Registo Civil de sua terra, afim de tirar os necessarios papeis para a cerimonia.

— Que deseja o senhor — perguntou-lhe o encarregado.

— Vou casar-me, e venho requerer os documentos de que preciso para esse fim.

— Seu nome, sobrenome e circumstancias pessoaes?

— João Baptista Celestino Rougeot.

O encarregado fez um gesto de surpresa.

— Que diz o senhor?

— João Baptista Celestino Rougeot.

— Pelo que vejo, meu amigo, o senhor vem com vontade de brincar.

— Por que?

— Porque João Baptista Celestino Rougeot morreu.

— Morreu?!...

— Morreu e foi enterrado ha seis mezes.

— Vejo que quem está com vontade de brincar é o senhor.

— Falo seriamente — ajuntou o encarregado. — Seu cadaver foi encontrado em um rio. Revistado, não demoraram em apparecer documentos bem authenticos de identidade. Alem disso, foi reconhecido por varias testemunhas. Das diligencias que, então, se procederam, se veiu a saber que o o morto se suicidára, atirando-se á agua, para fugir a acção da justiça, que o perseguia por um roubo que elle commettêra em um povoado vizinho. O attestado de obito foi legal e devidamente registado.

— Tudo isso póde ter occorrido como o senhor diz. Mas a verdade é que eu não estou morto e nunca roubei nem fui condemnado.

— Engana-se o senhor: João Baptista Celestino Rougeot morreu. O Registo do estado civil dá fé disso, e eu não sei, nem posso, nem devo saber nada.

Falando assim, o encarregado tomou um livro e mostrou a Celestino o correspondente attestado de obito.

Rougeot, confuso, se apalpou, perguntando si verdadeiramente teria morrido sem o perceber. Pareceu-lhe, no emtanto, que estava bem vivo, e lembrou-se que, ao ir ao Registo Civil, entrára no café, onde um amigo lhe estreitou a mão, e juntos os dois beberam uns boocks, e que, na vespera, o delegado municipal lhe havia apresentado uns recibos. Não, não estava morto.

— Senhor encarregado — disse humilde e cortezmente, — sem duvida ha um erro nesse attestado.

— Não ha erro que o salve. O Registo do estado civil faz fé.

— No emtanto...

— E' inutil que insista o senhor.

— Mas si eu não estou morto!

— Para mim o senhor morreu, e isso basta. O attestado está ahi. Si o senhor pensa de outra fórma, que o prove sufficientemente.

— Annulle esse attestado.

— Annullar um attestado de estado civil!

O negociante de madeiras começava a intranquillizar-se.

— Escute-me, senhor encarregado. O senhor conhece-me perfeitamente, e não póde haver esquecido que até negociámos juntos.

— Isso é outra cousa. O senhor, com effeito, se parece com Celestino Rougeot. Mas isso não muda em nada o caso.

— Então o senhor me reconhece? Sim ou não?

— E que prová isso? Ha duas pessoas em mim: Estanisláu Baudru e o encarregado do Registo Civil. E' possivel que Baudru o reconheça. Mas o encarregado, nem o conhece nem póde conhecel-o. Comprehende?

— Confesso que não o comprehendo muito bem. Reconhece-me o senhor?

— Minha pessoa, sim.

— Nesse caso, não morri.

— O encarregado do Registo Civil não o reconhece. São cousas differentes, comprehenda-o o senhor.

Rougeot poz as mãos na cabeça. Exclamou:

— Meu Deus! Isso é um absurdo. Eu quero casar-me.

— E' impossivel.

— Como puderam assegurar que o afogado e eu eramos a mesma pessôa?

— Pelos documentos encontrados com o cadaver.

— Que documentos?... Ah! Agora comprehendo. Perdi minha carteira de identidade ha cerca de oito mezes. Um vagabundo qualquer a encontrou, e vem dahi o erro. E' rectificar o engano agora.

— E' claro. Mas não assim tão facilmente. O senhor morreu legalmente. E' necessario uma sentença do tribunal competente para annullar seu attestado de obito, e outra sentença para devolver-lhe sua personalidade civil.

— E que tenho a fazer?

— Isso é lá com o senhor. Informe-se.

— E' demais! Si eu morri, como e que pago impostos?

— A mim não me importa isso.

— Desde que não estou morto para pagar, não devo, tambem, estar para casar.

— Prove-o, então.

— Como?

— No juizo respectivo.

— Eu não morri... essa!

— O senhor morreu administrativamente, mi-nis-tra-ti-va-mente — disse o encarregado, accentuando as syllabas da palavra.

— Uma vez que sou morto, que occorreria

EUGENIO FOURRIER

eu lhe desse um murro no nariz?

— Fal-o-ia prender.

— Então eu não estaria morto.

— E' inutil que discutamos. Faça reintegrar-se em seus direitos por uma sentença, e depois veremos.

— Meu Deus! Que fazer? Eu conheço o juiz. Seria conveniente que fosse falar com elle?

— Acho que sim.

O negociante em madeiras sahiu, vacillando, do Registo Civil. A duvida se havia apoderado delle. Estava realmente vivo? Não seria victima de um estado lethargico ou de um pesadelo horrivel? Ia pela rua como um automata, e assim chegou á casa do juiz. Este o recebeu inimediatamente.

— Bom dia, senhor juiz — disse Rongeot.

— Bom dia, senhor Rougeot.

— O senhor me reconhece? Sou eu, com effeito, Celestino Rougeot? Não se engana o senhor?

— Ora, por que é que vou me enganar? O senhor é Rougeot, o negociante em madeiras.

— Mas o encarregado do Registo Civil assegura que eu morri. Que lhe parece isso?

— Bôa pilheria!

— Não morri ainda?

— Naturalmente, uma vez que está aqui falando... Mas quero crer que não terá vindo visitar-me para isso.

— Para nada mais do que isso. Eu sou viuvo, como o senhor sabe. E penso em casar-me outra vez. Apresentei-me no Registo Civil, para tratar dos papeis, e o encarregado me disse que, ha seis mezes fóra alli registado meu attestado de obito, por causa de um individuo que se apropriou da carteira de identidade que eu havia perdido.

O juiz adoptou uma atitude mais fria.

— Seu attestado de obito está registado no Registo Civil?

— Sim, senhor. Eu a vi.

— O caso é muito mais grave do que eu pensava — exclamou o juiz.

— O encarregado nega-se a casar-me. Espero que o senhor lhe ordenará a fazêl-o.

— Impossivel. O encarregado fez bem. Seria illegal, e a responsabilidade recahiria sobre mim.

— Mas eu não morri, e o senhor mesmo acaba de m'o dizer.

— E' que eu ignorava... Mas não se póde casar a um morto.

— Mas si eu não estou morto!

— O senhor não está morto. Mas legalmente falleceu, e essa é a verdadeira morte... Agora me lembro perfeitamente que eu assignei a acta de seu attestado de obito.

— E que tenho, então, a fazer?

— Não o sei. E' necessaria uma sentença para reintegral-o á vida civil. Consulte algum advogado.

— Consultar advogados?... Terei que pagal-os.

— Provavelmente. E' causa longa e custosa.

— Mas, como! Os outros se enganam e eu é vou reparar o erro á minha custa?

— Não ha outra solução.

— Seu testemunho deve bastar, senhor juiz.

— Isso não basta. Eu o reconheço. Mas o juiz não o conhece.

E o zeloso funccionario empurrou, suavemente, para a rua, o negociante em madeiras.

Rougeot andava como um ébrio, tão perturbado estava.

— Estou morto — dizia de si para si. — E' estranho! Eu suppunha depois de morto, não se soffria mais.

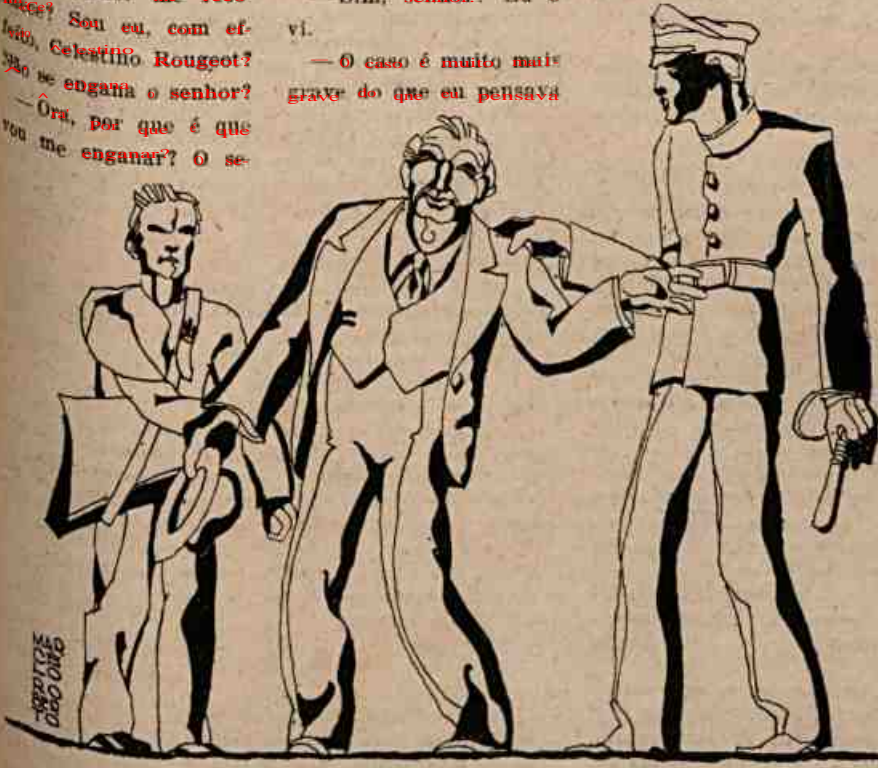
Passou um jornaleiro, gritando os seus diarios. O negociante em madeiras pediu um.

— São duzentos réis — disse o jornaleiro.

— Duzentos réis! Eu estou morto, e, portanto, não pago...

O jornaleiro chamou um guarda. O viuvo, rindo ás gargalhadas, deu um empurrão no guarda, que cahiu.

Foi preso. Mas continuava a rir, a rir... Estava louco!

(*Traducção de Martins Capistrano*).

DECOURT.

De
HORMINO LYRA

DISSE-ME noutro dia Murillo Araujo que pessôa da sua familia fôra attendida pelo dr. Eugenio Decourt, e accrescentou:

— E' um medico notavel.

— Conheço-o.

— Conhece-o?

— Sim. Aprecio-o muito. Sou-lhe grato. Devo-lhe gentilezas.

— Mas... conhece-o de onde?

— De Campinas. Do Centro de Sciencias, Letras e Artes da princeza do Oeste, ao tempo em que alli pontificava o saudoso Alberto Faria. Fui director primeiro secretario daquella nobre agremiação, por deferencia especial dos illustres consocios, quando era Faria o seu orador official sob a presidencia do dr. Antonio Lobo, que accumulava a presidencia da Camara estadual paulista! Honra-me ainda pertencer ao Centro, pois, em virtude de fazer parte da directoria, quando mudei de residencia, fui transferido para o quadro de socios correspondentes.

Alli palestrava eu diariamente com o Decourt, que é um bello espirito. Alli fizemos optima camaradagem.

Scientista de facto, muito estudioso, é um grande cirurgião; além de ser artista por indole, um *virtuose*, eximio violinista. Quanto á sua arte, não gosta elle que della se faça menção, repetindo sempre que "isso ficou lá por Campinas: aqui ninguem trata desse assumpto!"

Por volta da grande guerra européa, foi duas vezes á França, com o fim especialissimo de estudar os casos extraordinarios de cirurgia que appareciam nos hospitaes francezes. A' primeira vez acompanhou a missão Nabuco de Gouveia; á segunda foi acompanhado da excellentissima senhora, de quem é excellente amigo.

Na França, não sabe si por influencia do nome, teve chammados clinicos e, por felicidade sua, confessa com pureza de animo, não aviou um só cliente para a eternidade.

* * *

Ahi terminaram os meus informes ao mavioso poeta. Agora, porém, e bem a proposito, vou contar um caso ao leitor que por acaso leia estas desinteressantes linhas.

Ha um lustro, mais ou menos, fui acommettido de certo genero de nascida dentro do nariz. Não sendo este dos menos proeminentes, deu para intumescer e ficou tão disforme, tão desproporcionado, tão grande, que me dava a impressão de ameaçar ruina, aluir-se e até desabar! Tenho a louvavel mania de estudar o meu organismo, de ser o medico de mim proprio, mas, desta feita, e por deixar a prezada esposa em socego, reconheci o dever de procurar um facultativo mais experimentado! Lembrei-me de haver o meu notavel camarada de Campinas voltado de França e fixado residencia no Rio, consoante me participara, e consegui pedir-lhe pelo telephone que me viesse ver. E fiquei firme na convicção de ir entrar nos ferros, como dizem a quem vae soffrer operação cirurgica. Decourt é operador, e não podia eu escapar ao seu gozo da olhar para carne viva a descoberto. E calafrios de vez em vez me arrepiavam, como si fosse começo de frio na sezão. A boa esposa, porém, me tranquillizava, dizendo que, não obstante o doutor Decourt ser operador, talvez não houvesse necessidade de intervenção cirurgica.

Não demorou muito a vir prestar-me os seus serviços profissionaes. Palestramos. Rimos. Relembramos factos de Campinas. Falamos acerca da candidatura do Faria á Academia Brasileira, da victoria obtida na eleição da cadeira de José Verissimo, sob o patro[illegible] de João Francisco Lisboa, e, quando pretendia reti-rar-se, resolveu interrogar-me em tom brincalhão:

— Que tem você nesse colosso?!

— Uma rebelde espinha carnal.

— Deixe-me ver esse nariz...

Examinou-o attentamente e concluiu:

— E' um furunculo de mau caracter. Tenha cuidado com isso. Não lhe toque com coisa alguma. Não lhe faça lavagens. Não bula nesse animalzinho, que é muito atrevido! Deixe-o quieto. Mande comprar vaselina camphorada e vá deitando-a sobre elle com a maxima precaução prudencial.

Dammei-me com o Decourt.

— Vaselina?! Ora, seu doutor... Já ando com a venta cheia de tudo quanto é vaselina: boricada, phenolada, mentolada...

Interrompeu-me, a sorrir:

— Sim. Mas ainda não se serviu da camphorada. Mande comprar e bote ahi. Adeus!

E virou-se para a minha esposa:

— Passe bem, minha senhora. Elle vae melhorar. Si nada me avisarem pelo telephone, fico certo de que o enfermo vae passando sem novidade!

— Sim, senhor. Muito obrigada. Passe bem, doutor.

Enfureci-me com o pouco caso que fez elle da minha enfermidade! Julgava-me eu tão doente, que o mandei chamar...

Emfim, veiu sempre a vaselina camphorada, que substituiu as demais vaselinas; e, dahi a algumas horas, já não sentia trancos no nariz.

— Queres saber de uma coisa, Marietinha? Sinto-me bem melhor — dizia eu á minha amavel companheira.

Na realidade, o remedio obrou promptamente, tornou-se para mim efficaz, infallivel, provado!

* * *

Ha pouco tempo, tive necessidade de chamar o meu amigo para tratar de pessoa muito cara.

Veiu. Depois passou uns dois dias sem visital-a, doente; e, quando de novo me appareceu em casa, notei que o seu orgam do olfato, tambem algum tanto proeminente, mas em todo o caso bem mais apresentavel do que o meu, estava intumescido e avermelhado.

— Que é isso no nariz, doutor? — perguntei-lhe.

— Um furunculo que me está aborrecendo, ha uns dois ou tres dias.

— Que está você botando ahi?

— Nada. Vou mostral-o a um collega.

— Não faça isso... Compre vaselina camphorada e bote ahi, homem.

Encravou os olhos seus nos olhos meus! Achei prudente ir logo lhe adeantando:

— Pois não se lembra?...

E contei-lhe todo o meu caso, avivando a scena da minha impetuosidade. Riu-se e respondeu-me com aquelle seu ar sincero de brandura, de simplicidade:

— Não me lembrava... Quando chegar em casa, vou mandar comprar vaselina camphorada.

No dia seguinte, melhoria da doença. No outro, bem melhor. Em seguida, perfeitamente curado.

Quando percebi que estava restabelecido, por brincadeira, então lhe perguntei:

— Como vae o nariz?

— Está bom. Nota alguma coisa?

— Nada.

— Bom remedio... — rematou elle.

— Não lhe disse que era bom!?...

E riu delicadamente o grande Decourt.

Poemas

FARANDULAM no espaço espiritualizações de ... zinhas léves como o vento... Ha qualquer ... de doçura no ar, fragranciado de aromas ... tos, silvestres... A natureza toda é um ... grandioso de bellezas... O mar azul, espreguiçando-se ... bre o lençol de areia da praia encantadora, virgem ... de civilização, apenas ornada com coqueiros ... abrindo suas cópas para o empyreo num sorriso ... de gratidão à vida exhuberante, tem arrepios ... ros de um amante inveterado. A vegetação ... tende-se imponente nas planuras sem conta, ... longe em longe pelo murmurio suave dos rios ... e acolá uma casinha tosca de palha ou de reboco ... gente forte e sadia vive numa apathia constante ... as estrellas, aprendendo com a passarada os ... deliciosos das mattas, que elles repetem como ... dolentes ao soluçar de uma viola...

Ahi, como isolados do mundo, é que os felizes ...

FOI na provincia. Havia muito tempo que ... não se deliciavam com a figura meiga de ... blante. Um dia, num passeio despretencioso, ... trei-a. Julguei que ella não mais me conhecesse ... nei-me. Sorridente, estendeu-me as mãos ... sincero e fomos conversando... Ella estava toda ... to, de luto, e suas linhas, perfeitas, alvas, destacavam-se, ... realçando sua belleza sem artificios. Em sua ... fina a encantadora creatura ia-me sensibilizando ... phrases delicadas, transparecendo sua amizade, essa ... zade quasi amor...

Terminado o passeio, despedimo-nos sem uma ... Tomei de suas mãos e beijei-as num transporte ... medo, repetiu o que eu fizéra... Como são ... Nos grandes centros, a vaidade, o luxo tantas ... judicial e a hypocrisia... Lá, nas capitaes ... sempre o mesmo grau de singeleza e bondade ...

EU era pequeno. Estava no dilúculo da vida. ... Com um traço de papel amarrarado, mima... eu chamava de papagaio, corria de um ... outro, gritando... Depois, o bimbalhar festivo ... nos e muita gente que passava sobraçando ... e a pequena do lado, uma creança que diziam ... braço direito para travessuras, com um brinquedo ... nas mãos, aguçou-me a curiosidade infantil ... a torto e a direito, o que era...

— E' o Natal, meu filho. E' o nascimento ... do céu... — respondiam-me.

Eu ficava radiante. Contavam-me historias ... cousa bonita que eu ouvia, sério, como ... sem meu futuro. Mandaram-me collocar um ... fogão. Eu, apressado, estendi todos os sapatos ... fila. Ao alvorecer, deram-me presentes e todos ... vam-me, davam-me beijos...

Hoje, sei que é um grande dia, porém, ... evoco com saudades... Ninguém me dá nada ... menos uma caricia e beijos... Como tudo passa ...

A calma reinante no recent bairro distincto ... proverbial. Nunca houve um escandalo. ... luta maculou o asphalto de suas ruas ... Seria falta de progresso ou de civilização!? ... Perguntei de amigos e soube que no bairro ... velhos, sem esperança...

Paulo Nerey

O esquecido da vida

De Santiago de Murity

Os meus parentes me deixaram, e os meus conhecidos se esqueceram de mim (Job, c. 19, v. 14).

A MANHÃ de Paschoa de 1920 alvorecia pesada e nevoenta, quando na sala commum do hospital da Misericordia, um homem pallido, de aspecto quasi irreconhecivel, porque tinha o rosto todo enfaixado, abriu os olhos e suspirou.

A tragica aventura de Roberto Dias começava assim desse modo.

Ha um anno antes, tudo eram alegrias, felicidade na vida desse rapaz, rico, insinuante, de temperamento impetuoso e ardente. A felicidade viera-lhe, naturalmente, sem grande esforço. O casamento com uma jovem, formosa, bôa e dedicada, não o contentára no entanto. A novidade attrahia-o. E, na esposa do seu mais intimo amigo encontrou a sua mais estupenda novidade.

E foram mezes de uma sensação gostosa que perdurou em sua alma por muito tempo. Mais tarde, porém, veio a calma e com ella a reflexão. Elle sentiu pela primeira vez verdadeiro horror de si mesmo. Todos os dias, não era mais que uma comedia, uma triste comedia, que representava, deante daquelles a quem mais queria bem na vida. Tinha impetos de gritar, de bradar aos céos todo o seu crime, de dizer ao mundo, que era um vil, um covarde. E aquelles dias que passára a sós com ella, na praia de banhos... Os dois sozinhos... os dias mais bonitos da vida. Agora, cessada a febre que o poz fóra de si, uma tortura moral era a lembrança de seu peccado. Desde então elle não tem senão um desejo: o de não querer mais a vida, de voltar para traz, de recomeçar. Mas de que maneira? O terrivel accaso, incumbiu-se d'isso.

O trem em que voltavam, corria como um doido. Na penumbra azulada do carro, todos dormitavam. Somente elle está acordado. Pensa. Não póde precisar que será a sua vida agora. Vivêra em um paiz de sonho, e a sua volta á realidade só lhe trouxera amargo arrependimento. Nervosamente, sem um minuto de descanço, uma viagem horrivel. O resfolegar da locomotiva, o barulho incessante das rodas, a musica trepidante dos vagons tudo o irritava. Suffoca-o. Precisa de ar. Vae até a portinhola do carro. Respira com força. E' noite. Um frio cortante fustiga-lhe o rosto. Vê as horas. Faltam duas para chegar. De repente, um barulho ensurdecedor, um choque formidavel, e sentiu-se atirado longe. Fez-se a noite em seu cerebro.

* * *

ROBERTO abriu os olhos. Uma dôr aguda na cabeça fal-o levar até ella a sua mão. Estava enfaixada. Não póde recordar-se. Que significa tudo aquillo. E a razão quasi lhe foge. Grita. Uma enfermeira acode-lhe.

— Pelo amor de Deus, que quer dizer isso? Por que estou aqui?

— Até que enfim, senhor, já póde falar. Ha mais de quinze dias que ahi está, inerte, sem se mover, quasi morto. Deixe que lhe explique. Foi em um desastre horrivel, em que muita gente morreu. O senhor estava entre as victimas, ferido mortalmente. Tinha a cabeça partida, e o sangue jorrava-lhe pelo rosto todo. Na confusão dos primeiros momentos, não pudemos identifical-o. Demais, ninguém o veio reclamar. Ninguém o reconheceu. E aqui ficou, e aqui foi operado. Foi necessario fazer-lhe uma trepanação. Quer que avisemos a sua familia? Elle, então passa a mão pela testa, e...

"Desastre? operação? familia? Meus Deus! que confusão medonha... eu não sei de nada... não me lembro..."

— "Mas, então, e o seu nome? Talvez, possamos..."

— "O meu nome?

E apertando a cabeça com desespero:

— Não sei de nada. De nada! Que horror!"

A enfermeira, penalizada, da-lhe uma injecção, e elle dorme.

Veiu, depois a convalescença. Foi longa e dolorosa, porque, se setia sozinho e isolado em sua dôr. Passa os dias num mutismo completo, sem perguntar nada, sem pedir nada. Chegára á comprehensão de que é um infeliz, um dos muitos, que nessa vida, não têm "uma pedra onde descansar a sua cabeça".

As enfermeiras, que o enxergavam assim, alheio aos movimentos da vida, diziam: "Pobre coitado! A operação tirou-lhe a razão. Está completamente perdido." E' isso mesmo. Era um louco, um pobre louco, sem destino e sem carinho.

Sahe do hospital. Tudo lhe parece tão estranho... Tinha a impressão de que s o n h a v a, que aquillo tudo não podia ser verdade. E no entanto... Precisou trabalhar. Trabalhou no campo nas fabricas, em todo lugar. Viu, de perto, a miseria, a fome.

Aprendeu a dura licção da vida, no soffrimento. Olhava o mundo com desprezo, senão com aborrecimento. Que adeantava?

Somente uma coisa o preoccupava. Era a tristeza de ser só...

O esquecido da vida
(CONFISSÃO)

Em meio de seu caminho, [illegible] alma gemea da sua [illegible] hende a sua tristeza [illegible] cam os melhores amigos [illegible] mundo. Porque ambos tinham [illegible] cessidade do esquecimento [illegible] dia...

"Quem é você, meu amigo? [illegible]" "Eu? Para que quer você [illegible] quem sou? Não basta a [illegible] pessoa? quer o meu nome [illegible] bem?"

— "Não, não é isso. Você [illegible] sempre tão triste... Pensei [illegible] tinhas saudade de alguma cousa de seu passado..."

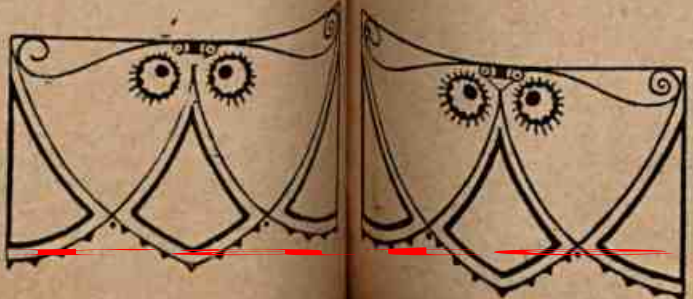
— "O meu passado... [illegible] eu não tenho passado... [illegible] no presente. O que ficou lá [illegible] não me interessa porque [illegible] mo não sei o que é. O meu nome [illegible] Você já viu alguem sem [illegible] Pois então olhe para mim. [illegible] mundo, tudo devia ser anonymo. Seria muito mais interessante. Você falou em saudade. Pode a gente ter saudade de cousas que não se lembra? Você sabe que é um homem perdido no [illegible] da multidão? Eu sou assim."

— "Eu não entendi isso muito, mas em todo caso... Você é sempre indifferente. Não [illegible] Tenho medo dessa apathia." Você [illegible]

— "Admiravel interesse. [illegible] assim tanta importancia a essas miseraveis cousas da vida! [illegible] O riso é a manifestação [illegible] idiota da felicidade. O commum dos mortaes ri, mas eu... [illegible] que?" — "Você é complicado, quasi difficil." — "E' por [illegible] que penso que você não poderá ser feliz commigo. Tenho pena de você, pequena." — "Não; eu serei feliz, porque em você encontrei sinceridade. Você é differente, [illegible] amigo, inteiramente differente dos homens que conheci até hoje. Foi por isso que reparei em você." E o destino os uniu, nessa facil felicidade dos desilludidos.

* * *

Um dia, bruscamente, um clarão, um desses estalos de que tanto fala o padre Vieira, trouxe-lhe a visão clara do que fôra. E agora? O passado não lhe trazia senão uma unica alegria. O seu nome, a sua mulher e a sua posição na vida. O mais, eram cousas que precisava esquecer de novo. Desde então não teve senão um pensamento. Como fugir á realidade sem fazer soffrer. Então elle foge... Foge como um criminoso. Quanto tempo decorrera desde a sua desgraça? Nunca fizera menção do tempo. 1925... 4 annos se passaram. Nesse intervallo quanta cousa poderia ter acontecido! Tem medo até de pensar. E si ella o esquecera? Poderia sacrifical-a ao seu egoismo? Que importa!

Quer o seu nome... E então ella soube... Ella se casára, e com quem? Deus de j u s t i ç a ! Com aquelle que mil vidas que tivesse não teriam bastante para pagar todo o mal que elle lhe tinha feito. "Que será de mim agora?" A pergunta sahira-lhe simples do peito e não encontrava uma resposta. Sempre se bastára a si proprio, nunca tivera esperanças de soccorro moral, fóra de si mesmo. Não tinha fé. Comprehendeu que nada no mundo poderá desfazer o que estava feito. Ninguem seria testemunha de sua intima lucta. A vida é má, assim pensou. Os vivos não podem viver, junto com os mortos e elle era um

A noticia de sua volta desorganizaria a felicidade de muita gente. E elle? Receberia a l g u m a cousa em troca? Emquanto não e s t i v é r a lá, outros fizeram a vida... E' preciso renunciar para que estes outros vivam felizes. Olha tristemente, para o pobre farrapo humano que é hoje. O mundo o tomaria por um louco, ou por um aventureiro. Nunca porem, como o elegante Roberto Bins.

O seu destino viera-lhe ao seu encontro. Não devia fugir á sua sorte. Era, e continuaria a ser, o esquecido do mundo.

Vae até o cemiterio. Alli com certeza elle não foi esquecido. Procura a sua tumba. Lá está ella muito branca, muito florida attestando a lembrança que deixára. Alli dentro, encerra um corpo que não é o seu, mas que é elle, na realidade. Era "um simples sepulchro calado, que só encerra miseria e podridão. Com os olhos esgazeados, espalha aquellas flores todas pelo tumulo que era o seu. Passa uma mulher do povo, e vendo-o assim pallido, pergunta-lhe com a curiosidade inutil dos desoccupados:

"E' parente do morto?" Elle olha-a espantado, e, dando uma gargalhada, responde: Eu? Eu sou o fallecido Roberto Bins."

E terminou assim a dolorosa aventura de Roberto Bins.

O NOIVO DE GERTRUDES

DE H. DE SAR-TARNÉS

GEORGETTE, vinte annos.
BRANCA, vinte e um annos.
UMA CREADA DE QUARTO.

(No pequeno "boudoir" de Branca, onde ella está occupada com os seus bordados, Georgette, sua amiga, entra bruscamente.)

GEORGETTE — Bom dia!

BRANCA — Bôas! És tu? Que agradavel surpresa!

(As duas jovens se beijam, e Branca olha curiosamente a sua amiga.)

Tens um ar muito alegre! Que ha de novo? Vens annunciar-me o teu casamento, por acaso?

GEORGETTE, *com um ar mysterioso.* — O meu casamento? Não! Estás apressada! O meu noivado, dentro em breve — pode ser... e, certamente, desde já, esperanças de casamento.

BRANCA — Si não se trata senão de noivado, não é nada de mais. Posso annunciar-te outro tanto...

GEORGETTE — Ah! devagar, minha querida amiga! O meu noivado tem fundamento. Ou eu não me conheço, nesse particular...

BRANCA — E o meu tambem, não te desagrada, penso eu.

GEORGETTE — E' verdade? Tu me contarás tudo, não é?

BRANCA — Sim, mas conta-me primeiramente a minha historia, para começar.

GEORGETTE — Com muito prazer. Vaes julgar agora o meu caso. Verás que não exaggero nada e que tenho razão para fundar serias esperanças no futuro, segundo o que me foi dito. Ha justamente oito dias que encontrei o homem que occupa os meus pensamentos. Foi num jantar em casa da minha tia. Tinha por vizinho de meza um formoso rapaz que eu via pela primeira vez. Não direi o seu nome, é prudente. O nosso projecto bem pode falhar. Basta que saibas que esse pretendente é um bello moço. Alto, moreno, distincto, goza, além do mais, de uma reputação excellente. Tem um lindo nome, é serio (um pouco mais do que eu desejaria) mas é muito amavel, intelligente, instruido, espirituoso e, o que não é para desprazer, possue uma grossa fortuna.

Apezar disso, não querendo ficar inactivo, decidiu installar-se na Algeria, para dirigir ahi varias propriedades suas, que possue perto de Oran. Confiou-me que não desejava partir sosinho; pensa em casar, mas receia que uma senhorita recuse aceeitar um exilio na Africa, com elle. Isso era dito com tanta simplicidade e modestia, que exclamei logo depois: "Oh! Senhor! Como pode pensar que uma mulher hesite em acompanhal-o, seja para onde fôr?" O sr. X... pareceu commover-se com as minhas palavras tão espontaneas e me olhou com uma expressão tão sympathica que senti um ligeiro rubor cobrir-me a face e subir até á fronte. Conversamos ainda bastante tempo, toda noite, sobre o assumpto e, ao deixar-me, o sr. X... me agradeceu o ter confortado com tão amaveis palavras. Comprehenderás que depois disso, espero a continuação...

BRANCA — E eis que se passaram oito dias e tu esperas em vão!

GEORGETTE — Não perco a esperança. Sem duvida, elle toma informações a meu respeito e sobre os meus; emfim, elle reflecte ainda um pouco, provavelmente; isso se concebe. E tu, qual é a tua historia? Confidencia por confidencia. Estou louca para saber o teu caso...

BRANCA — Commigo, a aventura é mais recente. Data de tres dias. Encontrei o meu heroe em uma *soirée* intima. Tambem não te direi o nome do meu personagem. Como o teu mysterioso, elle é moreno, sério, um pouco sombrio, mas muito amavel. Tem sentimentos elevados, maneiras encantadoras; tem um lindo nome e uma bella fortuna.

Conversamos, literariamente, longo tempo. Confessou-me, com um sorriso, que dizia isto, para quem o comprehende, que ainda não encontrara uma senhorita que estivesse tão ao corrente do surto intellectual, e tão bem dotada, ao mesmo tempo, de conhecimentos sobre a vida artistica do paiz. Imagina que elle havia notado as minhas aquarellas no Salão! Emfim, a sua conversação, os seus galanteios me deixaram sonhando. A sua ultima palavra, sobretudo, abriu uma porta larga ás minhas esperanças.

GEORGETTE — E qual foi essa ultima palavra?...

BRANCA — Oh! eu não t'o direi! Guardal-a-ei no meu coração. Não t'a revelarei senão no dia do meu noivado.

UMA CREADA DE QUARTO, *entra, trazendo á Branca uma carta sobre uma bandeja* — Uma carta para Mademoiselle!

BRANCA, *tomando vivamente a missiva e reconhecendo a letra* — E' de Gertrudes! Que quererá ella me dizer?

GEORGETTE — Lê depressa! Peço-te! Isso me intriga...

BRANCA — *quebrando o lacre, abre a carta e lê. Torna-se pallida.* — Ah, meu Deus! foi possivel!

GEORGETTE — Que foi, que houve?

BRANCA — Gertrudes me annuncia o seu casamento.

GEORGETTE — Pois bem! Tanto melhor para ella. Nós tambem participaremos o nosso, dentro em breve. Que tem que ella case?

BRANCA — E' que... é que... Bem! Vou confessar-te: Gertr...

des vae casar com o sr. Theodoro de Brauley, esse joven de quem me falaste ainda ha pouco aquelle que eu considerava já como meu noivo! Mas que tens? Tambem empallideceste? Estás tremula?

GEORGETTE *perturbada* — Theodoro de Brauley! Mas é delle de quem eu falo! E' elle que quer partir para a Algeria, é elle a quem eu encorajei, é elle que eu esprava.

BRANCA — E' pois o mesmo que fez nascer em nossos corações tão falsas esperanças? E' com Gertrudes que elle casa? Que *blague!* Ah, nós não teriamos razão para nos desolar em perdel-o. Não vale a pena lamentar a sua perda. Primeiramente, elle está longe de ser o que nos alegramos em proclamar; confesso que não o acho intelligente... A escolha que elle acaba de fazer é uma prova disso. Elle não tem espirito. E' mais fatigante que sério; quanto ao seu physico... ande foi que já viu belleza naquelle typo? Na realidade, elle tem um nariz de punhal, olhos de animal, um pescoço de girafa...

GEORGETTE — Tens razão. Em summa, elle não é bello: a sua testa é baixa, estreita, cabellos mal plantados; a sua cabeça é um pouco como a de um cavallo. No conjuncto, não tem graça nenhuma: é um desengonçado.

BRANCA — Absolutamente! Elle tem o ar de um boneco. Agora, reflectindo um pouco mais, não lamento o meu noivado. Seguir até a Africa um sêr tão fatigante, é para fazer morrer de desgosto.

GEORGETTE — Certamente. E, alm do maiés, o seu prenome de Theodoro, não me agrada. Eu não poderia nunca chamar o meu marido por esse nome.

BRANCA — Nem eu tambem! E depois, tu sabes, si nós o tivessemos achado do nosso gosto, uma de nós teria de soffrer com o casamento da outra. Vê, si fossemos ciumentas, que desgraça para ambas!

GEORGETTE — E' verdade. E depois, tu sabes, tudo agora vae muito bem. Ficaremos sempre excellentes amigas. E, demais, Gertrudes está melhor no meio dos arabes do que nós. No fundo, essa perspectiva não me agradaria. E o nosso noivo andou bem inspirado em nos deixar livres de compromisso. Vou agora mesmo felicitar Gertrudes. E' preciso mostrar-lhe que não desejamos. Quereis vir commigo até a casa della?

BRANCA — Não. Vou escrever-lhe. Dirigir-lhe-ei os meus sinceros cumprimentos, assim como a Theodoro, e lhes desejarei, como nos contos de fada, que vivam felizes e tenham muitos filhos.

GEORGETTE — que assim seja, para sempre!

Quem primeiro viu Jesus

De MOLLÉ B

HA muito tempo já, no reinado de Herodes — Antipas, lá para as bandas da Judéa, em uma cidade santa chamada Jerusalém, vivia um homem, cujo nome era Simeão, que éra farto de fé e tinha o penhor de sua alma junto a Deus. Justo e piedoso esse homem, como tronco resequido, porém, ainda com a resistencia vergonhosa da raça de David, a que pertencia, passava elle os dias a suspirar e aspirando a chegada do Messias, de que, seculos passados, haviam fallado os prophetas. E, para que assim fosse, Simeão rogou a Deus, que, ouvindo-o, lhe encheu de Espirito Santo e, pela vóz de um cherubim, lhe annunciára que elle não morreria sem antes vêr o Christo do Senhor. Essa revelação encheu-lhe de tanto alegrar que Simeão se pôz a cantar hymnos de Salvação em louvor Aquelle que vinha redimir o reino de Israel. E dispoz-se a pregar a Bôa Nova que, pela sua vóz, se espalhou, célere, pela cidade e seus arredores, sendo ouvido, por uns, com approvação e alegria e, por outros, com desprezo e negação...

O tempo, porém, passava, e o Christo não dava signal de vida. Essa demora deixava Simeão inquieto e o arrastava á scisma, óra duvidando, óra crendo, sem saber para que lado pender. Nessa duvida se consumia e acontecia, ás vezes, cahir em extase e, assim, alheio a tudo, sahir pelas ruas a vagar, ao léo dos passos. De uma feita, sem saber como, foi, ás tontas, dar no Monte das Oliveiras que, lá encima, dominava a povoação. Ahi, para não tombar, tão cansado estava, coitado! que, para repousar, se encostou a um tronco. E, absorto, com uma alluvião de pensamentos tristes que lhe amartellavam a mente, Simeão derreia a cabeça sobre o peito e scisma...

E nesse scismar nada vê, nada escuta, nem o tempo a dobrar nem o humano soffrer. O ar, tépido e macio, revoluteia em torno delle, espargindo um suave perfume de myrrha, como a lhe defumar o corpo e purificando-lhe a alma.

A crispação amarga de desgosto, que antes o atormentava, fôra substituida em sua bocca por uma curva suave de deleite. Seus olhos, voltados para a extensão vaga do céo, tinham descoberto alem, muito longe, ainda, a fonte d'uma luz dulcissima que, pouco a pouco, ia invadindo todo o panorama com um fascinante esplendor azul. Essa fonte de luz approxima-se, concretiza-se em contornos maravilhosamente nitidos em seu fulgor diaphano. O perfil accentúa-se: é a silhueta de um anjo, que vem voando em sua direcção. Simeão concentra bem a vista, para ver melhor. E se lhe depara um anjo todo de branco, salpicado de estrellas, que, ladeado de outros, vibrando tubos de crystal, vem sorrindo como despertando a natureza, alegrando as aguias, os passaros, as flores, as arvores e fructos. E á medida que se approxima aquelle vulto radioso, á semelhança d'uma cousa maravilhosa, Simeão, entre animoso e temente, tenta fugir, assombrado pelo effeito deslumbrante do estupefaciente espectaculo, que ante seus olhos se representa. Era outra a terra, era outro o firmamento, eram outros os sons. A seus olhos a metamorphose esplendida! O ambiente offuscava-lhe a vista Na encosta do morro os rebanhos seguiam ao tanger dos pastores, no céo as nuvens passavam no vôo de pombas brancas, ruflando as azas; por entre as folhas dos arvoredos o som era trino sonoro de aves e em cada ramo se balouçavam aviarios como caçoilas de harmonia. Era no verde tenro das hervas, onde zumbiam insectos, nas flores sugadas pelas abelhas de ambar, no murmurio das fontes, na crista do monte, em todo um grito de Annunciação! E perdido no effeito roseo daquelle momento de vesper, Simeão viu a imagem de Christo, representado n'um anjo, cheio de graça e primor e d'Elle emanavam todas as doçuras mysteriosas do amor infinito, do amor Pae do bello e do bem, do amôr esperança! Christo está junto a si, dando-lhe próva da sua existencia. Que bonito! Simeão sente-se venturoso e avança, procurando atingil-o, mas nisso, de subito, accorda. Olha em volta. Ninguém! Esfrega os olhos receioso que o sonho continuasse, mas nada vê, entre as formas da terra, a forma d'Elle. Debalde procura, ansioso. Fôra illusão. Ninguém! A terra reabria-se em flôres, mas o Messias ainda estava no céo, com Deus... Era esperar, ter paciencia!... Tel-a-ia... E, de repente, a melodia de uma vóz cantou-lhe doce no ouvido:

— Viste-o?

Simeão comprehendeu: Sim, elle virá, para que duvidar? e levantando as mãos para o céo, em attitude de supplica, óra, a Deus, agradecendo e pedindo perdão por haver abjurado.

Nesse momento, sentiu brotar-lhe n'alma, de novo, a alegria, e sahiu, como que espavorido, dentre as oliveiras floridas, gritando:

— Appareceu o Messias! Christo nasceu!

No ar a palavra pairava como um som de crystal: Natal! E Simeão, descendo o monte para annunciar o nascimento do Salvador do mundo, parece que subia como si o sól o esguesse no extase da luz.

E aconteceu que, á noite desse dia, justamente quando o sceptro tinha sahido de Judá, como haviam previsto os prophetas, viéra ao mundo, em Bethlehem, um menino que éra um anjo de candura, e que nascêra de Maria Virgem, por obra e graça do Espirito Santo.

A noticia do nascimento do Redemptor do mundo foi logo divulgada, mas Simeão, mais do que ninguem, sentia-se soberbo, e, no gozo do seu grande triumpho, julgava-se venturoso e attingido ao mais alto degrau da gloria a que póde chegar o homem, visto haver sido elle, antes, muito antes que outros, o primeiro que havia visto Jesus.

E foi, tambem, adorar o Messias, perante o qual se rendeu de corpo e alma, reconhecendo-o como Aquelle mesmo que, antes, lhe apparecêra, em sonho, lá no Monte das Oliveiras. Joelhos em terra, mãos postas, Simeão louvou a Deus, e disse: "Agora, Senhor, despede em paz o teu servo". O menino Jesus, nos braços da Virgem Mãe, movia as mãos de açucenas, abençoando, os seus olhos de ternura celestial olhavam perdoando e os seus labios entreabriam-se como n'um beijo de paz e amor.

Lá fóra, a noite, revestida d'um manto azul picado de estrellas, assoalhava a terra de branco, como uma moenda de trigo. Em tudo, onde quer que houvesse vida, reinava a harmonia e, com ella, a graça, o bem, a luz, por effeito do Natal do Menino Jesus, o Rei-Homem, o Deus-Pae, nosso poderoso e divino Salvador!

(Do "Altar Mór")...

O homem que desejou ser rico

COQUASSIER tinha tido a sorte inestimavel de encontrar uma mulherzinha que lhe prodigalizara, durante a sua harmoniosa união, as provas mais tocantes de uma ternura fiel e de uma dedicação infatigavel.

Mme. Coquassier era uma esposa perfeita, uma exemplar mãe de familia. Tinha, além do mais, um grande merito que excedia todos os outros, aos olhos do esposo: era uma cozinheira de primeira ordem.

Um advogado celebre declarou:

— Ainda não tive occasião de tratar de um divorcio contra uma mulher que fosse amante da cozinha.

Mme. Coquassier gostava de trabalhar em cozinha. Cozinhava com perfeição.

O seu marido era gordo, cheio, volumoso, desabrochado.

Quando elle, as mãos cruzadas sobre o ventre, que causava inveja a todos os seus amigos, olhava a sua cara metade, com olhos brilhantes e satisfeitos, havia, nesse olhar, não somente a expressão de um amor sincero e profundo, mas tambem de reconhecimento por todas as surpresas, as doçuras, os momentos deliciosos e os pasteis que ella lhe havia preparado, desde o dia em que se fizera sua esposa. Havia mesmo uma muda interrogação que podia ser assim traduzida:

"Que é que a tua dedicação, que me tem feito o mais feliz dos homens, pode ainda imaginar para exaltar a minha alegria, á hora do jantar?"

* * *

Coquassier vivia contente e a sua esposa tambem se sentia feliz porque o via satisfeito. Não eram ricos, mas nada lhes faltava. Achavam, juntos, que a vida era bella e que, em summa, quando não se é muito exigente, ella fornece todas as pequenas felicidades que se devem saber apreciar, que estão ao alcance de toda gente e que são sufficientes para embellezar a existencia.

Mas eis que, de repente, Coquassier começou a tornar-se ambicioso, e a repetir, constantemente, esta phrase: "Ah! si eu fosse rico!" e que era seguida de um suspiro longo.

O desgraçado, roido pelo desejo secreto de um destino mais opulento, se poz a emmagrecer, a perder o côr de rosa das faces, que as coloria docemente e era um reflexo da sua boa saude.

— Emfim, — perguntou-lhe um dia Mme. Coquassier, desesperada de não poder lhe dar de novo alegria e gordura — que farias de mais se fosses rico? Acaso virias a ter filhos mais dignos e uma esposa mais docil?

— Si eu fosse rico, minha querida, não comeriamos senão alimentos de primeira qualidade e de uma frescura que lhe triplicaria o preço.

— Queres dizer com isso que não sei adquirir generos alimenticios capazes de figurar num bom cardapio?

— Certamente, não. Admiro a tua experiencia e a tua sciencia domestica. Mas si eu fosse rico, vês, colheriamos em nossas propriedades tudo o que desejassemos obter. Teriamos a nossa vinha na Burgonha; um campo na Bretanha; teriamos o nosso parque de ostras em Maremne, o noso campo de oliveiras na Provença, nosso rebanho nos Pyrinéos, as nossas creações em Bresse, nosso campo de aspargos em Argenteuil, nosso banco de harenques na Noruega, nossos bichos da seda em Ardéche. Colheriamos tudo que fosse necessário á nossa alimentação e á nossa indumentaria...

— Então, meu amigo, compra um bilhete de loteria.

Coquassier seguiu o conselho da sua terna esposa. Comprou um bilhete e, como o destino não tinha razão em contrariar um homem perfeitamente inoffensivo, ganhou um milhão.

Teve, dentro em pouco, tudo que elle desejava: comprou o seu banco de harenques na Noruega, o seu campo de aspargos em Argenteuil e a sua vinha na Burgonha.

Cuidados, preoccupações que ella não tinha logo lhe vieram. Era impossivel achar mão de obra para a exploração dessas riquezas, das quaes elle havia descontado tantos bons prazeres.

Elle não podia deixar ao abandono os seus immoveis tão preciosos.

Reuniu o conselho de familia, que se compunha de sua mulher e de seus quatro filhos já grandes.

E eis o que ficou decidido: o primogenito partiria para a Noruega, afim de explorar o banco de harenques; o caçula se occuparia do rebanho de carneiros nos Pyrenêos; o terceiro iria para o parque de ostras; o ultimo subiria para fazer a colheita das oliveiras na Provença; Mme. Coquassier ficaria com a creação de gallinhas; elle Coquassier cultivaria a vinha.

Foi assim que as coisas se passaram, mas a vida do millionario se transformou num martyrio. Elle nunca suppoz que fosse tão difficil colher o bom vinho. Passa agora a sua existencia a trabalhar heroicamente contra os insectos nocivos á uva.

A' noite elle tem pesadellos terriveis. A sua vida é a de um desgraçado.

E, pouco a pouco, elle vae emmagrecendo. E lamenta penosamente, os bellos tempos em que era pobre.

De Montenailles

* * *

LLOYD BRASILEIRO

SERVIÇO DE PASSAGEIROS

PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

EUROPA

Navio	Data
Raul Soares	30 Janeiro
Ruy Barbosa	15 Fev.
Cant. Guimarães	28 Fev.
Alte. Alexandrino	15 Março
Cuyabá	30 Março
Bagé	15 Abril
Raul Soares	30 Abril
Ruy Barbosa	15 Maio
Cant. Guimarães	30 Maio
Alte. Alexandrino	15 Junho
Cuyabá	30 Junho
Bagé	15 Julho
Raul Soares	30 Julho

NORTE

LINHA RIO — BELEM

Navio	Data
Cte. Ripper	31 Janeiro
Manáos	7 Fev.
Pará	14 Fev.
João Alfredo	21 Fev.
Pedro I	28 Fev.
Cte. Ripper	7 Março
Manáos	14 Março
Pará	21 Março
João Alfredo	28 Março

LINHA MANÁOS — B. AIRES

Navio	Data
Duque de Caxias	30 Janeiro
Baependy	10 Fev.
Alte. Jaceguay	20 Fev.
Campos Salles	28 Fev.
Santos	10 Março
Affonso Penna	20 Março
Rodrigues Alves	30 Março

LINHA SANTOS — PENEDO

Navio	Data
Cte. Vasconcellos	30 Janeiro
Cte. Vasconcellos	28 Fev.
Cte. Vasconcellos	30 Março

SUL

LINHA RIO — PORTO ALEGRE

Navio	Data
Cte. Capella	30 Janeiro
Cte. Alcidio	6 Fev.
Cte. Alvim	13 Fev.
Cte. Capella	20 Fev.
Cte. Alcidio	27 Fev.
Cte. Alvim	6 Março
Cte. Capella	13 Março
Cte. Alcidio	20 Março
Cte. Alvim	27 Março

LINHA MANÁOS — B. AIRES

Navio	Data
Campos Salles	3 Fev.
Santos	13 Fev.
Affonso Penna	23 Fev.
Rodrigues Alves	3 Março
Duque de Caxias	13 Março
Baependy	23 Março

LINHA RIO — LAGUNA

Navio	Data
Miranda	30 Janeiro
Asp. Nascimento	15 Fev.
Asp. Nascimento	28 Fev.
Asp. Nascimento	15 Março
Asp. Nascimento	30 Março

Cidade de Jardins (Paisagens orientaes)

DE ROLAND DORGELÈS

HUÉ é a cidade dos jardins. É menos uma capital que um grande parque habitado.

Onde estará o segredo da sua graça floral e sempre renascente?

No seu largo regato e canal, bordados de palmeiras d'agua, nos seus bungalows floridos, nas suas largas alamedas silenciosas, nos seus tectos chimericos, nos seus palacios, no cinto dos seus bosques immensos e esplendidos?

Até o seu mercado, que não é semelhante aos outros, e que permanece authenticamente indigena, com o seu vasto pateo ensolarado onde os mercadores se acocoram, é um detalhe que impressiona.

Dir-se-ia que essa velha cidade foi abandonada ao antigo Dai Nano, para que elle acabe de morrer dentro della.

A joven Annam cresce nos portos da costa e dos centros industriaes. Resplandece em Saigon onde se agita, evolue, enriquece; mas em Hué estão refugiados o passado legendario, a lembrança dos ancestraes, a tradição das coisas mortas e vividas.

Si todos os espiritos exhalados dos grandes principes d'outr'ora procuram no reino um logar onde a nossa civilisação não os tenha dominado, é com Hué onde elles se devem installar.

Quantos a n n o s durará essa agonia?

O tempo de ligar a via ferrea, que deve ligar a capital, ao norte com Hanoi, ao sul com Saigon...

O tempo de substituir o pequeno hotel-mercearia, celebre em casa de todos os coloniaes, por um palacio, cujo projecto já está traçado...

O tempo de construir algumas usinas onde virão collocar-se pescadores como operarios, mais operarios, e principes vigilantes.

No emtanto, é tão bôa a vida que se leva lá!

Desde quantos seculos esses sabios, de corpos delicados, se transmittem a receita dessa felicidade sem ruido! Elles vivem, póde-se dizer, em surdina!

* * *

Da estrada, a casa delles não vê. Elle se esconde entre as touceiras de bambús. E' o temor hereditario ao pirata, ao mandarim ciumento: "Escondamos a nossa felicidade!" dizem elles.

Ricos e pobres têm o mesmo jardimzinho quadrado, os mesmos jarros de terra cota onde crescem as mesmas arvores anãs; lá estão os mesmos vasos cheios d'agua, onde o sol vem brilhar.

Entra-se na pequena peça principal, sempre mobiliada com o mesmo leito de madeira nûa, sem outra guarnição que não seja o travesseiro de faiança; depois, a mesa redonda, os tamboretes e o altar dos antepassados, que agora nos mostra, ás vezes, uma photographia, á guisa de imagem.

Sempre o progresso!

Na casa do pobre, não se nota a presença do nácar, nem sêdas; e as sentenças são modestamente escriptas, sobre pedaços de papel, em logar de incrustadas em *panneaux* de *lim*. Mas, si não ha senão um leito, este nos será offerecido; um tamborete, este será para a visita.

Não se deve entrar altivamente em casa dessa gente timida e receiosa de tudo. E' necessario sorrir. Elles nos corresponderão.

Brinquemos com as creanças. São ellas os *nhos*, com a cabeça rapada e uma trança negra, por onde os tomará o bom genio, afim de leval-os pelo bom caminho. E os paes, mais confiantes em nós, rirão em torno á nossa pessôa.

O cão, certamente, nos atacará. Mas á hora de dormir, quando os seus senhores se tiverem recolhido á cosinha, para nos dar o melhor logar, o pobre cão se mostrará manso. E como teme os mosquitos e o homem, elle virá deitar-se a nossos pés, sob o mosquiteiro, onde tambem virá repousar o seu amigo porco.

Dormem-se mal. Não ha nisto ar, sob a gase espessa dos mosquiteiros. Um mosquito atravessa a tela, e eis que começa o nosso grande supplicio. Procuramos matal-o batendo as palmas das mãos. Mas o tempo é perdido: elle foge sempre...

Fóra, o "gecko" ataca a sua grotesca serenata: "To-kê"... "To-kê"... Elle grita assim durante duas horas, mecanicamente, esse enorme e repousante lagartixa.

Dir-se-ia um barytono constipado, que faz com a sua voz rouca: "To-kê"...

Apezar de tudo, a gente conta. Um numero impar acima de sete Traz felicidade essa providencia... "To-kê"... Quem sabe?

Thi-hai ou Thi-ba, deitados na cosinha, cantam, talvez, tambem para saber si os amam.

— "To-kê"... "To-kê"...

E' a maneira pela qual elles desfolham a margarida.

* * *

As horas não avançam. Ellas se arrastam, ellas se fundem...

Pensamos nas bôas noites de França, no linho fresco que acaricia a pelle, no cobertor, que se atira para um lado, ao amanhecer. Odiámos o clima dalli, carregado d'agua e de febre, electricidade no ar, que irrita os nervos e causa mal estar.

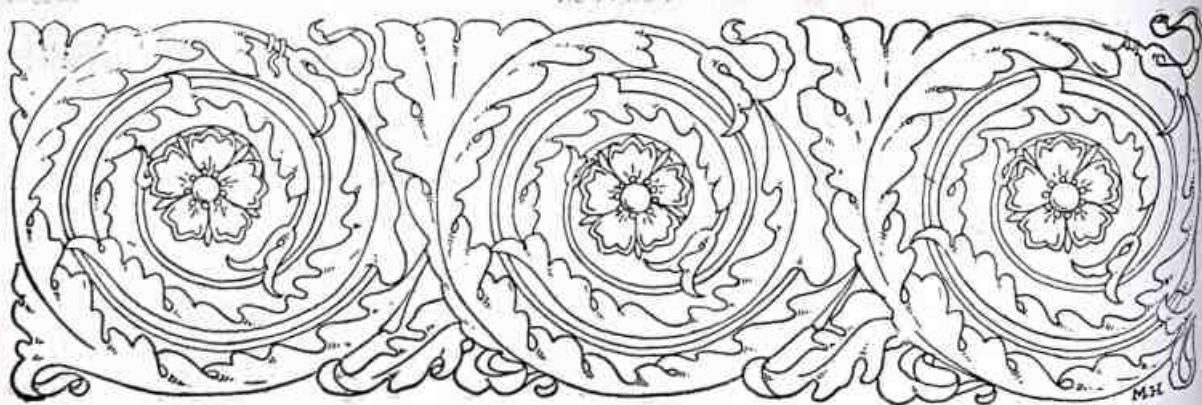
— Emfim! Irei dormir?

Não é o somno que vem, é uma especie de torpor, cortado de bruscos sobresaltos. De manhã, ainda estamos mais cançados do que quando nos deitamos. O espirito e o corpo nos pesam...

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

O' lindas, ó gentis, alegres senhoritas
De faces cor de rosa e labios de carmim,
Mostrais nesse trajar custosas rendas, fitas,
Meias de pura seda e ligas de setim;
Mas não vos illudais que perfume de escol
Só tem o puro e bom — Sabonete EUCALOL.

Menezes Wanderley.
Friburgo — E. do Rio.

O milagre de tia Miquelina

Sr. Papa,

João Jacques, Christiana, e eu, Denis, escrevemos a vós, a respeito da tia Miquelina, que acaba de morrer e que era uma santa.

Primeiramente, é preciso dizer que a casa está muito triste, presentemente. Miquelina brincava commosco (ella ainda não tinha quinze annos) frequentava o mesmo curso de piano e fazia os nossos deveres.

Mas si asseguramos que ella é uma santa, não é porque nos a amamos, é porque ella fez um milagre.

E é esse milagre que nós queremos vos contar, afim de que o possaes escrever na vida dos santos.

Então, certamente, o cura mandará fazer uma estatua da nossa tia, e nos dias em que pensarmos nella, iremos vel-a na egreja, e ella nos consolará.

Um pouco antes do inverno, uma tarde, a creada, quando nos veiu buscar do collegio, annunciou:

"— O sr. Gerard chegou!

"A tia Miquelina ficou vermelha. Ficou muito seria. Depois ella nos disse:

— Ide na frente. Preciso comprar uma blusa

Ao jantar, ella chegou com essa blusa, que ella acabava de comprar, e que era mais rosa que as pequenas rosas do jardim, que comiamos em nossos jantares de brinquedo, e têm um gosto de

E foi a partir dessa tarde, que os seus olhos mudaram, como si ella duvidasse já do céo.

Após a sobremesa, ella se esquivou de brincar commosco o "anão amarello". Falava a Gerard de viagens que acabava de realizar. Gerard tossia. E elle disse, afinal:

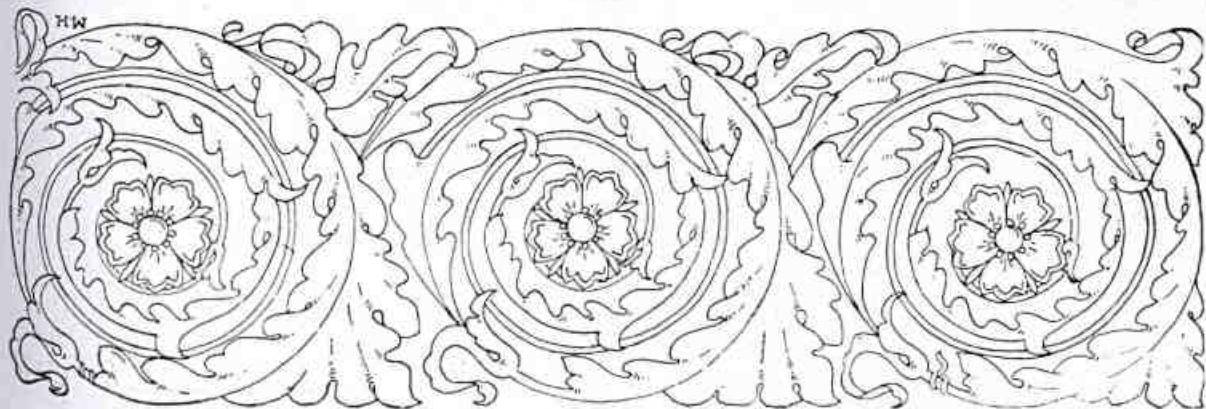
— Estou fatigado. Vou para o campo. Não tenho mais dinheiro.

Gerard estava enfermo. A febre não o deixava mais. Dentro em pouco, estava no seu quarto. A tia Miquelina não quiz voltar á aula. Disse que era muito grande, que o seu diploma de nada valia, que o programma era idiota, e que Gerard lhe pedia que fizesse a leitura dos jornaes do dia, dos seus livros, pois elle estava aborrecido, ou então que ella pousasse para os seus quadros, uma vez que elle era pintor.

Ella deixou o collegio. Não a viamos senão á hora das refeições. Não nos falava mais, sorridente, como dantes. Comia apenas. E todas as manhãs, ia á missa. Frisava os seus cabellos e dizia, muitas vezes, que lamentava o facto de não ter cortado.

Mas Gérard cada vez peorava mais. O medico vinha todos os dias. Recommendava que o não contrariassem, que fizessem tudo o que elle queria.

Gérard se tornava mau. Queria coisas impossiveis. Levantava-se, algumas vezes, e soffria muito com isso.

Havia começado o retrato de tia Miquelina. Depois, em uma sessão, elle se aborreceu. Chamou-lhe tola e abandonou o trabalho. Não queria pintar senão plantas.

De

JACQUES CHRISTOPHE

Era no inverno. Deram-lhe violetas e mimosas Mamãe escrevia para elle, em Nice e na Algeria. Uma vez elle pediu nenuphrases. Mamãe lha mandou dizer que não era tempo delles. Ella foi a Paris onde, ao que se diz, ha de tudo. Voltou trazendo rosas, jacynthos... Mas não trazia nenuphares. Elle queria os nenuphares. Queria-os á força. Dizia que ninguem se preoccupava com elle. Tossia cada vez mais...

— "Deixae-me com elle, disse Miquelina. Encontrarei os nenuphares.

Não quizeram deixala partir. Uma tarde, ella fugiu. Ah, foi um dia de horror em nossa casa! Durante dois dias ninguem soube o que foi comer. Nós outros comemos na cosinha, com as creadas. O tempo estava feio, pardo, escuro, triste. Receavamos o fim do mundo. Caiu a neve. Nada faziamos de bom na escola. Só tratavamos de brincar com a neve. Nada nos diziam.

Emfim, a grade da rua estalou. O ferrolho do portão se abriu. Tia Miquelina entrou, gritando com alegria:

— "Trago nenuphares!"

A sua bocca estava pallida e as faces quasi róxas.

Mamãe perguntou:

— "De onde vens? Onde achaste esses nenuphares?

Ella respondeu:

— No lago! No lago! Ah, eu fiz longa caminhada!

Não se sabia de que lago ella queria falar. Ha tantos em nosso paiz... Ella deve ter ido muito longe. Sem duvida, até ao céo. Pois que em nenhuma parte, ella encontraria aquellas flores...

Tia Miquelina estava sentada numa grande poltrona da sala de jantar. Ella ordenou:

— Levem as flores a Gérard! Eu, por mim, não posso dar uma passada.

Dormiu durante varios dias. De quando em quando, falava — dormindo. Falava de Gérard e do bom Deus. Depois, ficou muito contente e não se moveu mais. Mamãe se poz a chorar. E nós soubemos que ella estava morta...

* * *

Uma vez que ella fez um milagre, queriamos possuir a sua estatua, pois nós a amamos tanto agora, como dantes. Mas ha momentos em que não nos recordamos de sua imagem.

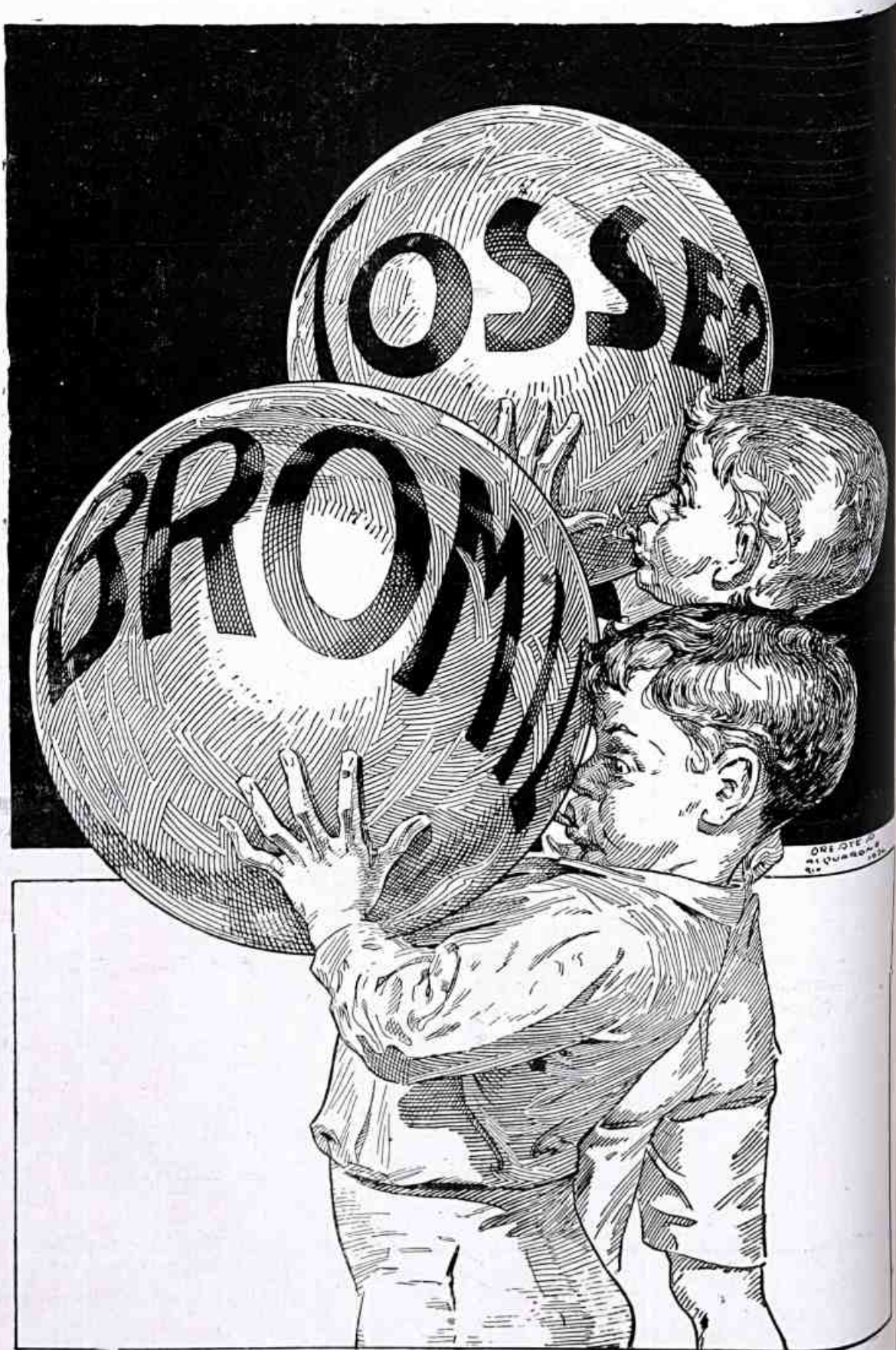
E somos forçados a voltar ao collegio, de tocar piano, de dizer bom dia ás pessôas que vêm nos ver, e de rir como toda gente, justamente quando somos desgraçados.

"João Jacques, Christiana e eu, Denis, vos suppilcamos, senhor Papa, mandeis attender o nosso pedido. E nós pediremos por vós, quando morrerdes."

Por copia conforme:

TOSSE
BROMI

ANNO XXIV

NUMERO 4

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1930

ACACIA REAL

És o encanto de meus olhos, a rique a de meu jardim pobre. Coberta de caxos de oiro, ergues para o céo azul os ramos carregados de flores como si offerecesses um thesouro aos deuses ignotos. E eu te contemplo continuamente embevecido. E eu te adoro silenciosamente.

Acacia Real! Real no porte, na magestade da belleza, na aurea côr dos cabellos floridos, arvore loura da Felicidade! Mal abro a janella pela manhã, lá estás á minha espera, inundada de sol. Somos dois eternos namorados.

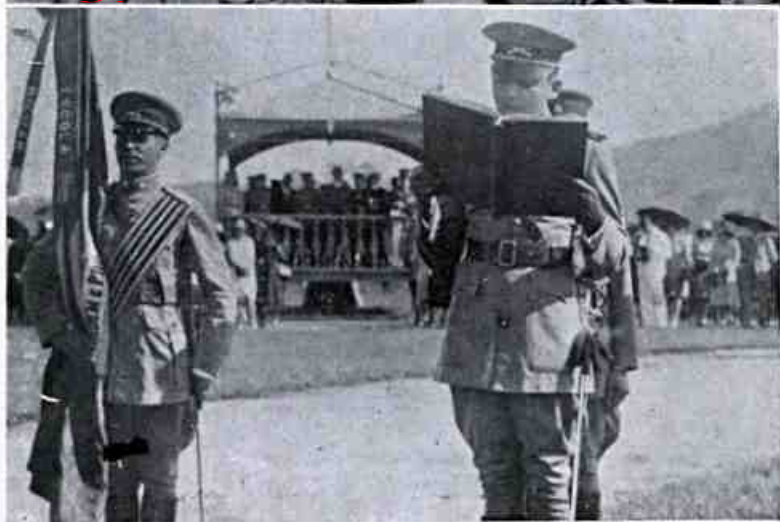
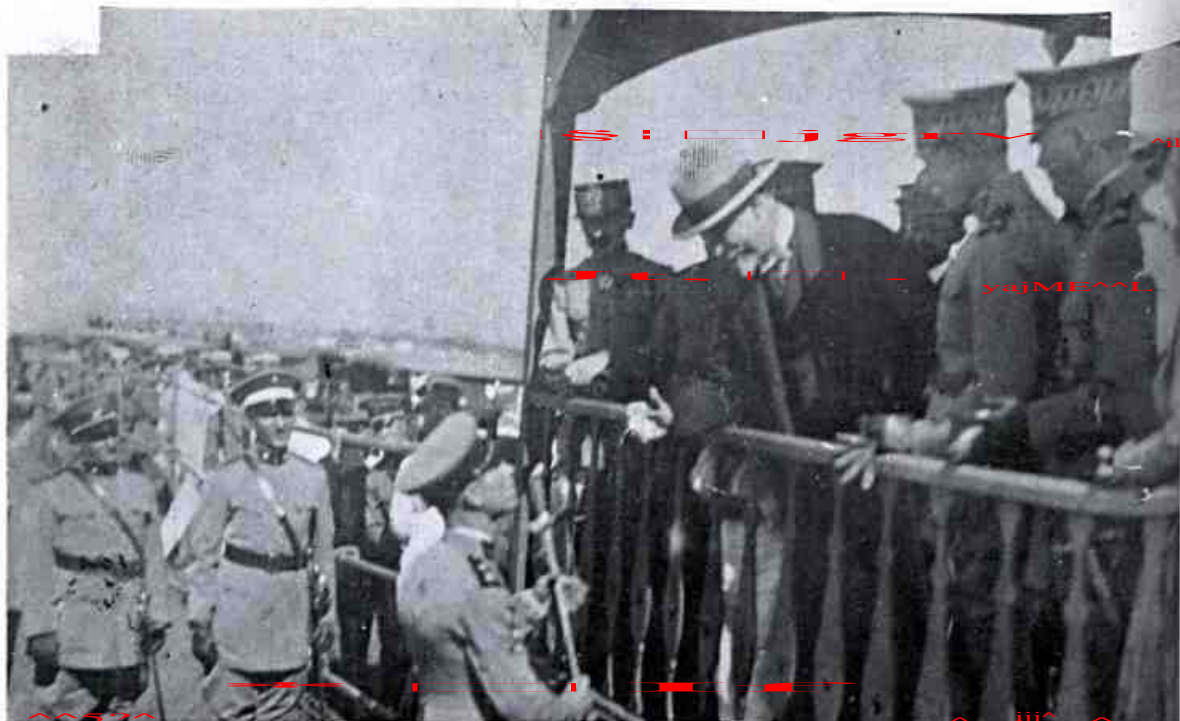
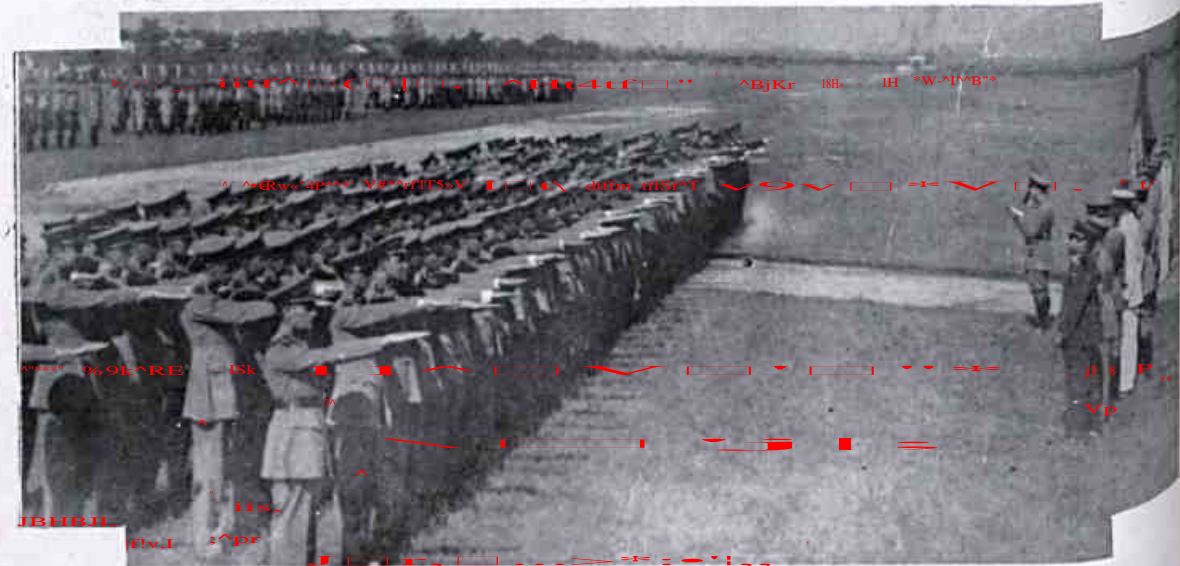
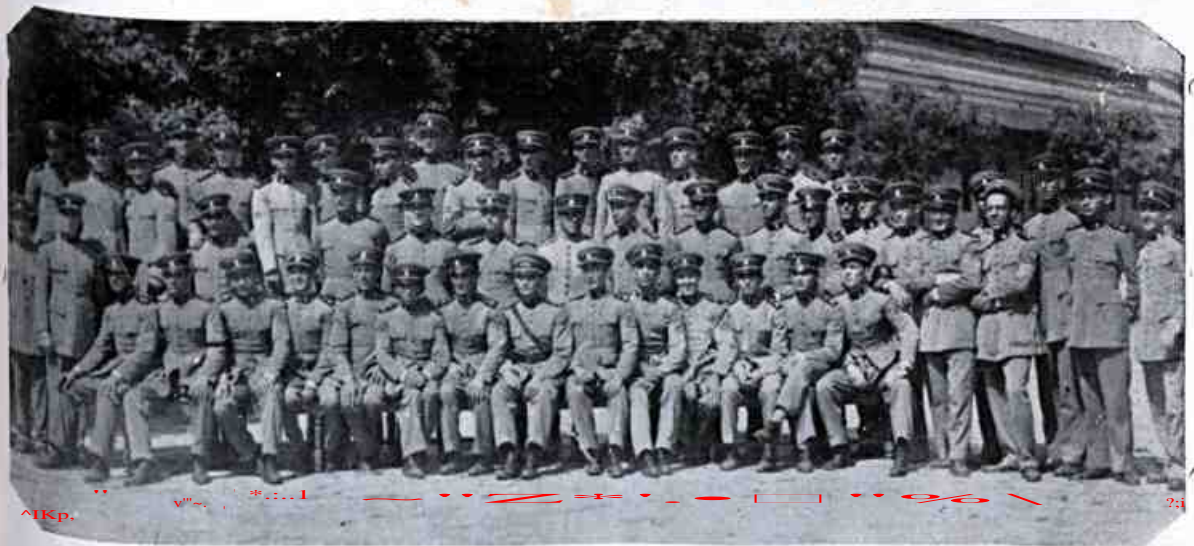
Meus olhos se extasiam nas maravilhas de teu aspecto, arvore de sêda e oiro. E, quando procuram tua sombra, vêm semeadas pela grama como moedas antigas as nodoas da luz e as petalas de teus pingentes maravilhosos.

O vento perfido da noite, as chuvas xicoteantes do verão e a longa ardencia dos dias caniculares acabarão por te despirem dessa linda roupagem amarella

Ver-te-ei uma manhã nua, triste, maguada, no meio de montões de asas de oiro como si em derredor de teu throno tivessem morrido ao mesmo tempo todas as borboletas do jardim.

Que tem isso? Eu sei que floresceerás outra vez, que uma manhã abrirei a janella e de novo te verei com os braços erguidos para o céo azul offertando o oiro dos teus pendões triumfaes aos deuses ignotos, coroada de abelhas e de passaros, cheia de vida e de alegria.

Minha acacia real!

JOÃO DO NORTE

Os alumnos da Escola Militar que concluíram o curso em 1929 foram declarados aspirantes em imponente cerimonia militar que se realizou terça-feira pela manhã, no campo de instrucção do Realengo. O sr. presidente da Republica, dr. Washington Luis, acompanhado do general doutor Sezefredo dos Passos e outros ministros de Estado, compareceu a essa brilhante festa dos novos aspirantes a official do Exercito. Altas autoridades militares e muitas familias tambem estiveram presentes. As photographias desta pagina fixam tres aspectos da solennidade da declaração de aspirantes dos cadetes da turma do anno passado.

Grupo de jovens aspirantes, após a cerimonia de terça-feira, na Escola Militar do Realengo.

DOLOROSA INTERROGAÇÃO!

Vamos iniciar o censo de 1930, e talvez tenhamos de, ainda uma vez, repetir: quantos somos?

Dolorosa interrogação!

Foi assim, com este estribilho, que a repartição de Estatistica iniciou o ultimo censo, provocando a attenção publica para o seu trabalho.

Essa pittoresca maneira de que usou a administração, para interessar as massas menos cultas, incutindo-lhes o dever de auxiliar um serviço de alta utilidade para o paiz, ficou celebre, e a phrase cahiu no gôto...

Agora, vamos ter um novo recenseamento, ainda desta vez dirigido pelo senhor Bulhões, uma autoridade no assumpto.

Si o primeiro censo apresentou falhas naturaes, é preciso que o novo appareça mais perfeito.

Para que tal aconteça, torna-se necessario que o publico contribúa com o seu auxilio sincero e espontaneo ás autoridades.

A Inglaterra deve realizal-o tambem em 1931, e, a proposito, o sisudo *Times* indagava, ha pouco, qual seria o dia mais apropriado para essa operação. Antigamente, o dia mais adequado seria o domingo, porque quasi havia a certeza de se encontrarem as familias reunidas.

Porem, os costumes modificaram-se tanto no Reino, que agora, no domingo, difficilmente se encontra alguem em casa.

Tambem no verão a população se dispersa, fugindo, muitas vezes, para o estrangeiro, o que, sem duvida, trará difficuldade para a distribuição e a collecta das cedulas.

Estas preoccupações do grave *Times*, devemos tel-as tambem?

E' possivel.

Necessariamente, a collecta, no Rio, pelo menos, não deve ser feita num domingo de *foot-ball*, para que os emissarios do senhor Bulhões não encontrarão viva alma em casa.

Talvez o dia mais apropriado seja o consagrado ás eleições, quando todos ficam de pyjama e chinello, gozando as delicias do lar, para, no dia seguinte, bramar contra a fraude e a falta de civismo... do brasileiro.

Os alumnos da Escola Militar que concluiram o curso da quinta arma e que acabam de ser declarados aspirantes a official.

A PEQUENITA QUE NÃO PODIA ENTRAR NO CÉU...

(LENDA ALLEMÃ)

Quando a pequenita vivia,
todas as vézes que a mãezinha chorava,
ella lhe supplicava:
"Mamãezinha, não chore!"
E vinha enxugar-lhe o pranto
na fimbria da camisa alva...

Um dia,
a pequenita cerrou os olhinhos claros,
e adormeceu para sempre...
E a mãezinha ficou chorando,
porque ella não accordava mais...

Botão de rosa, entre rosas,
levaram a pequenita...
E a mãezinha ficou chorando,
porque ella não voltava mais...

Uma noite, como num sonho,
a pequenita voltou:

"Mamãezinha, não chore!
Estou friínha, gelada...
Tenho a camisa molhada
de tanto enxugar seu pranto!
Nossa Senhora não deixa
que eu entre no céu, assim!..."

....E a mãezinha, que chorava,
agora, sonha e sorri!

Todos os astros lhe falam
dos olhos da pequenita...
Todas as nuvens que passam
são berços da pequenita...

RAUL MACHADO

MR

Sociedade

Mme. Gustavo Barroso é uma nobre figura do «ret» caricca. O realce e o prestigio da sua personalidade defluem do encanto do seu fino espirito e dos predicados de graça, distincção e elegancia que a caracterizam como dama de «élite».

Faiainças

A' hora azul

Ah, meus senhores! Que triste é uma espera! E que desolador é um encontro que falha! Quando as tardes são lindas como as de janeiro e o crepusculo é azul, sempre azul como um desengano, e a gente pode dizer que a hora é *exquise*, como um perfume; que a é *l'heure bleue* do dia, e do amor; — é triste, é desorientador, o encontro que falha.

A multidão foge e se esprala, vertiginosamente. A cidade resplende no brilho da luz agonizante, e toda ella se anima ao rumor da onda humana, do *brouhaha* da vida que vae passando...

As mulheres são lindas; os homens graves ou displicentes; banaes ou curiosos; mas os nossos olhos não veem senão o crepusculo descer, com as suas asas de sombra... Sabemos que a tarde é uma agonia florindo na alegria das cambiancias, dos matizes, das nuances da luz, ou na ternura azul, sempre azul, do céo inaccessivel como uma bella miragem... Uma innocente miragem... E sabemos tambem que a creatura amada, aquella que seria a nossa Vesper, a nossa *stella vespertina*, não virá naquella tarde.

Por que? indagamos, impacientes, o relogio na mão. A resposta que obtivemos é o *brouhaha* confuso e ironico da cidade.

No desespero em que ficamos, vemos no fundo de todos os autos que rolam, nas asas da velocidade, casaes felizes que se apertam e se beijam, com visivel affronta á inveja do proximo — dos inspectores de vehiculos, dos que não teem amores e dos que amam, mas não se podem encontrar...

Um nó terrivel nos aperta a garganta. Cava-se-nos um sulco fundo na testa. Um rictus amargo nos franze a commissura dos labios.

De repente, se destaca, na penumbra do lusco fusco, uma silhueta apressada. A sua toilette é *vieux-rose* como aquelle ultimo friso de luz nos estratos do poente. Traz a classica *sombrinha* de verão. Tem attitudes de uma libellula doidejante. Mas quando o seu rosto se desvenda, á sombra do chapéo largo e indolente, cheio de fitas e cerejas, e os nossos olhos a encaram sob o fóco da lampada que se accende, sentimos que um soluço se choca de encontro ao nosso coração. Não é "ella!"

De novo o cerebro trabalha: que seria? E' verdade que para uma mulher não ha impossiveis, no amor. Ella é estrategista notavel, nos prelios de Cupido. Cada uma dellas é um Napoleão de saia. Mas ás vezes não é o destino que nos separa, sob o disfarce e a logica de um "não foi possivel"... Tambem a multidão não nos separou, como se procura: "Puisque je n'ai pas réussi à te parler, puisque la foule nous a séparés... sans doute, je ne te reverrai..." A's vezes, é um simples capricho de ultima hora que nos separa do rendez-vous que falhou... emquanto, cabeça baixa, batendo a bengala no chão, monologamos: "por que não veiu, si disse que viria?" — ella, pensando em nós, o coração estalando de saudade, morde o lencinho de cambraia e, desatando em soluços, se atira sobre o divan, obstinadamente: "Não vou, não vou!"

Dois amaveis sorrisos...

Chorar e Sorrir

Não, minha querida, eu não hei de chorar... porque esse affecto, que era todo o encanto de nossa vida, acabou. Ao contrario, espero que nunca me encontres acabrunhado, que me vejas sempre sorrindo.

Sorrindo!...

E' verdade que na dôr todas as almas se assemelham. A dôr é como a morte: ella irmana as creaturas. Mas entre o homem que soffre e chora, e outro que soffre e sorri, a superioridade evidentemente, está do lado deste.

Não! Eu não chorarei porque o nosso affecto se desfez como uma nuvem côr de rosa, a espira de um perfume ou uma rosa branca que o vento desfolhasse.

Morreu o nosso amor?

Tanto melhor para nós. Preferia vel-o assim, desfeito, de repente, quasi fulminado, após uma phrase cruel, solta pelo telephone, a vel-o morrer de tedio ou de saciedade...

"Il est difficile á l'amour de rester l'amour. Le plus souvent il se laisse prendre au piége de l'affection et de la tendresse" — diz Etienne Rey. Estou de accordo com o philosopho francez. Si o nosso affecto não morresse, fatalmente elle cairia no enfado, na monotonia, no tedio, no aborrecimento.

Foi melhor que elle morresse...

Assim, para que chorar? Melhor vale sorrir. Sorrir! No emtanto, confesso. O meu sorriso é a ironia da dor. As roseiras tambem sorriem pela bocca vermelha das rosas. E' a ironia das raizes que se torcem, tragicas, ao coração duro da terra. As raizes, obscuras e tristes, que se contorcem no desespero da dôr e da prisão.

E' assim que sorrio. O meu sorriso é o sorriso amargo, ironico dos que padecem sem consolo. Mas é melhor sorrir do que chorar.

Commovido, vê se agradeço o meu heroismo com uma pequenina lagrima brilhante como uma estrella — Teu Y...

O passado

Já notaram os senhores que um passado de amor vale, ás vezes, mais do que o presente? Vale pela recordação de tudo. O presente, na verdade, não existe — porque está sempre passando... O que existe é, logicamente, o passado.

E o passado do amor...

Ah, o passado é indelevel. Não se diga ao contrario. Attentem bem os senhores si, realmente, não é assim...

Aqui está uma casa de campo. Tudo em torno é poesia.

As montanhas, o bosque, as estradas poeirentas... Adeante ha um lago, a cujas margens nós nos sentamos ao lado de uma creatura querida. Por acaso a primavera sorri, na graça ingenua das madresilvas, das rosas bravas e dos lirios silvestres. Arvores vestidas de flores vermelhas, roxas, amarellas.

E passo a passo, lá vamos os dois, seguindo as trilhas sinuosas, os caminhos arenosos e de margens floridas, — ora, passando através dos troncos seculares ora, afastando espinhos, curvando-nos á impertinencia dos galhos derramados á passagem, emquanto os sapatos pisam as folhas mortas...

De repente, dos nossos labios, de envolta com uma profusão de beijos, brotam os versos de Victor Kinon.

A caminho da egreja...

"Mon coeur avait rêvé [d'amour.
Les lilas étaient bleus [sous la lune sereine;
On entendait ronfler le [rouet des phalènes;
Les anges vaporeux ba- [lançaient leur essor
Parmir les seringas etoiles [étoiles d'or,
Et mon coeur alangui [dans la douceur des [choses,
But le philtre enivrant [des feuilles et des ro- [ses..."

.... Pois bem. Um anno depois, quando tudo passou, a gente volta a esse rincão de poesia. Podemos voltar com o encanto de um novo sorriso e a graça de uma mulher, de um novo bem querer... Mas eu juro que todo esse passado resurgirá, mais vivo, mais claro, mais eloquente, mais amavel do que o presente que passa...

Não! Um passado de amor é um refugio para a alma. Um refugio contra os embates do presente e um abrigo de onde se esperam as surprezas do futuro.

Victimas do Amor

Na historia dos grandes amorosos, ha figuras que se destacam pelo seu soffrimento e pela sinceridade do seu affecto mal comprehendido.

Soror Marianna, Mlle. de La Vallière, Mme. de La Popelinière Mlle. de Lespinasse... E tantas outras!

A primeira, como se sabe, soffreu o maior desprezo do marquez de Chamilly — o homem, rude e fanfarrão por quem se apaixonara.

Luiza de La Vallière é terrivelmente humilhada por Luiz XIV. Mlle. Aissé foi outra victima do seu proprio affecto.

Mas não esqueçamos que esses casos são raros. Constituem a excepção. A regra é o homem ser humilhado pelo capricho feminino.

E' curioso!

Um philosopho allemão faz notar que o amor das Evas é feito de concessões e negativas. O que ella hoje constróe com um sim — dizemos nós — amanhã destróe com um não. Esse terrivel *não* que, em francez, conforme notava o padre Antonio Vieira, era sempre o mesmo, quer de um lado quer de outro: *non!*

Ora, si é certo que esse jogo de sentimentos, essa dubiedade de alma e espirito, geralmente afasta de nós a sympathia da mulher, — gerando nella o sentimento da volubilidade, é claro, é logico, é natural, que nós nos afastemos de uma mulher que, erroneamente, suppõe prender-nos melhor o coração com esse divertimento caprichoso.

Não, voluveis creaturas! Si credes, que procurando despertar-nos um ciume, que é mais um reflexo do nosso amor proprio ferido, conquistaes, integralmente, o nosso affecto, alienando assim o direito de outras mais doceis e captivantes — podeis desistir do vosso intento! Porque, nós homens, amamos as conquistas difficeis, é certo; mas detestamos as mulheres vulgares que tentam sobrepôr-se á nossa superioridade mental e affectiva.

Com a presença do representante do governador da cidade e de outras autoridades, figuras do clero e funccionarios municipaes, realizou-se, sabbado ultimo, no edificio da Prefeitura, a inauguração do novo nicho de São Sebastião, onde a imagem do padroeiro da cidade recebeu, no dia do santo martyr, as homenagens de veneração e de respeito da população carioca.

VISÃO FASCINADORA

Senti envolver-me o corpo e a alma a caricia entorpecente do somno, um somno invencivel que me levou a estirar-me mollemente no leito em pleno dia. Inda não dormira, quando, mesmo de palpebras cerradas, como através uma lente magica, surgiu aos olhos da minha alma, um mimoso busto encantador de mulher-creança, mais linda e mais perfeita que todas as concepções da imaginação de um artista.

No espaço, a bellez moral se reflecte em todo o ser.

A fascinadora visão pairou um momento ante o meu espirito deslumbrado e todo suspenso á sua graça ingenua e doce, e fitou-a com o seu caricioso olhar de santa, sorrindo com angelica pureza e infinita doçura.

Seu rosto parecia de porcelana, uma delicada [illegible] na luminosa, [illegible] e quasi immaterial. Era uma adoravel menina-moça, vestida como Nossa Senhora, tendo sobre o coração um pequeno ramo de [illegible] flores que sustinha com as pequeninas mãos, postas uma sobre a outra, estendidas, alvas, [illegible] liadas como dois lyrios.

A cabecita levemente inclinada para o mesmo lado das flores, sobre o coração, olhando ainda algum [illegible] sonha e encan[illegible]. Eu não ousava respirar siquer. Temia quebrar o doce encanto da visão sublime.

— Louvado seja [illegible]
— murmurei, [illegible]
voi-se, [illegible] pouco a pouco, [illegible] se confundiu com [illegible] gror inexpressivo [illegible] minhas retinas.

Que saudade me [illegible] de ti, santa creaturinha

:: São Sebastião ::

(ESPECIAL PARA "FON-FON")

1567 ... Uruçumirim... Estacio de Sá... Anchieta... Ararigboia... São Sebastião... Um tropel de guerreiros jovens que avança, na alvorada de uma nacionalidade, para a conquista de uma nova patria. Estacio de Sá, flor de uma raça, lançando na terra virgem da America a semente da mais bella cidade do mundo! Anchieta, de crucifixo alçado, guiando as hostes lusas e tupys para a Victoria e para a Immortalidade! A Cruz, que guiara as caravelas de Cabral, abençoava a edificação e a fabrica da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A lança portugueza, que conquistara a India remota, plantada á sombra eterna do Pão de Assucar em nome de Sebastião, rei, no dia de Sebastião, santo...

*

Um Heroe e um Santo abraçados na mesma tarefa sagrada de edificar uma Metropole digna da mais formosa patria das Americas! O Pão de Assucar, alliado da gente lusa, mostrando, num mysterio eterno, a sensibilidade das rochas e a intelligencia dos granitos! E a raça indigena, que hostilizava por toda parte o invasor, luctando ao seu lado para entregar a Terra — como uma virgem forte — em holocausto á Civilização e para maior esplendor do Christianismo no Novo Mundo...

*

Ararigboia, uma cobra feroz, que se amansou na presença thaumaturgica de Anchieta. Era a Cruz tornada em instrumento sagrado, accordando ás harmonias esplendidas das suas notas os homens e as feras, os selvagens e os brutos, todas as cousas e seres nascidos, um dia, do chaos informe, a um raio de luz da Divindade creadora!

*

Invejavel destino, o teu — Estacio de Sá! Criança ainda, já eras, superiormente, um Homem! Foste ferido em plena victoria, quando os inimigos fugiam, em grita, ao rumor inconfundivel dos teus golpes cantantes.

A imagem de São Sebastião existente na Prefeitura.

Uma flexa que vem certeira ao teu rosto, enrubecido pelo sangue effervescente dos heroes. Cae o teu sangue á terra, ao barro vermelho, já livre dos pés intrusos — e desse sangue e desse barro nasce a Cidade que deveria maravilhar o mundo com a magia dos seus panoramas, a doçura dos seus crepusculos, a suavidade dos seus horizontes, a riqueza das suas industrias, a delicadeza das suas flores, a alegria das suas praias, a belleza sem par das suas mulheres... São Sebastião do Rio de Janeiro!

*

Morreste, Estacio de Sá, ferido de uma flexa como São Sebastião, no dia de São Sebastião, sob a egide de um Rei que tambem se chamava Sebastião e cuja figura se haveria de fundir, para sempre, em bruma e oiro, nos areiaes terriveis d'Alcacer-Quibir! Que mais bello destino para um fundador de cidade? Um heroe que se faz martyr á sombra de um grande santo, Anchieta!...

*

Cuidae, agora, senhor São Sebastião, do legado que vos deixou, em nome de um Rei de vosso nome, Estacio de Sá. Vós fostes, entre todos os martyres, o mais bello! Bello pelo vosso corpo perfeito de Appolo christão! bello pela clareza das vossas virtudes, pelo brilho singular do vosso espirito e bello, sobretudo, pela belleza sem macula da vossa alma — pedra perfeita no engaste de um corpo perfeito!

*

Advogado contra as pestes, diligenciae que a vossa Cidade esteja sempre sadia e pura, livre do bafo mortifero de toda a doença e de toda epidemia. Já um enviado vosso — Oswaldo Cruz — a limpara, um dia, da febre amarella... E ella ficou mais formosa do que nunca. E de todo o Mundo vieram estrangeiros, curiosos, admirar a graça castissima do seu corpo, todo verde de arvores, coroado de nuvens tão finas como os véos dos santos e das noivas!... Que nenhuma enfermidade a assalte e macule! Que ella seja sempre moça e pura, e que a lagarta immunda do Peccado não se enrosque jamais no seu puro corpo de virgem christã!

*

E não só do seu corpo, tambem do seu espirito tendes vós que cuidar, senhor Sebastião, santo e martyr! Que ella seja como o fostes — sem mancha no corpo e na alma! Livrae-a dos aventureiros que a poluem, dos invejosos que a cubiçam, dos perversos que a farejam! E que a furia das pestes envolva, no seu tropel maldito, quem quer que ouse roubal-a ao Brasil que a tem como a sua joia mais rica e o seu diamante de mais puro brilho!...

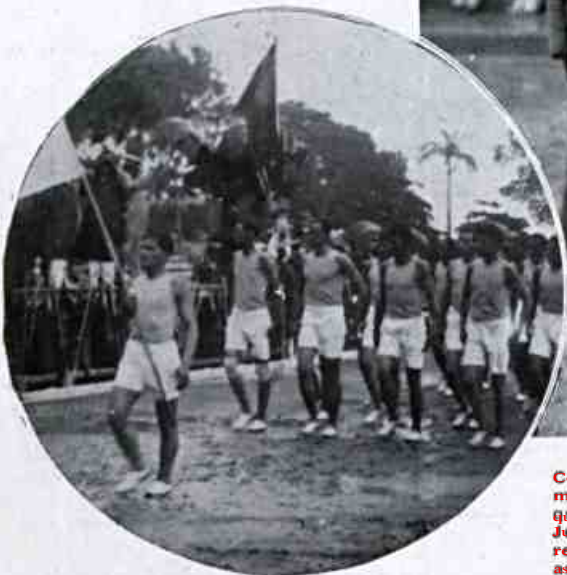
*

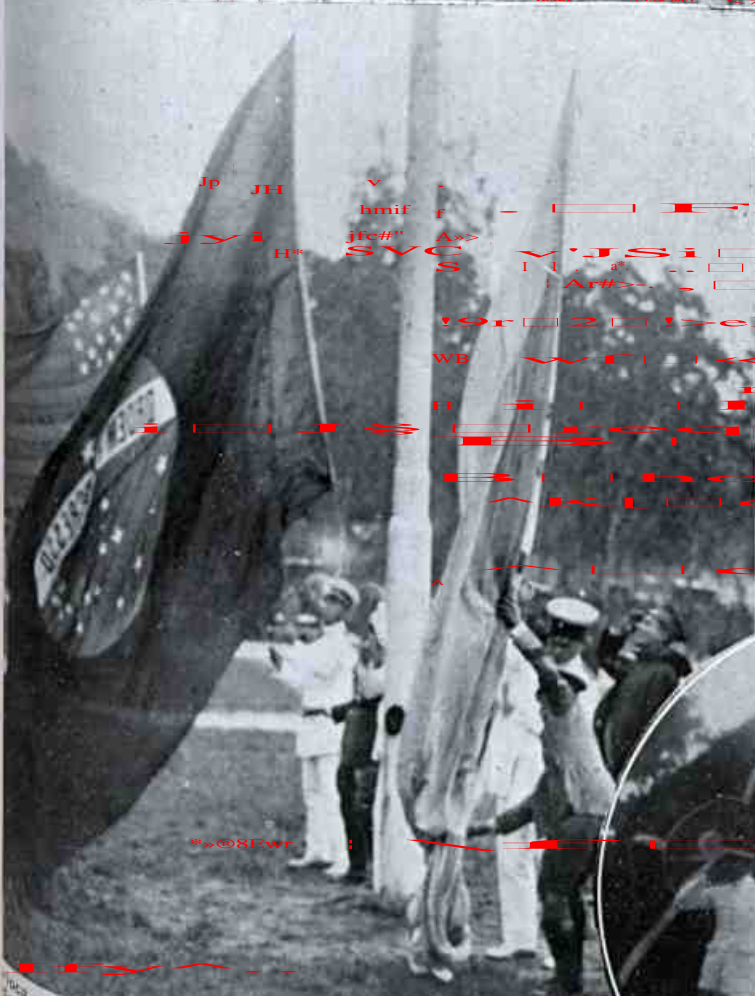
São Sebastião do Rio de Janeiro! Cidade-luz, cidade-flor, que a natureza escondeu entre montanhas para a defender do mundo, a ella em cujo seio cheiroso e fresco desabrocharam as mais bellas mulheres da Terra... Sê bemdita, cidade dos meus sonhos!...

BERILO NEVES

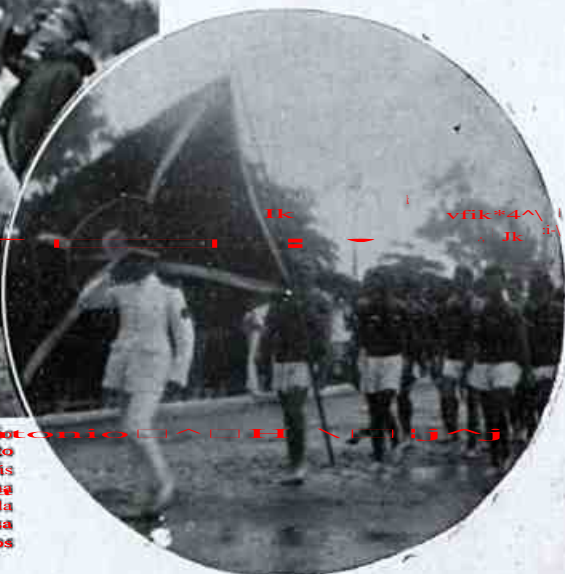
FILIGRANAS

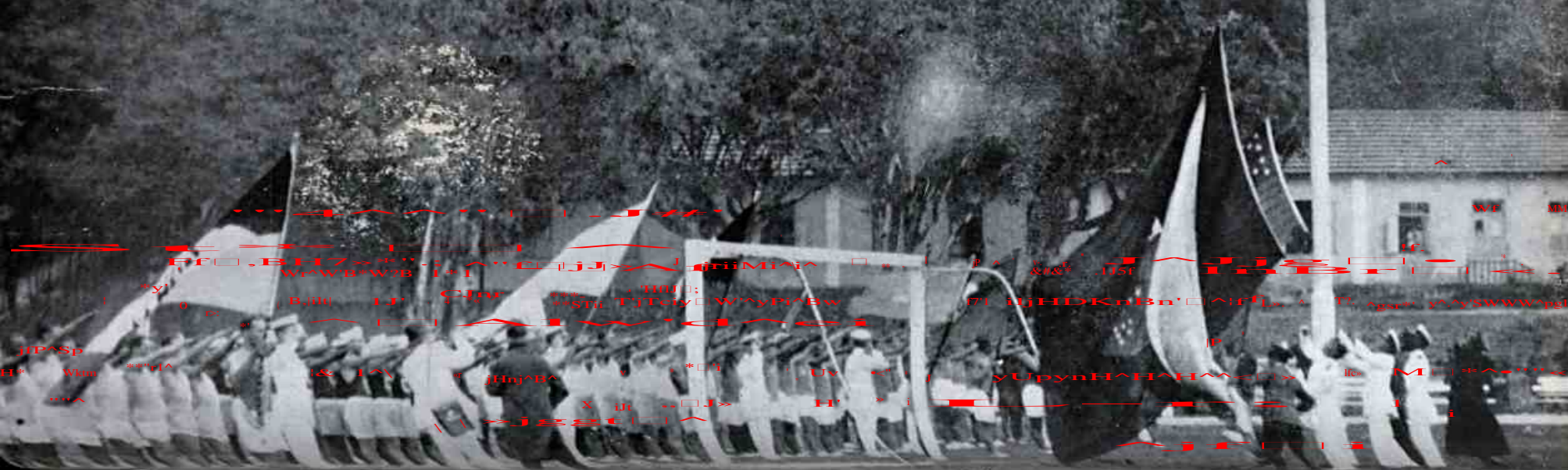
Houve entre os antigos uma frase de origem litteraria que passou a proverbio mais tarde: Baccho e o insulto nascêram no mesmo dia. Porque, com effeito, a embriaguez impelle o homem ás injurias pelo menor motivo.

Quanta coisa não tem nascido, assim, conjugadamente, ao mesmo tempo? Quanta! O jornal e a mentira. A carta anonyma e a calumnia. A mulher e o amor. E, sobretudo, certas pessôas que nós todos conhecemos e cujo nome não vem ao caso e a estupidez, a inveja, a maldade e o egoismo...

A FESTA DA CIDADE

Como todos os annos, o dia da fundação da cidade foi commemorado com vários festejos promovidos pelo Centro Carioca, que se realizaram, segunda-feira, na fortaleza de São João. Junto ao marco commemorativo da fundação da cidade, onde se reuniram as altas autoridades e muitas famílias, tiveram lugar as solennidades de sempre, acrescidas da inauguração da séde do Centro de Educação Physica. Em nome do Centro

FILIGRANAS

Conta-se que, depois da victoria de Salamina, o grande Sophocles, então moço e bello, dançou em derredor do trophéo alevantado pelos gregos, nú e ungido de oleo perfumado...

Hoje, os commentarios contra as danças brotam de todos os lábios, sobretudo dos daquelles que não podem mais dançar... E uma condemnação pesa sobre os requebros e apertuchos dos trotes e dos tangos. Entretanto, toda a gente dança vestida: os homens vestidos de verdade, as mulheres vestidas de mentira... Imagine-se si voltasse a moda dos áureos tempos de Salamina...

... começo a curimonia, o professor Antonio ... Tambem usou da palavra o professor Ariosto ... em nome do Centro Carioca, fez uma saudação ás ... presentes. A seguir, houve uma parte sportiva, na ... representantes de unidades do Exercito e da ... Corpo de Bombeiros e Policia Militar. A nossa photographica focaliza os aspectos mais expressivos da festa da cidade.

A Festa da Cidade

TERRA DE SOL

A terceira edição desse notavel livro de Gustavo Barroso

. . .

Excerptos de «Terra de Sol».

O SERTÃO

Quem das brancas praias do Ceará demanda o interior das terras, nóta que todo o terreno sobe, muito sensivelmente, da orilha do Atlântico para o sertão. E, quando avistar uma argilla vermelha ao invés da alva areia dos tabuleiros que margeiam a costa e o olhar não mais encontrar o cajueiro e o cauassú, nem as crespas moitas viçosas de muricy, suajirú, guabiraba e murta offerecêrem fructos ao descaso dos transeuntes; quando, o páu-branco se espalhar entre cerrados de rompe-gibão, troncos altos de catandubas elegantes, e ao olhar se estenderem vastas catingas de juremas rachiticas, ensombrando touceiras de corôa de frade; quando cortarem o terreno largas lages de granito e schistos argillosos, quartzitos, se esbarrondarem nas ribanceiras, por entre lascas de calcáreo endurecido, lenta e silenciosamente transformando em mármore, — ahi começa o sertão.

Gustavo Barroso.

As montras das livrarias veem de expôr a 3.ª edição de "Terra de Sol", o grande livro de Gustavo Barroso. Raramente, a fortuna literaria abençoa, por fórma assim definitiva, o destino de uma obra e a gloria de um escriptor. "Terra de Sol" é um livro de excepção na chronica das estréas literarias do Brasil. O talento magnifico do adolescente, que produziu essa obra marcante, não trahiu, em nenhuma minucia, o fogo da idade. "Terra de Sol" é de uma inteireza, e de uma harmonia imprevistas. Ao vigor da observação, á agudeza da analyse, ao senso da critica corresponde um poder de estilo privilegiado, que dá á obra o luxo de uma prosa symphonica.

Os applausos, que Gustavo Barroso recebeu ao penetrar a cidadella das letras, já de esporas de ouro, prenunciaram, com exito incomparavel, a conquista invejável da nomeada, que dentro de poucos annos consolidava uma das nossas mais puras consagrações literarias.

Hoje o apparecimento de uma edição nova de "Terra de Sol" pede, apenas, um registro, á margem do grande exito consagrador: O de congratulações com o mundo literario pelo contacto perenne do livro, no qual Gustavo Barroso celebrou as primicias maravilhosas do seu talento literario.

A MELANCOLIA DO SERTÃO

Todo o sertão é duma grande tristeza, na côr, no silencio, no aspecto; e essa tristeza em tudo se infiltra e impregna tudo: um galho que range de encontro a outro lembra um gemer de moribundo; o estalar crepitante dos gravetos pizados por qualquer animal parece um soturno falar de avantesmas; um canto de passaro, um alto pio d'ave de rapina, um guincho de pixuna, tudo é triste, tudo é melancolico. Qualquer som que quebra o silencio parece mais triste que o proprio silencio.

A SECCA

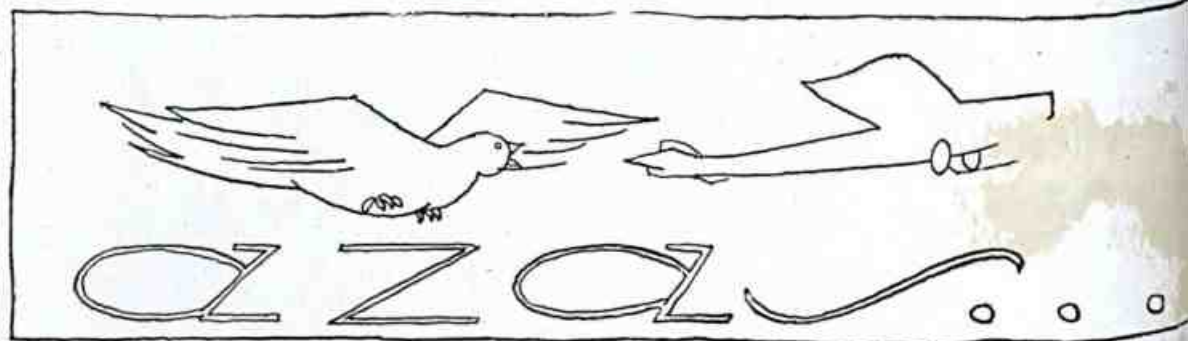
E' horrivel essa quadra no sertão: e ao pôr do sol, um pôr de sol sem trinados de passaros, sem ciciar de ramas á brisa, a alma se recolhe numa grande saudade, quando os periquitos passam em bandos, grasnando, rumo das praias, — ultimas fileiras do exodo da passarada. A' noite, tarde, o sertanejo acorda ao urrar faminto duma rez junto á casa da fazenda; e, quando ella, cansada, múge baixo num estertoramento, ouve o saudoso piar longinquo dum bando de marrécas que emigram para mais dóces paragens, voando pelo negrume sem fim do céo, como que perdidas em grande isolamento. Elle escuta e murmura acabrunhado, deixando adivinhar lagrimas no dolorido da voz, embora acalcanhe, reagindo, o seu acovardamento: «Lá vão as marrécas para o Maranhão!»

O CANGACEIRO

O cangaceiro é sagaz, precatado e cauteloso, de uma pertinacia a toda a prova, orgulhoso de seus feitos e extremamente traiçoeiro. A traição, a sorpresa, a subitaneidade dos ataques formam o fundo do seu caracter. Esmagar a força mais fraca, esquivar-se á mais forte, deixál-a cansar em perseguições fatigantes, não se deixar surprehender nunca, saltear sempre de improviso, não ser esperado, não se annunciar, apparecer bruscamente, deslisar pela noite calada: — eis a sua escola. E' de ardilezas e resguardos; escaramuça com os mais fortes e só combate destemeroso com o mais fraco e com o que o iguála.

A PSYCHOLOGIA DO SERTANEJO

A alma do sertanejo é calcada na alma do sertão. Lá a natureza, quando recusa seu auxilio, nega avaramente a sombra, nega cruelmente a gôtta d'agua, recusa tudo. Mas, quando dá, dá de mais, dá com fartura, com abundancia. Dahi os dois aspectos do caracter do homem do sertão: a tenacidade na luta, quando o meio o hostiliza e procura esmagál-o; o descuido, a indolencia e a imprevidencia de quem repousa de longa luta, nos tempos bons. A sêcca calcina a terra, resécca os matagáes, torra as capoeiras decotadas, vae amaciando as pastagens até pulverizál-as: o sertanejo combate estoicamente. O inverno alegra o sertão farto: elle preguiça e modorra.

azas...

NOTAS LITERARIAS

O escriptor Alcibiades Delamare, que acaba de publicar um novo e bello livro — «Culminancias», prefaciado pelo nosso companheiro Gustavo Barroso. E' um volume de ensaios criticos, historicos, sociaes e biographicos de varias personalidades. Idéas rythmadas por um estylo são e quente. Como diz o prefaciador: é um «documento de fé, uma lição de civismo e um preito de amizade». Impressões pessoaes felizes. Cultura vasta. Optimo volume.

BAILADO DE FOLHAS SECCAS

Do meu caramanchel em flor olho, attento, as folhas seccas que o vento impelle, fazendo-as volitar, e dançar, dançar...

O bailado das folhas seccas, o perfume de saudade que ellas espalham no ar!...

Por que será que estão assim tão inquietas, hoje, as folhas seccas do meu passado?

Meu amor, ellas dançam, ellas bailam em louvor de tua recordação, com saudade de ti!

Ah! si estivesses aqui para veres como é triste, quanto é melancolico o bailado da Saudade dançado pelas folhas seccas da minha recordação!

Rythmos lentos de tangos arrastando, espaço em fóra, pedaços da alma da gente; cadencias suavissimas de valsas evocativas, melancolia de violões... tudo isso, tudo isso constitue a extranha orchestração que faz dançarem, que faz bailarem, neste momento, em louvor de tua recordação, com saudade de ti, as folhas seccas de meu passado ainda de hontem...

VICTORIA REGIA

No rio Amazonas do meu sentimento, da minha emotividade, da minha phantasia, és tu, minha Illusão, a bizarra Victoria-Régia, esplendente e magnifica, que deslumbra e enche de enthusiasmo, de alegria e de festa as aguas inquietas ou tranquillas da minha vida.

E eu te bemdigo e bemdirei sempre, porque, na paz floral e perfumada de tua corolla, de constante aberta para acolher-me e agazalhar-me como um regaço carinhoso de mãe, como um refugio consolador e amigo, tens acalentado todo o sonho e toda a idealidade da minha vida.

Bemdita sejas, Victoria-Régia, minha Illusão

O dr. José Augusto de Castro é um joven medico fluminense, que fez com grande brilho e proveito o curso da nobre profissão que, agora, vae exercer, clinicando no seu Estado, em cujos circulos sociaes é muito acatado e justamente considerado.

AUTORES

Sr. Ramos de Freitas, inspector geral da Policia do Estado de Pernambuco. Após tres annos de exercicio de suas espinhosas funcções, revelou sempre as melhores qualidades de caracter, de energia, sagacidade e perspicacia. O sr. de Freitas vem de reunir em volume, a que deu o titulo de «Ensaios de Policia Technica», as suas observações e os seus conhecimentos.

A TORTURA DO INACCESSIVEL

Sinto, dentro de mim, uma inquietação de azas, sinto, dentro de mim, a vertigem dos grandes vôos, a exaltação das alturas... pobre de mim, é grande demais o sonho que tão alto me alcandora! E' grande demais, e é tambem inattingivel...

Meu amor, por que tão alto, tão alto fizeste brilharem, para [illegible] as estrellas illuminadas de teus olhos?

Como attingil-as, como conseguil-as um dia, vêl-as illuminarem de perto, bem pertinho, o céo azul de meus dias, um céo a que falta a [illegible]tação resplandecente das estrellas [illegible]

MOINHO DE SANTO IGNACIO

O sol veiu beijar a bocca orvalhada da manhã tropical!

Ao longe, o moinho...

O moinho de vento, que rodava seus braços distendidos em convulsões violentas de se desprender, voar...

O moleiro, um polonez de 60 annos, fumando o seu cachimbo de aroeira, sarrento, estava alegre porque a ventania bandarilhava as azas do seu moinho rustico e ensolarado.

Ah! Quanto mais o vento enfurecesse, se transformasse em tormenta, em vendaval allucinante, mais o moinho regorgitaria de alacridades incontidas e o moleiro se locupletaria de jubilos coracionaes.

O moinho trabalhava, trabalhava...

O moinho metamorphoseava-se em farinha.

A farinha é fubá.

E alli, entre pinheiros gigantescos e intemeratos que palestravam com o céo, vendo campos e coxilhas tapetizados de milharaes carnavalescos e buliçosos, o moinho de S. Ignacio éra um pedaço da Hollanda de Rembrandt, de Guilherme — o Taciturno — e de Lourenço Koster, que o vento dos tropicos, o vento paradoxal e humoristico da minha terra, perseguia e dominava...

O moinho ostentava seu longo catavento de pinho e as suas engrenagens gemiam uma nenia tão sentida como si recordasse, saudoso, a patria longinqua...

E no meio do grammado, solitario e dynamico, vendo a perspectiva verde da campina extensa, que ia entregarse á volupia azul do infinito nos coxins do horizonte largo, aquelle moinho éra o unico estrangeiro traste que quebrava a harmonia dissonantemente rythmica da paizagem agreste.

Moinho de vento!

Moinho de S. Ignacio!

Como eu te quero assim com toda a tua conspicuidade inteiramente batava, sizudo como Jan de Witte, encantador como as tulipas de Leyde, poetico e merencorio como as aguas dos canaes de Amsterdam, a emprestar á paizagem polycolor de Curityba o teu caracter lendario de hollandez honesto e laborioso!...

ODILON NEGRÃO

O LADRÃO

CONTO DE BASTOS PORTELLA

— Péga o ladrão! Péga! Lá vae elle!... E' aquelle de preto, *seu* guarda! Apite, apite! Senão elle foge!

O vigilante põe o apito na bocca, e trilla desesperadamente — ao mesmo tempo que se precipita no encalço do fugitivo.

Cabeças assustadas emergem do quadro escuro das janellas. Rostos estremunhados surgem nos terraços. As sacadas se abrem. Acordam as aprazíveis vivendas.

Todos querem saber do que se trata. Que foi? Que não foi? Que significa tal algazarra?

— Um ladrão! — explica um transeunte que passava, pela rua deserta, áquella hora, sob a nevoa pura do inverno.

— Estava roubando?

— Dizem que saltou a grade daquelle jardim, perseguido pelo dono da casa. Houve tiros.

— E', papae, eu ouvi uns disparos! — intervem uma garôta loura, que chegava á janella de um *bungalow* florido de bluets e narcisos, ao lado de um cavalheiro gorducho. O cavalheiro pede outros esclarecimentos ao transeunte, que parára á sua porta. Mas o passante nada sabe além do que já dissera. Passava pela rua — a rua Conde de Bomfim — quando ouvira os gritos de — "Péga o ladrão!" que algumas pessoas lançavam no silencio da noite, em perseguição do accusado.

Na casa, em cujo jardim o vulto de preto surgira, ha luzes que se côam por traz das vidraças, e chôro de mulher entremeado de imprecações, de vozes que se alteiam, que esbravejam.

Que terá occorrido?

A interrogação fica, viva, no ar!

... E, de novo, a rua recáe no seu silencio de inda ha pouco — emquanto morrem na calçada os ultimos passos de dois ou tres curiosos, do guarda e do supposto ladrão. Vão todos a caminho da delegacia...

* * *

Deante da autoridade, o homem, que fôra preso como ladrão, se mantém com uma dignidade invejavel, uma linha e uma distincção que impressionam. O commissario, com aquella argucia de Sherlock Holmes, sorri, um tanto sceptico, com ar de incredulidade, quando o guarda nocturno lhe apresenta aquelle cavalheiro que tem todas as maneiras de um *gentleman*, dando-lhe a pecha de ladrão. Quasi refuta a accusação, — dizendo: "Não é possivel!" Mas o seu papel é de méro policial.

O dono da casa, onde o supposto assaltante foi surprehendido, está presente ao interrogatorio. Affirma que o estranho visitante pulava a janella do banheiro, para o quintal, no momento em que elle entrava, com a senhora, de volta do theatro. A sua filha — a unica pessoa da familia, que ficara em casa — não tivera animo para dar o alarme: estava petrificada pelo medo.

— Que diz o sr.? — indaga a autoridade.

Altivo, convicto da sua nobreza de caracter, elle se limita a confirmar a accusação:

— Sim, é verdade!

— Tão decente, com tão bôa apparencia, o sr. não se peja de confessar que...

— Que ia assaltar a casa deste cavalheiro — completa o supposto ladrão, apontando o pae da leviana a quem amava.

A consciencia do commissario sente remorsos em atirar ás grades de um xadrez, um homem que não dá mostras — oh, de modo algum! — de ser um transviado do caminho da honra. Aquellas maneiras finas, aquelle modo de olhar, de sorrir, de fallar... Tudo nelle indica o homem de sociedade, o homem habituado aos meios elegantes.

Elle ali está — no aprumo do seu *veston* — bem talhado. Traz luvas. As luvas podem ser uma prevenção contra a theoria da dactyloscopia e a identificação judiciaria. Mas as polainas, a bengala de gosto, a piteira de ambar, o laço da gravata — com apuros e detalhes de um Brummell — o chapeu, o sobretudo, o perfume que lhe rescende do lenço...

A autoridade sorri, enigmatica. E, no intimo, diz de si para si: "Esse homem não é, não póde ser um ladrão. O inquerito ha de tudo apurar". Recomeça o interrogatorio.

— Seu nome?

— Claudio Villar.

— Que idade tem?

— Trinta annos.

— Qual a sua profissão?

O homem vacilla. Filho de paes ricos, mortos estes, entrara elle na posse de consideravel fortuna. Viajou pela Europa. Um dia, cansado da vida ociosa que levava, resolveu retornar ao Brasil. Aqui, encontrou, novamente, a jovem de quem fugira, resistindo, assim, aos perigos de uma paixão desvairada. Preparava-se para installar-se no interior de São Paulo. Para isso, adquiriria — projectava — uma fazendola, uma propriedade onde pudesse viver socegado. Ninguem o conhecia mais. Havia cinco annos que se ausentára do seu Estado natal. A sua vida, consequentemente, estava por se reconstruir. Qual era a sua profissão? Na verdade, elle não a tinha. Difficil situação.

Recordava as suas leituras passadas, os seus ensaios literarios. Naquelle momento, era bem a viva encarnação de um personagem de Henry Bernstein. Lembrou-se de "Le Voleur". E, depois, por uma connexão de idéas que desfilavam pelo seu cerebro, num tumulto imprevisto, — repetiu o conceito de Maurice Magre, em "L'Art de seduire les femmes", segundo o qual *l'amour de celle que l'on aime, fait toujours defaut au moment où nous en avons plus besoin*. E respondeu ao commissario, convictamente:

— Não tenho profissão. Sou vagabundo.

E o policial, com ironia, ergueu do a penna do livro de "partes":

— Portanto, é excusado perguntar-lhe a sua residencia... Si é vagabundo...

— Perfeitamente!

— Estado civil?

— Divorciado.

* * *

Claudio Villar — puro pseudonymo, engendrado, á ultima hora, para encobrir o nome de Bruno Vasques — espera nas grades da sua cella o julgamento do "crime" que commettêra: assalto a mão armada para roubar...

Que ironia!

Nesse interim, troca-se entre elle e a "distincta senhorita Alda Torres, filha do capitalista Mario Torres", uma breve, mas expressiva correspondencia.

Ella, recebe das mãos de um emissario de Vasques este bilhete, que evidencia o sacrificio de que um homem nobre é capaz:

"Alda — Entrarei em jury brevemente. Em nome do nosso affecto, eu te juro que nunca revelarei a verdade. Saberei preservar a tua reputação dos ultrajes e affrontas da sociedade — Teu — Bruno."

Elle recebe da parte della esta simples resposta:

"Bruno — Perdôa-me não ir assistir ao teu julgamento. Tu foste um ingenuo. Por que não te defendeste com mais intelligencia? Por que foste tão inhabil? Adeus. Sê feliz. — Alda."

alto fallante

CONTRA o direito de matar por delicto de amor, que a legislação penal do México recentemente adoptou, já começaram a manifestar-se os que talvez tivessem acceitado de bom grado a violenta providencia, se não fosse o seu caracter de reciprocidade. E' o que adiantam noticias procedentes do México, communicando que acaba de se constituir alli uma associação dos maridos mexicanos para pugnar pelos interesses ameaçados da numerosa classe.

* * *

COMO se sabe, o novo codigo penal da patria de Guatimozin introduziu entre seus dispositivos o direito de matar o marido a mulher adultera e seu amante, permittindo tambem a esta a mesma "suave" regalia. Ora isso, positivamente, era uma medida que, em hypothese alguma, poderia ser bem acolhida pelos maridos do Mexico ou de qualquer outra parte do mundo. E não foi.

* * *

E por mais que se queira suppor que foi o medo das balas femininas que determinou, agora, a fundação de uma grande liga de defesa da classe, logo se verificará o engano. Outro, bem outro, e bem legitimo e justo é o motivo determinante desse sympathico e quasi commovente gesto de solidariedade entre os homens casados do México.

Polygamo por instincto, por direito de nature, o homem alli, como aconteceria em qualquer outra parte do mundo, colliga-se apenas para defender a integridade de sua animalidade, sua liberdade de Chantecler, seu millenario prazer de variar um tanto para desfastio da monotonia das coisas domesticas.

* * *

E teem razão: o adulterio no homem é um direito natural, está na massa do sangue. A lei mexicana, permittindo a ambos os conjuges o direito de matar por delicto de amor, não só o expõe aos perigos de uma constante ameaça de morte, por qualquer crise mais forte de nervos ou de ciumes de sua cara metade, como cerceia, violentamente, sua humanidade, mutilando-a na sua propria animalidade, numa obra cruel e impiedosa de desvirilização, de atrophiação de seus impulsos instinctivos, — um verdadeiro crime contra as leis mesmas da vida.

Paulo Fernando é o gracioso filhinho do illustre advogado dr. Nelson Pinto e de sua exma. sra. d. Dorzilla Alves Pinto, que festejou sabbado ultimo (18) o seu 2.° anniversario, reunindo na residencia de seus paes, á rua Senador Vergueiro, o mundo encantador de seus amiguinhos.

* * *

HOJE, no México, a mulher, que foi feita de uma costella do homem, para ser uma especie de parte complementar de sua vida, tem em mãos o mais absurdo dos direitos — o de matar aquelle que lhe deu o osso com que veio ao mundo e que, atravez de seu sonho de eterno amoroso e de impenitente sentimental, lhe deu um throno no mundo e um altar no lar.

* * *

UM olhar mais alambicado, um sorriso mais significativo para um palminho de cara bonita — nada disso, mesmo de soslaio, já poderão arriscar, sem imminente perigo, os maridos mexicanos. Se não... pum! pum! E era uma vez um homem que quiz, impunemente, usar das prerogativas de Chantecler com que Deus o poz no immenso terreiro do mundo.

Defendendo o perfeito, pacifico e completo exercicio da masculina integridade de seus associados, a Liga de Defesa dos Maridos Mexicanos nada mais faz do que defender seu mais sagrado direito — o direito de amar, de fecundar, de multiplicar a vida.

* * *

A minha solidariedade, no caso, é completa, vehemencia e enthusiastica. De perigos bastam-nos os a que a mulher já nos traz sujeitos, fazendo-nos commetter as mais lindas e tambem as mais tragicas maluquices deste mundo. Porque ellas — as mulheres — é que, desde o peccado original, nos trazem rendidos ao malabarismo da eterna tentação do fructo prohibido. Habituaram-nos assim; fizeram-nos assim...

* * *

PORQUE lhes dar, agora, o direito de matar aquelles que unica e exclusivamente por fraqueza dellas, tanto gostaram da fruta que lhes deram a comer, ha mais de dois mil annos, que uma fome só já lhes não satisfaz a deliciosa e exigente glutoneria?

Não; isso não pode ser: o draconianismo do codigo penal mexicano, a tal respeito, importa num attentado contra os direitos naturaes e instinctivos do homem, num crime de... lesa-masculinidade.

MAX LINDER

TRISTEZA

Não sei por que me avassala esta languida tristeza, todas as vezes que sou obrigada a assistir a uma festa.

Vem-me logo ao espirito arrebatado as doces e magoadas lembranças

Sempre que posso, afasto-me discretamente do torvelinho encantador; procuro a penumbra acolhedora de uma janella occulta, onde me sinta

Mlle. Itala Fontoura de Almeida é uma galante figurinha da sociedade carioca.

mais só, podendo conversar nessa linguagem muda e incomparavel, que é o pensamento, com os astros, meus irmãos, que me sorriem da grandeza divina do Infinito.

E... — por que não dizer? — é em ti que eu penso,

em ti que ponho toda a minha alma, toda a minha emoção, toda a minha ternura.... infinita.

Vejo-te na vaga plumbea da memoria, meu barqueiro gentil, singrando, sereno e altivo, o mar revolto da minha vida...

Entro no teu loiro batel.... Recebes-me no carinhoso anseio dos teus braços.... e vogamos mansamente, sonhadoramente, unidinhos, silenciosos, commovidos, como si a nossa felicidade não fosse o sonho lindo, este sonho "tão sonho".... da minha nostalgia...

Mas.... falaram-me de ti.... E despertei para o doloroso desencanto da realidade.

Sonhar! Triste consolo.... Entretanto, o unico que póde procurar meu coração abandonado.

Baroneza de Branccion.

O Rotary Club do Rio de Janeiro tomou a iniciativa de fundar a Cruzada Contra o Analphabetismo e promoveu, para esse fim, segunda-feira ultima, um almoço, no Palace Hotel, com a presença do ministro da Justiça, dos representantes do Prefeito do Districto Federal, do director do Departamento Nacional do Ensino, de varias associações de classe e da imprensa. Nesse almoço, que decorreu num ambiente de expressiva cordialidade, foram lançadas as bases da patriótica Cruzada, cujo objectivo é mover uma campanha pela instituição do ensino obrigatorio na capital da Republica, e que merece, por isso, o concurso de todos os bons brasileiros. A gravura acima fixa um aspecto do almoço do Rotary Club, tomado na occasião em que falava seu presidente, dr. Miguel Arrojado Lisboa.

O dr. Cezar de Faria Lemos, que acaba de concluir o seu curso medico na Faculdade do Rio de Janeiro, é uma das figuras brilhantes de sua turma. Ex-interno do hospital geral da Misericordia, do hospital do Corpo de Bombeiros, da Policlinica Geral do Rio de Janeiro e da Prophylaxia Rural, elle traz, para a vida pratica, a par da sua intelligencia, todos esses titulos e mais o documento de uma these notável sobre «Paranephrites» (cadeira de clinica cirurgica), que defendeu galhardamente, merecendo ser approvada com distincção. O dr. Faria Lemos foi o orador official dos seus collegas recem-formados, no almoço offerecido ao dr. Lincoln de Araujo, chefe da Maternidade da Santa Casa, e realizado no Club dos Bandeirantes, a 12 deste.

A Festa dos Humildes

Por Perillo Gomes

O humilde casal chega a Bethlem.

Um edito imperial convocara o povo á rainha de Judá.

Seus hoteleiros, seus habitantes rivalizam em cuidados, em carinhos para com os forasteiros. Isto é, para com aquelles forasteiros que, pelo brilho do seu sequito e pela opulencia dos seus trajes, apparentam abastança e poderio.

José e Maria não pertencem a esse numero. Elles entram na cidade como pobres retirantes: a esposa montada em triste alimaria que o esposo conduz pelo cabresto.

Ninguem lhes dá agazalho. Não palpitam corações na cidade predestinada. Ha, somente, olhos cubiçosos para o fausto dos que chegam e uma terrivel, obstinada avidez de ganho e de ouro.

Cansados, afinal, de bater, em vão, de porta em porta, marido e mulher installam-se em desprezivel mangedoura. E alli, tarde da noite, "findam os dias da gravidez de Maria e ella deu á luz ao seu filho".

Todo mundo já se havia recolhido aos seus lares. E Bethelem, envolta nas trevas e no silencio da noite, adormecia tranquillamente.

Lá em baixo, porém, ao pé da collina, um pouco além de Beit-Saour, na planicie de Booz, pastores velavam. E eis que, de subito, resplandecente de luz, um anjo lhes apparece e lhes diz: "Rejubilae-vos, pois que eu vos venho trazer uma alegria que será grande para todo o povo. Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Christo, o Senhor, na cidade mesma de David. Vós o reconhecereis por este signal: elle está envolvido em faichas e deitado num estabulo".

E' da historia que o annuncio foi egualmente dado ás potencias da terra, figuradas pelos Reis Magos.

Foi, no emtanto, a gente de mais baixa condição social, a gente desprezada e humilde, que obteve as primicias da annunciação de Christo.

Mysterio?

Mas, vejamos ainda: quem era aquella miserrima criança que, ao nascer, não tinha um tecto onde se abrigar e que sobre palhas vira a luz do mundo?

Era aquelle, de quem dissera o propheta, cujo poder assim se affirmava: "ao que não fôr meu povo eu direi — *meu povo!* E elle me responderá: *meu Deus!*"

E por que escolhera aquella desgraçada situação para se revelar aos homens?

Não ha outra resposta: foi porque "o Deus Eterno, querendo visitar os homens e patentear-lhes o seu amor, devia descer até elles, e tão baixo que não houvesse nenhum degráo da miseria humana que por si mesmo elle não sondasse ou conhecesse."

A festa do Natal é, por isso, a festa por excellencia do amor de Deus, a festa em que os fracos, os pequeninos mais partilham da sua bemaventurança. E' o proprio anjo quem lhes diz: "nasceu-vos hoje um salvador".

Felizes os rudes pastores do valle da Judéa, imagem de todas as enfermidades da nossa natureza, da dôr anonyma, mas tambem da gloria anonyma que eleva ao esplendor da Gloria Eterna.

Sem duvida o Salvador nasce para todos. O anjo do Senhor o disse: "eu vos venho trazer uma alegria que será grande para todo o povo". Só aos pastores, no entanto, elle concita á alegria, e a elles, primeiro que todos, conduz ao presepio do Menino Deus.

Israel esperava um Messias glorioso, mas fulgurante do esplendor da gloria mundana. E o Messias veiu, mas sob a forma da fragilidade, da necessidade e da pobreza.

O Natal, por isso, é bem a festa dos humildes.

PERILLO GOMES é um escriptor já consagrado nos circulos intellectuaes desta capital e um dos nomes de relevo e prestigio no actual momento catholico nacional, de que foi o saudoso Jackson de Figueiredo, com a fundação do Centro D. Vital, o nobre e magnifico iniciador.

Esta pagina de Perillo Gomes, que FON - FON *hoje publica, era destinada á nossa edição de Natal. Estava, porém, o distincto escriptor de viagem para a Europa, como um dos directores da recente peregrinação brasileira a Roma e á Terra Santa, e só agora, depois de seu regresso, ha poucos dias, é que tivemos o prazer de receber a collaboração que illustra esta edição.*

Balcão Florido

ROSAS DE TODO ANNO

Je pensais: les fleurs
[tombées
Retournent á leurs bran-
[ches:
Mais non! c'étaient des
[papillons...

Tambem eu pensava, até bem pouco, que as rosas de todo anno de meu amor de outrora, voltariam comtigo a engalanar a arvore sagrada de meu coração. Mas só tu voltaste, e tu propria já não eras a mesma.

Por um momento quiz illudir-me ainda, e, deante da minha retina marejada de saudade, as rosas de todo anno que, ruidosamente, roubaste, ha tempos, ao jardim fechado de meu coração, pareciam, frescas e fragrantes, volver, em alacre revoada, a seus ramos abandonados e resequidos.

Mas, não. Como no haikai japonez, que faz o encanto exotico desta evocação de teu ser bizarro e trefego..., c'étaient des *papillons*, eram as borboletas da minha illusão, da minha Saudade...

REPUXO DE PETALAS

Querida, do céo azul illuminado e festivo, desce sobre a terra verde, de entranhas fecundas e generosas, a caricia quente do amor.

E eu te espero, e eu aguardo, ansiosamente, a tua vinda...

Lá fóra, sob o balcão em flor da minha fantasia, passam cantando, olhos perdidos nos olhos amados, e mãos entrelaçadas, pares e mais pares de enamorados. E' a ronda do desejo a cantar uma canção feita de beijos...

E eu tambem te espero e, abrindo o repuxo de petalas do jardim suspenso que cultivei em tua honra, sinto que ellas, volitantes, num *frou-frou* suavissimo de amor, espalham no ambiente que me envolve o odor casto de teu corpo virgem.

Querida, teus labios... tua bocca pequenina e cheirosa, onde as abelhas inquietas da minha exaltação fabricaram o mel do meu desejo, é o repuxo de petalas do meu jardim...

A senhorita Anna Carolina de Souza e Silva, joven pianista paraense, que acaba de conquistar o primeiro premio (medalha de ouro) do Instituto Nacional de Musica. Foi alumna do prof. Paulino Chaves, do Pará, e do prof. Luiz Amabile, desta capital.
(Photo De los Rios)

PAPOULA & GYRASOL

Papoula — Por que essa intranquillidade? Por que vives, assim, de continuo volvido para o sol, a gyrar, a gyrar?

Gyrasol — Porque o sol é a vida.

Papoula — E eu, que sou eu, então, para ti, que me dizes sempre que sou o teu amor, a tua vida?

Gyrasol — E's a mulher que o sol creou, no beijo de luz com que fecundou as entranhas da terra em que viceijas...

Papoula — E só? Para ti nada mais represento?...

Gyrasol — Tolinha, como és egoista e como te illudes, se é que não to fazes ingenua! Quando meu beijo, quente de sol e de vida, espalha o calor de meus labios no *rouge* de tua bocca, responde-me sinceramente, que é que sentes?

Papoula — Amor... Amor...

Gyrasol — Comprehendes, agora, por que eu gyro em derredor do sol, realizando o circulo vicioso da minha vida?

Papoula — Sim, querido, para transfundires em meu ser o calor de teu beijo, com resplandecencias de sol, e agitares, em rythmos quentes de volupia, o sangue do meu corpo palpitante de amor!

Gyrasol — Vê como já me comprehendes... O sol fecunda os beijos ardentes que a inquieta caricia de meus labios deposita na tua bocca para a delicia pagã da exaltação do nosso amor...

Papoula — Querido... o sol, o sol que te faz gyrar, gyrar sempre...

Gyrasol — E' o amor, o amor que te dá agora esse estranho deslumbramento, o amor em torno de que todos nós, todos os seres, vêm realizando o circulo vicioso da vida...

HELIANTHO.

A MULHER

Vestido estampado negro, cinza e branco ■ Jean Patou

CHIC — Vestido de crêpe "Alhambra" negro. Jean Patou.

TREPAÇÕES

Si madame soubesse o principal motivo do encanto do marido, pelos banhos de Copacabana, naturalmente perderia o habito de se deixar ficar commodamente em casa, e passaria a acompanhar o caro esposo até a praia.

Porque elle em casa é um homem de habitos morigerados, pacato, apostolo da moral sã, porem, na praia, solto, longe das vistas da companheira, é inteiramente outro.

Tira a mascara do rosto, perde o ar de santarrão, inscrevendo-se no batalhão dos *tubarões* de praia.

Madame que repare na pontualidade do marido, em cumprir o seu horario matinal do banho...

Sempre na mesma hora sáe de casa, porque assim acontece tambem com uma discipula de natação, que elle arranjou...

E, quando mergulha no mar, é de vêr como se desmancha em attenções, em cuidados e carinhos, com a discipula que parece não menos encantada com o professor.

Si a cousa continúa, quando *madame* accordar é tarde para fazer o marido voltar ao bom caminho...

Não fôra a intervenção opportuna e severa dos paes de *madame*, e a estas horas os jornaes teriam registado mais um caso de desquite que despertaria vivos commentarios na alta sociedade.

A rigor, parece não existir razão para o casal viver ás pêras, nem se justificaria uma acção de desquite por simples capricho feminino, que, de um momento para outro, se desfaz como bolha de sabão, no ar, sem deixar vestigio.

Caprichos, porque ella não quer que o marido frequente o *pocker*, numa roda amiga, e elle teima em manter o seu unico vicio...

Elle argumenta que se trata de um *pocker* barato, que, perdendo ou ganhando, serve apenas de motivo de distracção; porem, ella replica não ser delicado o abandono a que se sujeita, a olhar para os ponteiros do relogio até que o marido se recolha á casa.

Vamos dar razão a *madame*, porque esta historia de *pocker*, uma noite sim outra não, no fim dá em rambles...

Devia ter sido um domingo delicioso, porque *madame* sahiu pela manhã e só tornou á casa dentro da noite.

A sahida, apesar de cautelosa, não deixou de dar na vista...

Na esquina, um automovel alinhado, tendo como *chauffeur* um sympathico rapaz, que soube interessar o coração de *madame*, recebeu-a furtivamente, desapparecendo rapido na poeira da estrada...

A sensação da fuga devia ter feito pulsar forte o coração de *madame*, pois, pela primeira vez, ensaiava tal aventura...

Havia capitulado deante da insistencia do rapaz de bôas roupas, rico, e possuidor de uma *limousine* que é uma poderosissima arma de conquista de cabeças lindas e vazias, que se impressionam com os aspectos exteriores da vida futil, moderna...

Não podemos conhecer os detalhes do delicioso passeio de *madame*, mas facilmente se advinha o itinerario de uma *limousine* que transporta um par amoroso que necessita fugir do bulicio da cidade...

Parece que tudo correu bem, porque, quando *madame* regressou do passeio, estava alegre, de physionomia risonha, feliz...

Pois é aproveitar, emquanto o marido está fóra...

Odilon Azevedo, escriptor e actor, como Molière, reappareceu, quinta-feira ultima, no Theatro Lyrico, na peça «Chauffeur», de Joracy Camargo, levada pela companhia que tem o seu nome e o de Belmira de Almeida. Odilon Azevedo é uma figura victoriosa do theatro de comedias. Mas isso tinha de acontecer, porque não lhe falta talento como artista, nem como escriptor. A companhia Belmira de Almeida-Odilon Azevedo, depois de uma série de espectaculos no antigo theatro da rua 13 de Maio, fará uma «tournée» pelos Estados.

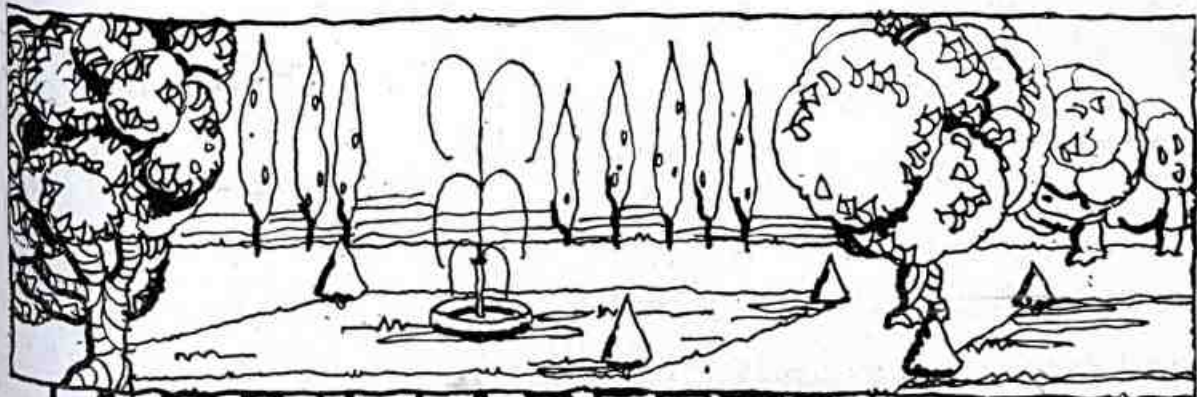
A joven *madame* suppunha que o escriptor era um desses platonicos, que vivem a vida, como realizam a sua arte. Enganou-se. O heróe desta *trepação* não é desses de quem se póde dizer, como o juizo de Buffon: "O estylo é o homem." Delle o que se póde affirmar é o seguinte: "O estylo é um; o homem é outro"...

Ora, a *madame* dos olhos verdes ficou assombrada com os impetos passionaes do nosso escriptor. Houve um rompimento entre ambos.

O homem de letras nunca mais se recordou della. Pois não é que elle acaba de saber que a *madame* vive a perguntar aos intellectuaes que lhe são apresentados, o que pensa do escriptor com quem rompêra?

Madame se queixa de que elle queria conquistal-a. Mas a verdade é que só ella se preoccupa com elle.

Por que essa preoccupação de *madame*, si ella confessa que o escriptor é que a deseja conquistar?

Oh! as mulheres! Como são complicadas!

JARDIM ABERTO por D. Jayme

PRATO DE LENTILHAS

O AMOR DAS PALMEIRAS

Lá em cima, no alto da montanha que avisto de minha janella, duas palmeiras distanciadas uma da outra agitam ao vento os pennachos verdes de suas copas. E faz-me pensar no amor das palmeiras que os antigos poetas celebraram. Para elles, era uma coisa maravilhosa o amor entre a palmeira macho e a palmeira femea. Jovianus Potanus escreveu um pequeno poema sobre duas palmeiras da Italia, que somente fructificaram quando o vento levava de uma a outra o pollen fecundante do amor, embora estivessem separadas por immensa distancia.

Amar-se-ão aquellas altas palmeiras que vejo da minha janella? Só por que diariamente se olhem, como os homens, não se amem? Haverá tambem entre as palmeiras o convivio diario que os torna marido e mulher? E o dictado que affirma: "Longe dos olhos, longe do coração"? Segundo Jovianus Potanus entre as palmeiras elle é mentiroso.

E penso no amor inconstante dos homens, emquanto lá no alto da serrania se agitam ao rude vento do mar os dois pennachos verdes como dois cocares de impavidos guerreiros das selvas do Brasil de antanho, do Pindorama, a terra das palmeiras...

MEU PENSAMENTO

Quando abri os olhos, a tenue luz da madrugada, coada pelos estores fazia com que se pudessem distinguir mais ou menos tudo no quarto silencioso. E eu vi com espanto, entre a cama e a janella, um vulto escuro como si estivesse todo embuçado.

Estendi, espantado, as mãos para agarral-o e elle se desfez entre minhas mãos. De novo as encolhi e de novo elle reappareceu entre a janella e a cama, alto, escuro, embuçado e triste.

Paulo Gustavo (pseudonymo de um dos nossos jovens homens de letras) acaba de enfeixar em volume muitas de suas peças poeticas, esparsas pelas revistas elegantes e pelos jornaes e muitas, a sua maioria, ainda ineditas. A esse volume Paulo Gustavo deu o titulo de «Divina Amargura». E foi feliz na epigraphe. Pois todo o seu poema é uma «divina amargura» que, traduzindo estados de alma tão diversos, encanta e commove pela harmonia das suas estrophes de ouro e pelo suave enternecimento que as subtiliza e perfuma. Só as coisas divinas podem resumir ao mesmo tempo o nectar das coisas celestes e o amargor inquietante das coisas terrenas.

* * *

— Oh! indaguei com assombro, quem és tu e o que queres de mim?

E uma voz veio daquelle mysterio, como um cicio:

— Eu sou o teu proprio pensamento e tu nunca poderás aprisionar-me...

DIALOGO

E' noite. Tremem no asphalto humido as luzes dos automoveis que passam.

No terraço coberto do restaurante que dá para o mar, fumam e conversam os dois amigos, após o jantar. Estão de casaca e lembram viagens longinquas e curiosas. Por fim, um diz:

— Sim, eu nunca amei em parte alguma como em França. Alli, o ambiente e a mulher completam-se para o triumpho maior do amor.

O outro declara, lentamente:

— Infelizmente, as francezas fallam francez...

— Como? Que queres dizer com isso?

— Nada do outro mundo. Simplesmente minha opinião sobre o amor. Tenho viajado tanto, sinão mais do que tu. Vivi em Paris mais tempo do que viveste. Assim, não me podes taxar de falto de experiencia. E affirmo-te: só posso amar — amar de verdade — a mulher que fala a minha lingua. As outras fatigam-me horrivelmente. Parece que o esforço que faço para falar o seu idioma e para entendel-as bem esgota a minha capacidade de amar. Mulher, meu caro, é a brasileira.

— Não digo que não, si não fôsse tão pegajosa. Quando agarra, não quer mais largar.

— E' justamente o que ella tem de mais gostoso...

Calaram-se. As luzes dos autos continuavam a passar pelo asphalto humido, silenciosamente...

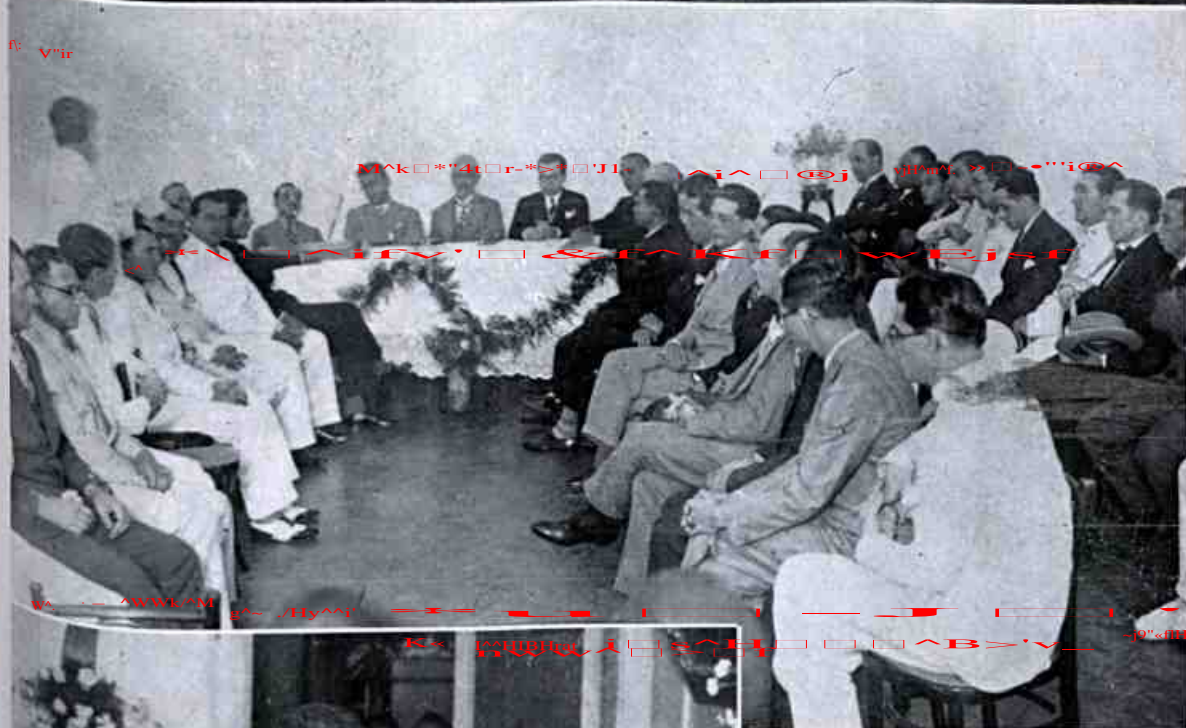
BRAVATA

Conheceis maior bravata do que a desta velha quadra de desafio dos sertanejos do Nordeste?

Subi em serras de fogo
com alpragata de algodão.
O fogo queimou a sola
e eu subi de pés no chão!

D. JAYME.

A EXCURSÃO DO PRESIDENTE MANOEL DUARTE A CAMPOS

Em cima e no medalhão: o presidente Manoel Duarte e sua comitiva ao chegarem a Campos. Vêem-se, na gravura, no primeiro plano, além do chefe do governo fluminense, o sr. Luiz Sobral, prefeito de Campos, o dr. Attila Neves, chefe de Policia, e o secretario de Obras Publicas, dr. Pio Borges. Em baixo: grupo tomado após o almoço no palacete do sr. Chrysostomo Attila, vendo-se o presidente Manoel Duarte em companhia do distincto casal, do bispo d. Henrique Mourão, do prefeito Luiz Sobral e outras pessoas gradas.

Ao alto: grupo de pessoas que tomaram parte no almoço do Automovel Club, de Campos, em homenagem ao presidente Manoel Duarte. No centro: grupo apanhado na Sociedade de Medicina e Cirurgia, daquella cidade, por occasião, por occasião da recepção alli feita ao chefe do executivo fluminense. Em baixo: o dr. Manoel Duarte, quando pronunciava o seu discurso na sessão solenne da Camara Municipal.

Outros aspectos das excepcionaes homenagens tributadas ao presidente Manoel Duarte em Campos. Ao alto: grupo colhido no grande banquete do Trianon. Em baixo: o dr. Luiz Sobral, prefeito de Campos, lendo seu discurso de saudação ao illustre chefe do Estado.

FILIGRANAS

Noite de chuva. Uma leve poeira de agua envolve e entristece as ruas desertas, velando na sua gaze humida os fócos electricos. Os pharóes dos automoveis doiram essa poeira e projectam sobre o asphalto molhado o seu clarão vermelho. As côres dos letreiros luminosos esmaecem sob a chuvinha fina. Faz frio, um frio humido e subtil que atravessa as roupas, atravessa as carnes e vae até a alma...

Encolho-me no fundo do auto que me transporta, fonfonando pelo chuveiro afóra. Encolho-me. E todo voltado para dentro de mim penso em como seria bom sentir o calor do teu corpo junto a mim na friagem hu-
[illegible]

Um grupo de senhoras e senhoritas da alta sociedade campista no baile do Automovel Club, daquella cidade, em honra do presidente Manoel Duarte.

FILIGRANAS

Antiphanes, o poeta grego, dava este conselho:

"E' necessario dissipar o vinho com o vinho, a fadiga com a fadiga; oppor a trombeta á trombeta, o gritador ao gritador, o barulho ao barulho, a cortezã á cortezã, a arrogancia á arrogancia, a sedição á sedição, o combate ao combate, o sôcco ao sôcco, a dôr á dôr, o processo ao processo e a mulher á mulher..."

Tudo isso admiravelmente se resume na nossa paremia popularissima: "Dentada de cão cura-se com o pêlo do proprio cão." Sobretudo em...

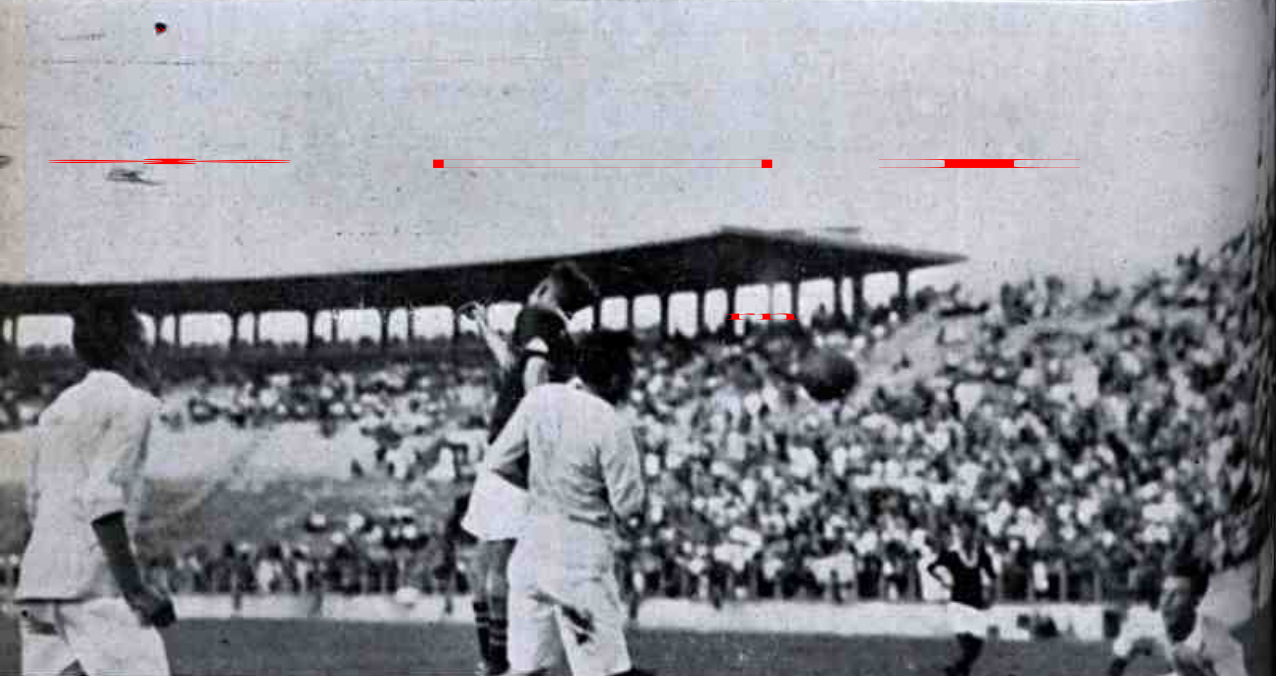
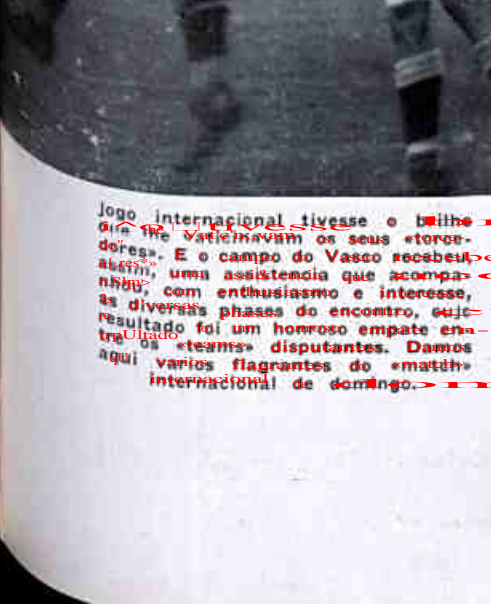
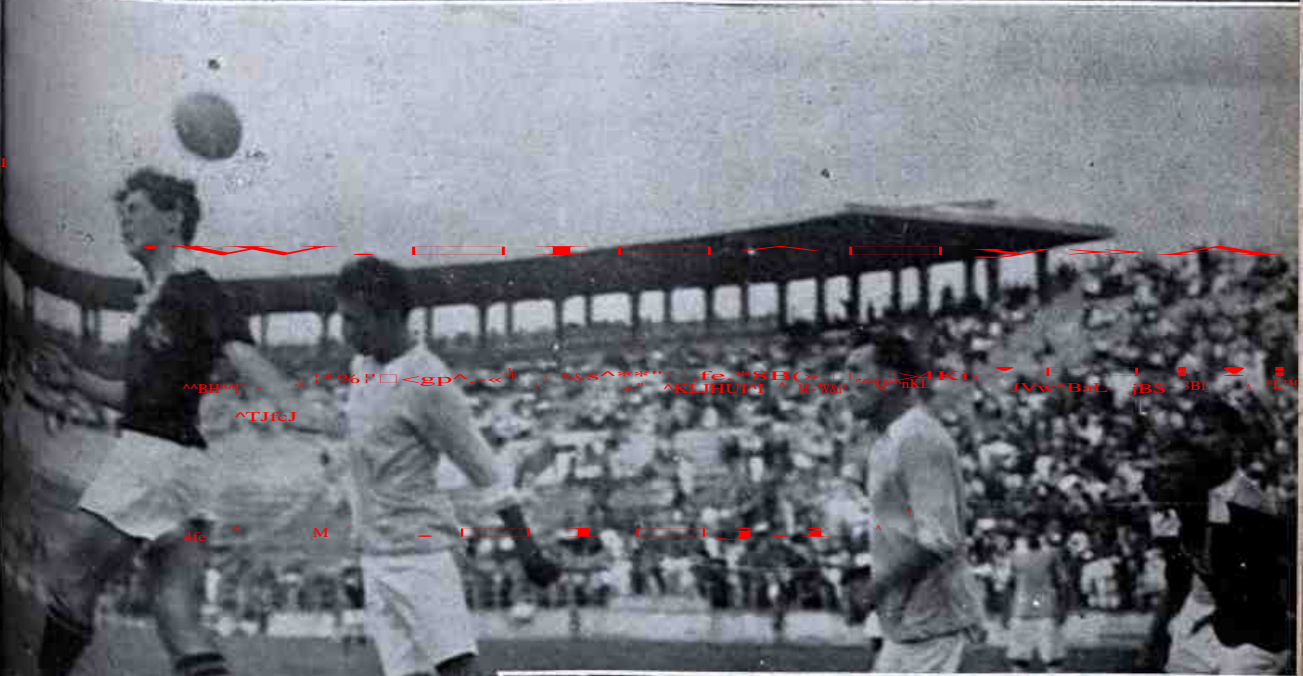
— Em que?

— Diga?

— Diga.

— Sobretudo no amor...

* * *

Outro aspecto do baile do Automovel Club de Campos, vendo-se, ao centro, cercado de numerosas pessoas de representação, o presidente do Estado do Rio.

Transferido de sabbado á noite, por motivo do máo tempo reinante, realizou-se domingo passado, no stadium de São Januario, o «match» internacional entre os «footballers» da Federación de Tucuman e o team do Club de Regatas Vasco da Gama, detentor do titulo de campeão carioca de 1929. A tarde cinza, meio chuvosa, não impediu que o grande jogo internacional tivesse o brilho que lhe vaticinavam os seus «torcedores». E o campo do Vasco recebeu, assim, uma assistencia que acompanhou, com enthusiasmo e interesse, as diversas phases do encontro, cujo resultado foi um honroso empate entre os «teams» disputantes. Damos aqui varios flagrantes do «match» internacional de domingo.

Os «teams» do C. R. Vasco da Gama (em cima) e da Federación de Tucuman (em baixo), e um aspecto (ao centro) do jogo de domingo passado, no stadium de São Januario.

FLORES DE VERÃO...

Extraordinario,
inexgottavel florario,
esse jardim de São Sebastião!
Assim que o Estio chega e aquece as brasas,
as flores criam azas,
as andorinhas vão fazer verão...

Mas, si as flores se vão para a montanha
e as estações climaticas
se enchem do que ha no Rio de melhor,
ainda assim, sem prejuizo ao Piabanha,
ao Paquequer e aos rios caudatarios,
o Rio — o nosso Rio,
se enche de novas flores aromaticas
e sympathicas...
Basta correr os olhos ao redor,
pelos balnearios,
pela Avenida, ou pelas nossas praias,
para se ver que o Rio,
mesmo durante o estio,
ganha novas Oréades e Nayas,
flores liquidas ou imaginarias,
e flores de carne e osso,
de elegancias sumptuarias,
capazes de virar o coração de um moço
e metamorphozar o coração de um velho...

Nem me digam que não...
Si não está no Evangelho,
o Evangelho precisa de uma errata:
o Rio é a Chanaan da Natureza
— cidade nata
da Graça e da Belleza...
Terra da seducção,
extraordinário,
inexgottavel florario
esse jardim de São Sebastião!

E o verão arde em brasas....
E as flores criam azas...
Itaipava, Petropolis, Correias...
Si as mais encantadoras e formosas
sobem... Talvez, nas estações calmosas,
fiquem somente as feias...

Nunca, tamanho engano!
Si as que vão, são, devéras,
deslumbramentos do bom-gosto humano,
as que ficam, no proprio ardor deste verão,
são verdadeiras primaveras,
flores de sonho em plena floração.

E, com ou sem estio,
o nosso Rio,
a cidade de São Sebastião,
e esse extraordinario
incomparavel, natural florario
que excede as raias da imaginação...

Si isso não está escripto no Evangelho,
corrija-se o Evangelho, por favor!
Pois que! no coração de cada velho,
a cidade do Rio de Janeiro
grava um novo evangelho
de mocidade, um evangelho verdadeiro
de esplendor, de fervor, de sonho e amor...

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

O MAR E O MEDO

Todas as palavras que significam alguma coisa são monosyllabicas. A syllaba é a synthese de um pensamento e tem uma força terrivel. O verbo divino que os antigos sacerdotes pronunciavam mysteriosamente para attrahir o poder da divindade era dito com uma unica emissão de voz. E quanto mais longo são os vocabulos menor significação possuem.

Tudo o que é grande, poderoso, infinito se exprime com uma syllaba: Deus, Céo, Fé, Bem, Lei, Dôr, Sol, Luz, Ar, Ser, Voz, Cruz, Mar. Parece, escreveu Pierre Loti, que essa palavra tem em si propria algo de immensa com não sei que tranquillidade do nada." E é essa immensidade mysteriosa que nos faz medo. Porque nada amedronta mais o homem do que o mar.

Lançado ao seu destino cruel sobre a terra indifferente, elle tem aberto luta com o pelago. Perlongou suas orilhas nas canôas e jangadas primitivas, atravessou os canaes e os golfos nos barcos sem convez, percorreu-o no navio de vela e hoje procura dominal-o com o vapor e o hydroplano, com o submersivel e o submarino. Mas, no fundo da alma, lá bem dentro do coração tem medo delle...

E' esse o sentimento ancestral, enraizado que empolga Michelet e que faz com que elle sinta no mar algo de destruidor e de hostil. E' que o espirito sente o irresistivel poder do oceano e se julga pequenino deante delle. E na mesma fonte antiga de emoção se abebera Victor Hugo, quando exclama, o olhar fito nas ondas:

— Cela me fait peur!

Vêde como o proprio Loti, que tanto amou o mar, descreve, emocionado pelo sentimento hereditario, a eterna destruição realizada pelo mar: "... as falesias da França e da Espanha, fugiam á direita e á esquerda, muito longe, e me appareciam como laivadas de vivas feridas. Por toda a parte, um despedaçamento cruel, deixando núas as vertebras de pedra côr de rosa. Em baixo, areias e areiaes, prodigiosa pulverisação de coisas mortas e sobre suas tristes brancuras montões de residuos espalhados em linhas sem fim, testemunhando que essa orgia de destruição alli durava havia seculos, seculos e millenios..."

Entretanto, essa orgia esconde uma creação formidavel. Porque tudo, inicialmente, saé do mar, como Venus nasceu de sua espuma. E, antes da Creação, o espirito de Deus boiava sobre as aguas sem fim. A natureza não tem maior laboratorio e cada um dos seus haustos é como si fosse a respiração brutal do proprio planeta. Sua concepção é permanente, sua reproducção, inacabavel, seu poder, espantoso; e, na perfida molleza de suas ondas tranquillas se occulta uma alma perversa de mulher. Aliás, na maioria das linguas o mar é feminino. Nas linguas do Oriente, o seu nome ás vezes é synonimo de abysmo, de soledade, de escuridão e de morte. O pélago, dizemos nós e esse vocabulo evoca uma idéa apprehensiva. Assim os gregos o denominavam entre as praias jonicas, porque ella era tambem Pontus ou Thalassa e se perdia no rio Okeanos, que circulava o universo. E as tradições dos folk-lores conservam o velho temor que o mar inspirou aos primeiros homens.

As Mil e Uma Noites falam do velho do mar e dos peixes monstruosos que viravam uma embarcação com uma rabanada. Ás vezes referem-se á serpente do mar, que apavorou desde Olavo o Magno os audazes navegadores do septentrião europeu. Dentro do mar, as narrações talmudicas põem Leviathan. O Apocalypse faz delle saír a Besta da Pestilencia, o Animal-que-saé-do mar, o qual precederá a mulher do Anti-Christo. E os mais valentes navegadores do mundo — phenicios, carthaginezes, arabes, espanhóes e lusitanos, olhando as escuridões que se adensavam nos horizontes longinquos sobre a immensa planicie verde, denominaram-no Mar Tenebroso.

E' o medo o primeiro e o mais forte sentimento que fere o homem em face do mar. Depois, é que vem a admiração.

Os illustres militares, coroneis Franco Ferreira e Adolpho Massa, commandantes, respectivamente, do 1.º regimento de cavallaria e do 1.º de infantaria, acompanhados de familias e varios outros officiaes do Exercito, por occasião de sua recente visita ás installações da Companhia Hanseatica, cujo presidente, o conhecido industrial sr. Joaquim Nepomuceno Moura, os recebeu fidalgamente.

Evocação da Felicidade

ORIGINAL, pela sua propria estructura, esta curiosa pagina, que devemos ao poeta pernambucano Stenio de Sá, é um documento expressivo, um indice da cultura literaria do grande Estado nortista. Sob a fôrma modelar de um «pantum», — cujo motivo se desdobra, ligando-se, de uma estrophe a outra — essa «Evocação da Felicidade» nos revela os valores mais representativos da nova geração pernambucana. Entre elles, não ha o que seleccionar, uma vez que os autores do formoso poema se nivelam pelo mesmo brilho mental e pela forte expressionalidade esthetica que caracteriza cada um delles.

Eu que fujo de ti, e que me esquivo
de te evocar, em sonho ou realidade,
hontem, não sei porque, porque motivo,
sonhando, eu te evoquei, Felicidade...

Stenio de Sá.

Eu te evoquei, sonhando... (Todo sonho
é uma esperança para as almas tristes...)
Porque, na realidade, eu não supponho,
tenho certeza de que não existes...

Annibal Portella.

Não existes... Talvez porque, existindo,
sejas uma illusão que vae morrer...
Bemdita sejas, pois, mesmo illudindo,
pelo bem que me fazes sem querer...

José Mindello.

E, sem querer, me levas, docemente,
numa jornada dolorosa e vã,
a esperar, de alma supplice e innocente,
a Bemaventurança do Amanhã...

Anteogenes Cordeiro.

Amanhã?!... Creio lá em doidivana
que me vem visitar fóra de hora!...
Um dia, adeus Felicidade humana...
veiu á porta da gente... e foi embora...

Esdras Farias.

Má!... Foi embora no melhor scenario,
quando a minh'alma enchia-se de flores...
Felicidade vã, és sonho vario,
teu pensamento é um pranto: — exige dores...

J. Lyra Junior.

Teu pensamento é o pranto dos felizes,
dia e noite, compondo a Perfeição;
eu vi teu rastro em todos os paizes,
vi tua sombra em todo coração...

Gil Duarte.

Em todo coração... oh Primavera,
quanta esperança e quanta ansiedade!...
A vida passa, passa... e a gente espera...
Felicidade!... que infelicidade!...

Oswaldo Santiago.

Infeliz, porque nunca hei de encontrar-te,
sombra dos meus anseios desvairados...
Felicidade! és o meu Sonho de Arte,
— lindo Sonho dos poetas desgraçados...

Octavio Moreira.

Lindo Sonho! Por isso, á sua cata,
ha muito venho pelo mundo a fóra,
ferido ás vezes desta vida ingrata,
mãos estendidas, como quem implora...

João de Deus da Motta.

Mãos estendidas, sim, sem que me esquive,
vou-lhe no encalço; mas (louca esperança!)
ou está morta no passado, ou vive
num futuro que ás vezes não se alcança...

Israel Fonseca.

Nunca se alcança o bem por que se anseia...
Felicidade — esphinge, sombra vã;
castello de ouro erguido sobre a areia,
esperança do dia de amanhã...

Silvino Lopes.

Esperança do dia de amanhã...
que ha de vir — tinto de oiro e rosicler —
na paz ambiente... na alegria sã...
num pimpolho... num vulto de mulher...

Raul Monteiro.

Num vulto de mulher... ou na humildade
de um nome que se guarda e não se diz,
consiste, ás vezes, a Felicidade,
na divina embriaguez de ser feliz...

Costa Rego Junior.

Feliz... "Busca e serás". (Ingenuidade
do humano coração...) Quem vol-o diz,
anda se engana com a Felicidade:
Eu, não! que nunca vi ninguém feliz.

Araujo Filho.

Este flagrante reproduz um dos aspectos da «Festa do Lenço», que a Cruzada Azul realizou domingo ultimo, no salão nobre do Instituto de Musica, em beneficio da Maternidade Suburbana. A sra. Duarte Leite, embaixatriz de Portugal, apparece na photographia, ao lado do representante do sr. presidente da Republica.

SOMBRAS NO ASPHALTO

Aquella «Baratinha» amarella atropelara o cachorrinho.

Era um cachorro feio, de pello sem brilho, magro. A sua dona, uma menina de saias pelos joelhos e franjinhas á «My Wong», chorava copiosamente.

Pouco a pouco, em torno della e do cachorro morto, começava o povo a se juntar. Todos queriam saber como se dera o accidente e os que tinham chegado primeiro repetiam, a cada instante, o caso, lamentando a infelicidade do «Totó» e exacerbando a imprudencia do «chauffeur».

— São uns brutos! — dizia o «seu» Manoel, vendeiro da esquina. — Sempre a correr como uns malucos. Pobre cachorro!

Duas collegiaes a caminho da escola param junto ao grupo e uma dellas tem os olhos cheios de lagrimas.

— Coitado do cachorrinho!

A senhora de um banqueiro abastado, toda sedas e joias, tambem pára e aperta, compadecida, a mão da mocinha que perdera o seu Totó.

E, cheia de importancia, exclama:

— Devia se botar em ferros semelhantes brutos. Isso tambem é crime, mesmo que se trate apenas de um cão. Pobre animalzinho!

Tambem ella tem os olhos humidos.

Eu passo.

Um pouco além, num canto da calçada, está um homem. Ou antes, os destroços de um homem. De um trapo da manga esfarrapada surge um côto de braço; as pernas estão paralysadas. E' mestiço.

Sei-lhe a triste historia. Uma das muitas victimas da ultima revolução. Combatera com denodo nas fileiras governistas. Os farrapos que lhe cobrem o corpo esquelético, um dia, eram um uniforme. Elle fixa os olhos ardentes naquella massa de gente em torno do cão atropelado.

Todos passam por elle sem notal-o; os seus corações estão cheios de indignação pela crueldade do motorista.

A senhora nova rica olha de soslaio para o mutilado no canto do passeio, e diz á sua dama de companhia:

— Vê-se nos olhos dessa gente a insubordinação contra a lei. Para esse não darei nada.

Eu vou andando, mas ainda escuto o misero aleijado murmurar:

— Por causa de um cachorro...

Nessas cinco palavras está toda a incommensuravel mentira da nossa cultura sentimental.

* * *

Tasso da Silveira, o poeta da «Alegria Creadora» e da «Egreja Silenciosa», foi homenageado, domingo ultimo, de maneira expressiva, pelos seus amigos e admiradores, por motivo de sua proxima partida para Curityba, onde vae tomar parte nos trabalhos do Congresso Legislativo do Estado. A homenagem constou de um almoço, em que tomaram parte figuras de grande destaque em nosso mundo literario e social, conforme o attesta a photographia acima.

EXISTEM certas modas que jamais deveriam ser abolidas, assim como ha outras que nunca deveriam ter apparecido.

Não perderei tempo em enumeral-as; fallarei apenas em uma dellas, aquella que alguns dos nossos elegantes vêm tentando acclimatar, — a horrivel móda das "barbichas" israelitas.

A moda do rosto totalmente raspado, como a da abolição do espartilho feminino, como a dos vestidos curtos, etc, são menos modas do que preceitos de hygiene.

O vestido curto facilitou os movimentos das mulheres, a abolição do espartilho deu-lhes a facilidade de dobrar o busto, de respirar, e acabou com determinadas molestias originadas pelo uso de taes instrumentos de supplicio.

Essas modas, indiscutivelmente prejudiciaes, devem ser jogadas para sempre no olvido; tentar levantal-as novamente, além de ser um contrasenso chega a ser um crime.

Até então, no Brasil, podiam ser contados a dedo os homens moços que tinham barbas compridas ou crescidas; esses mesmos, na sua maioria, deixavam crescer os pellos do rosto para mascarar cicatrizes ou outros defeitos physicos muito apparentes.

Não se comprehende mesmo que, em um paiz tropical como o nosso, onde o thermometro vive sempre acima dos vinte gráos e onde o suor e a poeira [illegible] cousas triviaes, alguém possa sentir-se bem, tendo o rosto coberto por bastas barbaças.

Quando o americano do norte "decretou" o uso de rostos glabros e inventou as navalhas de segurança não o fez por simples divertimento; não.

Aquelle povo tem por norma acceitar para o seu uso sómente as modas logicas, aquellas que lhe proporcionam o bem estar secundado pela hygiene.

Os "yankees" verificaram que o cabello é o lugar que mais facilmente guarda o cheiro das secreções naturaes da pelle, assim como é um deposito de microbios variados e muitas vezes de parasitas indesejaveis.

O norte americano é um inimigo terrivel do cabello e procura desembaraçar-se delle o mais que póde.

Affastando-se do exemplo dos europeus, tão amigos das barbas e dos bigodes, o brasileiro, intelligentemente, seguiu a móda americana e deixou o uso da barba no Brasil como marca registrada dos nossos hospedes europeus.

Infelizmente, os ineffaveis "almofadinhas" resolveram agora deixar crescer as barbas, crentes de que assim poderão passar por homens.

Mas, meu Deus! Ha tanta cousa nesse mundo que tem barbas e não é homem...

Os bódes por exemplo.

O modelo adoptado para a reapparição das barbas dentre os mais feios é o mais feio.

A barbica pontuda, passando em ponta sob o queixo, a celebre barba que o vulgo cognominou "puxa-piolho", torna adoraveis os nossos Petronios suburbanos!

A gente tem a impressão de que, por um passe magico, foi conseguida a ressurreição e multiplicação de Iskariótes que, abolindo a tóga e a tunica, se enfarpellou com uma jaqueta de garçon d'hotel e vestiu umas bragas de marujo inglez.

Decididamente, essa classe de gente que é capaz de todos os papeis para conseguir a evidencia, embora esta seja uma triste evidencia; essa gente soffre de uma nevrose digna de estudo, talvez uma psychose pouco estudada por aquelles que se dedicam ao estudo do desequilibrio dos cerebros.

OS BARBAÇAS

Que saudades de você...

— "Diminguinho, seu vizinho,
pae de todos, fura-bolo..."
Oh! que bom esse tempinho
de menino ingenuo e tolo.

A priminha me fallava
mostrando a palma da mão
e eu, a sorrir, escutava
com toda a minha attenção:

— "Quedê o toicinho daqui?
— O gato comeu. — E o gato?
— Foi simbora para o matto.
(ella me beija e sorri,

continuando a ladainha)
— E o matto? — O fogo queimou.
— E o fogo? — A agua apagou.
— Ahi vae o gato
atraz do rato...
Achou! Achou!..."

O' Tempo máo, és o Gato,
e a minha infancia era o Rato
que a tua fome saciou...

Priminha, doce priminha,
que saudades de você...
Dessa gostosa vidinha,
desse tempinho gostoso
que a gente lembra, saudoso,
e apenas lembra, não vê...

JONNY DOIN

Alguns psychologos chegam a pensar que esse estado de alma da humanidade tem relação directa com os phenomenos que os meteorologistas, astronomos e outros scientistas vêm observando com respeito ao mundo.

O nosso globo tambem está sendo victima de uma especie de "detraquement" que faz com que as estações invadam o terreno umas das outras, que haja phenomenos meteorologicos de estarrecer, como sejam vendavaes, cyclones, nevoeiros, trombas d'agua, erupções, maremotos, tremores de terra, etc.

Talvez isso tudo tenha grande influencia na pobre gente que habita na face da terra e, portanto, todos os "detraquements" da humanidade, a cocaina, o almofadismo, a falta de pudor, o penumbrismo, o exhibicionismo, etc, não serão levados em conta, visto como os verdadeiros responsaveis por tudo isso são a photo-esphera solar, a inclinação do eixo terrestre e a immensa legião de phenomenos decorrentes da vida planetaria.

Ordinariamente, segundo affirma gente mais sabida do que eu, a vida tem phases de periodos millenarios, que se repetem "per omnia secula seculorum".

De facto, quem estudou um pouco de historia antiga ha-de achar grande semelhança entre os nossos tempos e os que precederam ha mil e novecentos annos a vinda do Rabbi da Galiléa.

Os Petronios, os Neros, Caligulas, Heliogabalos, ahi estão de frack e calça listada; si não andam conduzidos em luxuosas liteiras carregadas por escravos, é porque existem os *landaulets* de sessenta cavallos; si não levam adeante do carro, escravos munidos de latego para afastar a plébe, têm uma buzina de cinco tons.

A plébe que habitou a Suburra e palmilhou o Transtevere, móra no morro da Favella, no morro de S. Carlos e no da Mangueira; na falta do Colyseum, ella tem o Carnaval, a festa da Penha, as luminarias da Avenida.

Quando ella se agita e pretende gritar "Panem et circensis", ahi estão os pretorianos para reduzil-a ao silencio.

Procurando bem, encontraremos os Patricios intangiveis, as sacerdotizas, os aulicos, os Chilonidas invertebrados, os gladiadores que, hoje, usam *shooteiras* e luvas de boxe, os arremedos dos festins do Palatino, etc.

Parece, pois, que, com modificações inevitaveis, entramos francamente na repetição do cyclo que precedeu o apparecimento do Martyr do Golgotha.

Quanto mais comparamos tanto mais semelhança encontraremos entre as duas épocas distanciadas uma da outra por vinte seculos.

Será que a Terra está chegando no ponto de inclinação em que se achava ha dois mil annos?

Que o digam os sabios que se elevam da terra e mergulham nos paramos insondaveis do Universo.

Eu, na minha ignorancia acho que estamos voltando ao tempo aureo, de impudor, carnificina, orgia e miseria no qual chafurdaram Sardanapalo, Tiberio, Tigellinus *et caterva*.

Nem as Vestaes faltam!

Ellas andam ahi, não para manter viva a chamma sagrada de Vesta, que ella mesma se chama hoje a Moda, mas para, em nome dessa mesma Moda, inventarem asneiras e se tornarem ridiculas.

Essas Vestaes dividem-se hoje em dous grupos que porfiam na maluquice; umas se vestem com duas peças de roupa, que lhe chegam aos joelhos e as outras usam calças de bocca de sino, jaquetinha e barbinha de judeu...

Amargura

Do meu cigarro de palha
Densa fumaça se espalha
Em nuvens azues, pelo ar.
E vejo, nessa fumaça,
Encantadora de graça,
Minha morena a dançar.

Afino a viola e canto
A cantiga que ella tanto
Gostava de ouvir cantar.
E a lua, que vem nascendo,
Encontra a viola gemendo
E me surprehende a chorar.

E' que a saudade desperta
Nesta minh'alma deserta
Uma lembrança que dorme.
Fico triste, agoniado,
Procurando, no passado,
Allivio a esta dôr enorme...

Na minha rêde me deito
E penso no ideal desfeito,
Cansado de padecer.
Depois, adormeço e sonho...
E acordo inda mais tristonho,
Por não poder te esquecer...

J. V. MARTINS

— A minha casa não é mais, para ella, do que o club onde se come bem e barato.

— E' verdade? Tu exaggéras.. A tua Jacotte? Essa pequena? E' que ella tem, talvez, vinte annos...

— Ainda não tem dezenove. Interdicta, olhei Christiana, creatura que "não era facil levar com palavras", e quem ninguem ousava dizer que "não". Uma longa separação cavava entre nós esse abysmo onde se misturam os "porquês" e os "comos", de mode que nenhum obtinha rssposta. Ella tinha sido, antes de 1914, uma mãe inquieta, dedicada, seguindo, passo a passo, dois frageis sêres, depressa fatigados ou resfriados, saturados de guloseimas, e que deixavam de brincar si não estivessem comendo... a vontade! Mas ella havia sido sobretudo, "aquella" — isto é, a mãe admiravel que, tendo empurrado o filho para o espanto de um Verdun, o filho preciosamente guardado até então, dissera simplesmente: "Vae!" E o filho bem amado não retornara. Assim que eu soubera dessa morte — ator doante para quem sabia até que ponto esse Guy podia ser o "idolo", tinha pensado, immediatamente, nessa deliciosa Jacqueline, a minha afilhada. Ella, pelo menos lhe restava! E vi que á minha primeira pergunta: "que era feito della?" apenas expressa, eu via uma fronte se concentrar e labios se cerrarem.

— Que é feito della? Ignoro.

— E' extraordinario! respondi. Agora que estás sosinha, tão só...

— Que queres? Ella é o que Todas são. Nem melhor, nem peor. Entre nós, uma guerra se desencadeou. Eis tudo!

— No emtanto, Jacquelina era de bom coração... Estou admirado!

— Chegas tarde, minha bôa amiga! Ah, a tua afilhada saberia divertir-se bastante, si lhe servisses o "seu bom coração"! Para essas pequenas, esse artigo não tem mais curso.

— E' admiravel! Emfim, felizmente a tua fiel Marieta está sempre no seu posto. Reconheci-a com immenso prazer!

— Como irás gostar ainda da cosinha dessa valente Francisca! Mesmo com os tempos que correm, ella é soberba!

— Francisca! Mas ella deve estar perto do seu centenario.

— Em todo caso, não parece. As suas saladas são magnificas.

— Sobre esse capitulo, felicita-te de ser ella inimitavel.

— Ah, si fosse preciso supportar as suas exigencias! Tenho amigas que me contam, a esse respeito, coisas estupefacientes!

— E, sem duvida, reaes! Sete horas! Não espero Jacotte! Ella não janta aqui.

Uma garota singular

—

De
Marie Anne Willotte

— Tanto mais quanto é o seu dia de "dancing"! Vem almoçar amanhã. Procurarei talvez...

— Oh! minha grande e altiva Christiana! Tu, a mãe soberana, ás ordens dessa filha!

* * *

Atravessando o *hall*, percebi um joven que entregava o seu *burberry* á criada de quarto. Approximando-se, distingui um saiote escossez.

— Jacotte, tu me reconheces?

— Madrinha, você! Ahi uma bôa surpreza!

— Não me beijas?

— E' por causa de meu pó de arroz. Mas, mesmo assim, a esta hora, o vento me limpa o rosto, de uma vez.

— Como, Jacotte, tu te enfarinhas assim?

— Oh, que pergunta! Até parece mamãe!

Sem perdoar a irreverencia da replica, observei:

— Estás grande.

— E já tenho musculos! No Stadium, eu bato toda gente. E' inutil, ajuntar que vendi, ha muito tempo, os tubos do orgão do sr. Macaroni, tão preciosos para a pobre mamãe!

— Tua pobre mãe! Ella me pareceu bastante desolada. Não a abandones muito!

— Não dramatisemos. Imagine que eu a tomo e levo no meu carro. Ella nos faz derrapar, ao fim de um segundo. A culpa não é sua. Mas em casa, não falta quem a tome pela manga do casaco. Com esses recúos como andar em velocidade? Imagine si vamos semear esses tremedores no salto triumphal!

— Que não teria logar sem elles, minha pequena. Em todo caso, tu podes ter occupação em casa. Podes distrail-a, contar-lhe o que é feito de ti...

— Para que ella fique desesperada, ao saber que o argentino do "dancing" me propoz levar-me comsigo...

— Jacotte! Tu? Será possivel!

— Porque não? Por que me olha assim? Que procura com esse olhar catastrophico?

— Uma deliciosa garota que conheci outr'ora!

Jacqueline? Eu a via naquelle mesmo *hall*, perdida no meio dos quadros dos mestres e objectos de arte, tão fina e delicada, que parecia ter saído da vitrine. Pequena princeza moderna, que não tinha tido, até então, mancha no collarinho, rasgão na sua blusa, e cuja *nurse* acabava de ser despedida por haver esquecido de pregar um botão na sua luva!

Eram no emtanto, as mesmas meias bem esticadas, a mesma saia escossesa que não attingia o joelho, os mesmos olhos magnificos. E agora? Não, não havia mais que uma garota vadia, copia de todas outras, um "eu" hypertrophiado que, por ter batido o record de cem metros, renegava a assignatura ancestral.

— Não procure, disse ella. Você perderá o seu tempo. Depois, não o faça por mamãe. Nós nos amamos do mesmo modo.

— Sem contar que, para viver nos Campos Elyseos, e ter quarto, sala de banhos, e boudoir, uma mãe serve ainda para alguma cousa.

— Ah, sim! Isso é grosseiro! Se não fosse você, madrinha, não perdoaria tal cousa.

Bem. Ahi está Marieta que me procura para o jantar. E' preciso que eu me despache.

— Porque, naturalmente, não dás á tua mãe a honra de jantar com ella.

— A's vezes. Depende do menu.

— Como confissão, eu aguardo [...]

— Vamos! Eu sou uma boa filha; mas você, madrinha, não me venderá, não é? Sou eu a [...] Francisca. Mamãe não sabe disso. Mas você sabe que a velha, aos [...]tenta annos não pode cosinhar bem. Eu a substituo na cosinha. Eu a faço sentar com o seus [...] e tomo conta das cassarolas. [...] mãe não saberia se curvar aos caprichos das damas do officio [...]tylo 1924, e, assim, estou certa [...] que não m'a envenenam. Depois [...] com o dancing e o stadium [...] modo. A porta de saída é facil [...] achar. Bem! Vi que, agora, madrinha já sabe tudo! Peço-lhe, [...] nada de enternecimentos...

E como eu abrisse os braços para abraçal-a, a terrivel menina fugiu, e gritou, a correr, [...]pando para a cosinha:

— E agora que me deixem em paz. Demais, eu tenho o direito de fazer o que eu quero!

"A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL"

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

SÉDE SOCIAL PROVISORIA: RUA NOVA DO OUVIDOR, 27 — RIO DE JANEIRO

RELAÇÃO DAS APOLICES SORTEADAS EM DINHEIRO, EM VIDA DO SEGURADO

94º SORTEIO — 15 DE JANEIRO DE 1930

	Numero	Nome	Localidade
	159.479	Alceu do Amaral Ferreira	Curityba, Paraná.
	200.444	Aristides Corrêa de Azevedo	Aracajú, Sergipe.
	171.483	Antonio Ferreira Mendes	São Felippe, Amazonas.
	116.382	Rinaldo Toselli	Natal, Rio G. do Norte.
	[illegible]	Arnaldo Silva Santos	Belém, Pará.
	[illegible]	Pedro de Oliveira Rocha	Maceió, Alagôas.
	[illegible]	Trajano Velho da Rocha	Porto Alegre, R. G. do Sul.
	[illegible]	Jonas Escorcio Alexandrino	Burity, Piauhy.
	195.403	João Osório Pires da Motta	União, idem.
	142.563	Sandoval Ayres Maranhão	Carolina, Maranhão.
	[illegible]	Jesuino Barbosa de Andrade	S. Luiz, idem.
	[illegible]	Luiz Gonzaga Torres	Alegre, E. Santo.
	[illegible]	José Agostinho Evaristo	Idem, idem.
	[illegible]	Raymundo Magalhães	Fortaleza, Ceará.
	[illegible]	Jorge Otoch	Idem, idem.
	[illegible]	Laurindo Augusto da Silva	Santa Rita do Rio Preto, Bahia.
	[illegible]	Raul de Oliveira Martins	Ilhéos, Bahia.
	[illegible]	Alfredo Wilson Novaes	S. Salvador, idem.
	[illegible]	Paulo de Mello Cahú	Recife, Pernambuco.
	[illegible]	Oswaldo Nunes Guimarães Coimbra	Idem, idem.
	[illegible]	José Soares da Silva	Catende, idem.
	[illegible]	Antonio Ferreira da C. Azevedo	Idem, idem.
	[illegible]	Maria Luiza Fernandes	Petropolis, Estado do Rio.
	[illegible]	Joaquim da Costa Freitas	Idem, idem.
	[illegible]	Vicente de Paula Balthazar Sodré	Valença, idem.
	[illegible]	Luiz Octavio de Souza Prates	Itaipava, idem.
	[illegible]	Jorge Olegario de Almeida Abreu	Nictheroy, idem.
	[illegible]	Josino Teixeira de Siqueira	B. J. Itabapoana, idem.
	[illegible]	João Rodrigues Leitão	Capital Federal.
	[illegible]	Pedro Pinto da Motta Lima	Idem.
	[illegible]	Raymundo Muniz Cantanhede	Idem.
	[illegible]	Bento Baptista de Araujo Pinheiro	Idem.
	[illegible]	Augusto de Brito Belford Roxo	Idem.
	[illegible]	Alberto dos Santos Oliveira	Idem.
	[illegible]	José João Oakim	Idem.
	[illegible]	Manoel Guilherme da Silveira Filho	Idem.
	[illegible]	Augusto Teixeira Mocho	Idem.
	[illegible]	Jefferson S. Vieira de Ramos	Idem.
	[illegible]	Francisco Antonio Prota	Idem.
	[illegible]	Salvador José da Silva	Idem.
	[illegible]	Carlos Martins da Rocha	Idem.
	200.132	Celso Vieira de Mello Pereira	Idem.
	147.669	Artemio Nabor da Fonseca	Rio das Velhas, Minas Geraes.
	182.055	Jayme de Mattos Silveira	Bello Horizonte, Minas Geraes.
	[illegible]	Carlos Gripp	Presidente Soares, idem.
	[illegible]	Boaventura de Souza e Silva	Bello Horizonte, idem.
	145.409	Gumercindo Saraiva de Araújo	Idem, idem.
	200.984	José Pereira Lima	Idem, idem.
	[illegible]	José Estanislau Machado	Diamantina, idem.
	201.899	Luiz Ribeiro Corrêa	Dores Indayá, idem.
	187.254	João Evangelista dos Reis	Diamantina, idem.
	195.623	Augusto dos Reis Junqueira	Sylvestre Ferraz, idem.
	143.486	José Soares dos Santos	Curvello, idem.
	196.416	Aristides de Andrade e Souza	Ituyutaba, idem.
	184.407	Oriel Fajardo de Campos	Cataguazes, idem.
	196.279	Herminio Leitão	Arary, idem.
5º	95.148	Affonso Penna Júnior	Bello Horizonte, idem.
	162.810	José Caneschi	Ubá, idem.
6º	194.316	Belizario Pereira Lima	Abre Campo, idem
	180.682	Lindolpho Espeschit	Bello Horizonte, idem.
	191.920	Francisco de Assis Carvalho	Curvello, idem.
	146.412	João Marinho Sette Cammara	Ponte Nova, idem.
	194.417	Adelino da Costa	S. Paulo, S. Paulo.
	177.665	Salvador Lombardo	Idem, idem.
	198.776	Feliciano Lebre e Mello	Idem, idem.
	177.818	Manoel Pedro Simões	Idem, idem.
	197.524	Emilio Bonannati	Idem, idem.
	186.024	Ariston Azevedo	Idem, idem.
7º	171.715	Francisco Barone	Idem, idem.
	130.926	Tito Augusto Cabral	Araraquara, idem.
	129.825	Fernando Dell'Aringa	S. Paulo, idem.
	198.017	Luiz Ruotolo	Idem, idem.
	181.199	Matheus Gravina	Idem, idem.
	181.972	Valentim Barbulho	Idem, idem.
	183.588	Romano Vicintim	Idem, idem.
	97.819	Esaú Silveira	Santos, idem.
	117.977	Eugenio Rubens Maia de Andrade	S. Paulo, idem.
	200.176	Matheus Mangieri	S. Paulo, idem.
	124.571	Sebastião Nogueira de Lima	Piracicaba, idem.
	129.680	Euclides de Andrade Miranda	S. Vicente, idem.
	186.757	Germano Waldemar de Mendonça	Araraquara, idem.
	185.607	Leoncio Cardoso	S. Paulo, idem.
8º	172.316	Domingos Rodontaro de Azevedo	Idem, idem.
	193.208	Guido Baccaro	Idem, idem.
9º	145.065	Elias Dib Schwery	Idem, idem.
	191.612	Iginy Beraissati	Idem, idem.
	184.140	José Marmo	Idem, idem.

1º O sr. Raul de Oliveira Martins teve a sua apolice n. [illegible] contemplada no sorteio de 15 de Outubro de [illegible].

2º O sr. Jorge Olegario de Almeida Abreu teve esta apolice contemplada no sorteio de 15 de Abril do anno passado.

3º O sr. João Rodrigues Leitão teve a sua apolice numero [illegible] contemplada no sorteio de 15 de Julho de [illegible].

4º O sr. Carlos Martins da Rocha teve a sua apolice n. [illegible] sorteada em 15 de Janeiro de 1927.

5º O sr. dr. Affonso Penna Junior, pela terceira vez contemplado nos nossos sorteios, teve esta mesma apolice sorteada em 15 de Julho de 1921 e a de n. 109.315 em 15 de Abril de 1922.

6º O sr. Belizario Pereira Lima teve a sua apolice n. [illegible] sorteada em 15 de Abril do anno passado.

7º O sr. Francisco Barone, tambem pela terceira vez contemplado nos nossos sorteios, teve a sua apolice numero 163.634 sorteada em 15 de Outubro de 1927 e a de n. 171.708 no ultimo sorteio.

8º O sr. Domingos Rodontaro Azevedo, que tambem pela terceira vez foi contemplado nos nossos sorteios, teve a sua apolice n. 145.477 sorteada em 15 de Julho de 1927 e a de n. 145.478 em 15 de Outubro desse mesmo anno.

9º O sr. Elias Dib Schwery teve a sua apolice numero 145.068 sorteada em 15 de Outubro de 1925.

NOTA — «A Equitativa» tem sorteado até esta data 3.840 apolices, no valor de 17.730:369$500, importancia paga em dinheiro aos respectivos segurados, com direito aos sorteios ulteriores.

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÃO — E . . . DETESTAVEL

CINEMA ODEON

UM CASO DE AMOR — DA WARNER BROS

Drama policial, com todos os matadores, o que se já de si pouco interessa na moderna vida cinematographica, presentemente, com este terrivel calor, faz somno. Tambem o publico que foi vêr este trabalho da Warnes distribuido pela First estava longe de fazer multidão. E' um drama de enredo massante, com o peso ainda da interpretação d'esse suporifero Sr. Meighan, que ninguem mais hoje suporta. Lila Lee (que bellos trabalhos da Paramount em velhos tempos!) está bonitinha, mas é só. Finalmente, a technica e a direcção do film não passam da craveira do rasoavel. A pellicula poderia aturar-se ha quinze annos.

Cotação — SOFFRIVEL

CINEMA IMPERIO

MOCIDADE HEROICA

DA PATHÉ D'MILLE

Este filme pertence ao genero d'aquelles que, sendo interessantes trabalhos norte-americanos, constituem um perigo na influencia que podem exercer na mocidade brasileira. Não é que contestemos o fundo de moral social, que está por detraz do enredo. E' clara a intenção do scenarista: provar á mocidade que é um erro levar a vida por aquelles ambientes de loucura, apresentando-lhe o contraste da honra e da nobreza. A moral. Mas... deixemo-nos de hypocrisias: a gente brasileira de dezoito annos não se importa nada com as conclusões moraes. Com o que ella se importa é com aquellas *farras* estonteantes, longe das fiscalizações paternas. Por isso mesmo, o effeito moral d'este filme de pandega desenfreada é de resultados contraproducentes. O filme, como arte, é banal; como trabalho technico, é bom; como obra de moral é pessimo. De todos estes factores se tira a media e se conclue por uma

Cotação — SOFFRIVEL

CINEMA CAPITOLIO

O HOMEM DOS DIAMANTES

DA PATHÉ DE MILLE

Um trabalho interessante, quer como argumento, quer como realisação. Ha talvez um pouco de phantasia; a imaginação teve uns lances de Julio Verne, mas é na realidade uma pellicula com vida, como força emotiva, com excellente direcção. Clives Brook, o artista de attitudes serenas, das expressões vivas e fortes vae admiravelmente n'este trabalho, a par d[illegible] Jacqueline Logan, formosa e animada [illegible] dade da figura que materialisa. Aquelle [illegible] Walter Mc Grail, com o seu focinho de [illegible] dog" é que deprecia um pouco o quadro. O film do Capitolio mereceria um tempo mais benefi[illegible] para ser visto por todos quantos estimam apreciar o bom cinema.

Cotação — BOM

VIDA DE HOJE

INFAMIA, na luz somnambula do *abat-jour*. Traição, na quietude espontânea da sala verde. Sobriedade vil, na disposição ligeira dos almofadões das cadeiras, do sofá. Silencio perjuro, no calor do conjuncto. Miseria no encanto das apparencias. Sublimidade nojenta, no reprobo que alli aguarda o seu turno ao calice da volupia!

Jogado a um canto, por cima de alguma cousa, um *renard* custosissimo.

Pallido e torturado pelo despeito de uma contenda, o apaixonado fôra alli á procura de qualquer cousa que o desertasse da dôr.

Senta-se n'um movel confortavel; deixa cahir sobre o peito a cabeça transtornada, e os olhos, em cheio resplandescentes de revolta, fecham-se em contracções nervosas.

Os braços pendem displicentemente, e uma das mãos deslisa sobre a pelle macia do agazalho que alli ficára esquecido.

Recordações pueris de caricias bailam dos seus dedos á mente dolorida. E como se lhe aviva mais o encanto da esposa, o louco transfórma o desespero do coração em desejo ardente por um beijo de qualquer mulher.

Um momento de silencio. Por entre as cortinas pesadas, mostram-se-lhe, seductoras, duas lindas fieiras de dentes femininos.

O idiota ergue-se. E, num impeto quasi mechanico, cobre-lhe o sorriso mercantil com a sua bocca indifferente.

• • •

Elle ri, depois, da mulher a quem acabava de enganar...

...A dona d'aquelle rico *renard!*

BRAZ GLÉTTE

OS "GIGANTES DO BEM" E A ORTOGRAFIA SIMPLIFICADA

Os "*Gigantes do bem*", com a tiragem mensal de 50 mil exemplares, foi o primeiro jornal que atendendo a solicitação da Associação de Imprensa rezolveu adotar a ortografia simplificada aprovada pela Academia de Letras. Assim todos os anuncios do *Cessatyl* — o melhor remedio contra a dôr e contra a gripe; *Synorol* — pasta dentifricia — *Calceon*, para calcificar os dentes e os ossos e "Digestivo Eyer" — o melhor remedio para o estomago, serão publicados com a ortografia da Academia. Todas as pessoas que mandarem uma lista de nomes de 30 senhoras ou senhorinhas da mesma localidade receberão gratis uma bisnaga de Synorol e uma amostra de Cessatyl, para a Caixa Postal 1751 — Rio.

COMO CONSERVAR O CABELLO EM BOM ESTADO

Não importa que o seu cabello seja ruivo, negro, castanho ou de côr vermelha. Se quereis conserval-o abundante, brilhante e em bôas condições geraes, deveis cuidal-o continuadamente. Muitas senhoritas descuidam por completo o seu cabello, crendo que mesmo assim elle sempre parecerá bem. Isto é absurdo. Vou dizer-lhes como eu trato o meu cabello: Antes de tudo, não deixo de escoval-o uma noite, por mais cansada que me sinta. Depois cada duas semanas, lavo-o bem, usando para esse fim uma colherada de stallax granulado dissolvido em agua quente, enxugando-o bem, depois, e seccando-o com toalhas quentes. O resultado é simplesmente maravilhoso.

MARCELLO RIBAS (Capital) — A sua carta deve ser publicada nesta pagina porque o assumpto que ella encerra interessa pessôa a quem se refere.

Eis a sua missiva:

"Sr. Yves. Ha muitos annos já que sou leitor constante do "*Fon-Fon*" e comigo outras pessoas da minha familia. Naturalmente, em conversação, falamos sempre a respeito desse jornal, dos seus artigos e dos seus collaboradores que, por força de habito já nos são familiares. Quando se deu o apparecimento de "Astaroth" como consulente de "Saibam Todos..." nós julgamos que esse pseudonymo feminino encobria uma senhora da nossa sociedade; verificamos pouco depois que tal não se dava e que era um cavalheiro quem se occultava sob esse nome. Naturalmente nos acostumamos a ver os seus trabalhos estampados em "Fon-Fon", trabalhos esses que muito nos agradavam dada a semelhança de estylo entre elle e o signatario da secção "Saibam Todos..." Chegamos mesmo a pensar que os dois pseudonymos encobriam a mesma personalidade, o que por vezes suscitou entre nós algumas discussões, aliás proveitosas. De tempos a esta parte, temos notado que não só a secção "Seculo XX" como o pseudonymo de "Astaroth" não teem apparecido mais no querido semanario da élite. Julgamos primeiro que esse desapparecimento tenha sido motivado por qualquer motivo premente, como doença etc. Agora porém estamos quasi certos que "Astaroth" não faz mais parte da redacção de *Fon-Fon*" e então eu tomo a liberdade de fazer ao Sr. Yves as seguintes perguntas:

Deixaria de fazer mesmo parte da redacção ou teria mudado de pseudonymo o "Astaroth"?

Estará elle fazendo parte de alguma outra revista ou jornal?

Muito grato ficaria por uma resposta o antigo leitor de "*Fon-Fon*" e admirador menor do Sr. Yves."

Meu caro sr. Ribas.

O sr. Astaroth era e é nosso collaborador. Si a sua secção desappareceu foi unicamente porque elle mesmo deixou de nol-a enviar.

Mas o sr. Astaroth continua a ter aqui os amigos e admiradores de sempre.

Não me surprehende que o sr. o admire, uma vez que elle conta entre os nossos leitores varios admiradores.

Quanto a similitude de estylo que o sr. observa em nossos estylos, é coisa que me surprehende.

Concordo, no emtanto, que o leitor aprecie melhor essas coisas do que nós outros que escrevemos.

Não sei si o nosso collaborador está fazendo parte de alguma redacção. Aqui elle foi apenas collaborador.

MAURO MOTA (Pernambuco) — A minha opinião é muito favoravel á sua arte. O sr. é um modernista que se toléra; porque, antes de aggredir o leitor com ousadias de pensamentos, o sr. faz poesia bôa e sã.

Poesia onde ha sempre uma réstea de sol, um raio de luar, um perfume de jardim e uma pequenina dôr tremente como uma lagrima risonha...

Parabens.

ONDINA (S. Paulo) — Agradeço e retribúo os votos de boas festas e felizes entradas no corrente anno.

JOÃO VIEIRA (S. Paulo) — O seu soneto não serve para o *Fon-Fon*.

YARA PARNAHYBA (?) — O seu conto deve ser destinado a esses jornaesinhos de grupo escolar.

Ao *Fon-Fon* é que não.

GAUCHITA (R. G. DO SUL) — Não posso fazer o estudo de sua letra.

NEMO (S. Paulo) — Meu caro sr. *Demo*... Oh, desculpe — *Nemo*, quero eu dizer...

O sr. nunca poderia ser um artista, um poeta, porque ser poeta presuppõe um espirito fino, de élite, cujo bom gosto não pode inspirar duvida, não pode ser discutido.

Essa opinião faz recordar outra, a de Houssaye, — que diz: uma pessôa dá bôa ou má idéa do seu espirito, pelas coisas que a rodeam.

O sr. dá uma impressão negativa do seu espirito. Sabe por que? Porque me escreve num papel almasso, de 6ª ordem, pouco asseiado. No começo, o sr. copia á machina, a sua poesia (?); no fim, e com uma letra de collegial, tico-tico, o sr. escreve um recado, declarando que me envia os seus primeiros versos.

Com tanta pobreza de espirito e falta de gosto, é de esperar que sejam os primeiros e os ultimos.

E' uma grande melancolia ver como brasileiros aproveitaveis em tantos misteres nobres, se inutilisam com a preoccupação de fazer literatura, quando mal sabem bem as primeiras letras. E' uma pena. Meu caro *Demo*... o sr. desculpe, meu caro *Nemo*... o sr. andará mais acertado si tratar de estudar.

Não se limite a conseguir uma bôa orthographia e syntaxe, que essas, no sr., são passaveis. O que é preciso é se formar uma cultura, assimilal-a, afim de poder escrever depois...

Fazer verso mediocre é tempo perdido. E' perdel-o, por si mesmo, e fazer que os outros tambem o percam.

MARIA (S. Paulo) — Os que auxiliam as incipientes a quem auxiliam têm de ser ingratas, futuramente, voltando-nos o rosto, muitas vezes, quando nos encontram na Avenida, é preferivel que nos julguem maus, ironicos, e indifferentes ás pretensões literarias das damas que ainda dar coisas de espirito. Vem no mesmo...

Tenho tido varias discipulas que depois se collocam na posição de "magister dixit". E eu, que era genial, grande poeta, e uma série de coisas lisonjeiras, passo a ser o mediocre Yves, o poeta, o imbecil e outras coisas menos gentis.

Algumas, disfarçadamente, escrevem literatices de minha pessoa, as quaes por superioridade, ainda publicam no *Fon-Fon*. Algumas dellas são pouco gentis, porque me aggridem gratuitamente.

Terão ellas razão? Talvez seja revolta intima, surda, por ter dependido de alguem que desejariam esmagar.

Ora, deante disso que devo ... asmo e que interesse devo ter em auxiliar as incipientes que desejam apparecer?

OTHELOMOIRO (?) — Queira escrever á machina. Não entendo a sua letra.

LILIA (E. do Rio) — A sua carta é de assumpto intimo e não interessa a esta pagina. Não poderia responder sem ... particularmente. Mas, tambem,

Podia eu responder, dentro do programma de devaneios estereis e platonicos, que me traça? Fallar-lhe das estrellas, das rosas, da felicidade, da esperança? Mas de que esperança? Não acredito que o seculo presente, com o seu espirito immediatista, de proveitos e realisações praticas, nos estimule a perlustrar pelo mundo da phantasia, das chiméras, das palavras ôcas, cujo uso tem levado muita gente de idéa, á Praia Vermelha...

HORTA MACEDO (S. Paulo) — Caro confrade. Recebi o *Bôlhas*, seu livro de estréa. Ha nelle muita belleza, muita emoção. Sobretudo, o que se nota em *Bôlhas* é uma grande expontaneidade, ao lado de um forte equilibrio de idéas e de uma emoção profundamente humana.

No Fon-Fon não fazemos critica literaria. Quando muito fazemos o registro de apparecimento de livros, acompanhado da photographia do autor.

CONSOLO (Capital) — E' muito gentil o seu presente de Natal: um livro. E um livro de Maeterlinck: *L'Oiseau bleu*. A historia desse presente é curiosa.

Certa vez uma leitora de São Paulo, a Sra. Edelweiss me perguntou qual era o livro de Maeterlinck que mais me interessava. Respondi: "*L'Oiseau bleu*, *La Sagesse et la Destinée* e *L'Intelligence des fleurs*."

"Nuage Blanche" me enviou "L'Oiseau bleu", que se extraviou. Carmen Alba me enviou outro exemplar da mesma obra. E V., finalmente, acaba de me offerecer o mesmo livro. Uma triplicidade, em virtude de uma coincidencia de idéas. Telepathia? Como se explica esse phenomeno?

Mais curioso ainda é quando uma leitora do Pará me fala sobre um assumpto e o mesmo correio me traz a correspondencia de uma leitora do R. Grande do Sul referindo-se a coisa identica.

A proposito, desejo retribuir a sua gentileza. Espero que me dê o seu endereço. Meu telephone [illegible]. De 1 ás 5 horas da tarde.

MARY (Rio Grande do Norte) — Ora viva! Eu havia de receber uma cartinha do Rio Grande do Norte, a terra do gerimú e dos aeroplanos. A abobora engorda e fortifica. E' um factor que contribue para a eugenia da raça; o aeroplano é um factor de progresso. Portanto, viva a terra potyguar! E viva V. Ex., D. Mary!

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Que me diz a sua missiva? Eil-a sem tirar nem pôr:

"Caro Yves. Primeiramente, envio ao amigo, os votos muito sinceros de felicidades no Novo Anno.

Sempre desejei travar conhecimento comsigo, porém receiando não merecer de v. um pouco de sua sympathia (aliás muito repartida com as consulentes *antigas*) ia sempre demorando a fazer-lhe uma cartinha portadora da minha sympathia e admiração.

Embora não tenha a alegria de conhecel-o pessoalmente, desejo pedir-lhe um favor, que, por ser o primeiro, certamente não me negará; é para que nestas linhas, v. faça bem minuciosamente o meu estudo graphologico; ha momentos em que me acho um pouquinho boa, mas ha outros em que julgo que esse mesmo pouquinho desapparece...

Não pense que eu, com a resposta ficarei maguada com a sua franqueza... pelo contrario, desejo mesmo que me fale com essa sua sinceridade rude com que as vezes fala as suas consulentes

Ia me esquecendo de dizer-lhe que sou, como v. pernambucana, embora viva algum tempo já, longe do meu querido Recife; acho que sermos conterraneos sempre servirá para, se não cahir de todo na sua sympathia, ao menos para que v. me faça o que lhe peço, não é assim?

Esperando benevolencia da sua parte, muito lhe agradece a amiguinha."

Ora, si eu fosse fazer o estudo de sua letra, teria de começar deste modo: " A sua graphya indica que V. Ex. é hypocrita e mediocre".

E estou certo de que V. Ex. haveria de dizer de si para si: "Este Yves é um sujeito grosseiro. E' grosseiro e mentiroso!.

Por isso, ou fico calado, ou me obriga a dizer que V. Ex. é um cherubim que usa *rouge* e arranca as sobrancelhas para refazel-as a crayon...

VELHA SOLTEIRONA (S. Paulo) — Antes de tudo: devo declarar que não entendo nada de graphologia. Assim V. Ex. deve recorrer ao jornal a que se refere. E' mais pratico. A sua preferencia por mim indica apenas que V. Ex. me quer offerecer um presente de grego. Isto é, quer dar-me trabalho, sem lucro algum.

Quanto ao facto de ser bomzinho, é claro que isso é impossivel. A bondade é a virtude dos mediocres, dos nullos, dos vulgares, dos parvos. E eu teria muito desgosto si alguem me achasse bonzinho, pois seria forçado a convir em que era tudo aquillo acima.

De inicio, para não dar a impressão de que sou bonzinho, vou fazer uma pequena maldade com V. Ex... Uma maldade deste tamanho...

Lá vae...

Si V. Ex. é solteirona como diz, e já possue cabellos brancos, não vale a pena querer conhecer o seu caracter. Para que?

Uma solteirona é uma solteirona, cujo caracter só interessa aos sobrinhos. Casar não casará mais, não é verdade? Naturalmente, V. Ex. não ha de ser um encanto. Porque uma solteirona é sempre uma dama que deixou de casar á falta de belleza e attractivos. Portanto, não faz mal que seja bôa ou má.

O que V. Ex. deve fazer é juntar o seu pé de meia para comprar bonbons para os filhinhos de sua digna irmã ou digno irmão. Isso sim... Uma solteirona tem mesmo o dever de ser amavel com esses pequeninos parentes. Quanto ao mais, é rezar, frequentar a egreja todos os dias, deixar crear franjas, usar vestido afogado e botinas de elastico, aprender a fazer doces de forno, falar mal da vida alheia e auxiliar o namoro das amigas...

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastanto tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Graphologia — *Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico*: 1.º — *Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo*; 2.º — *O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual*; 3.º — *A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica*; 4.º — *Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone

Central 4136

FON-FON — 25-1-930

Data da consulta..........

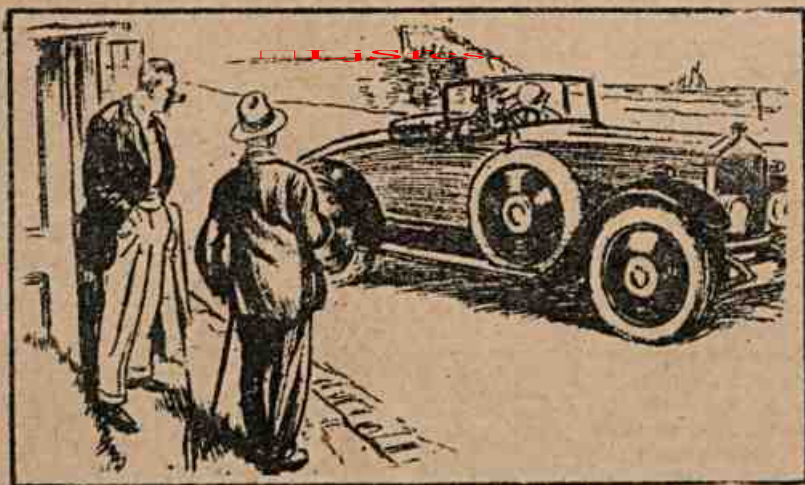
Nome do consulente..........

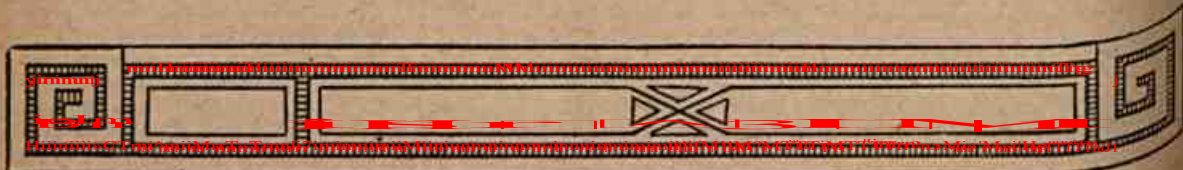
....

ESPIRITO ALHEIO

DESCUIDO

— Olhe, seu feitor: acabo de deixar cahir um tijolo...
— Um tijolo? Não é nada!
— Mas é que o deixei cahir na cabeça do patrão...

— Por que despediu seu sobrinho?
— Porque era um insolente. Toda vez que eu lhe fa-zia uma censura, não me respondia uma só palavra.
— Mas isso é signal de bôa educação.
— E' preciso, porém, levar em conta o que pensava!

A BÔA ESTRELLA...

— Esse cavalheiro deve sua fortuna apenas á sua bôa estrella.
— Como é isso?
— Muito simples: Casou-se com uma estrella de cinema que ganha cinco mil dollars por semana.

EM CASOS DE RHEUMATISMO SYPHILITICO

Attesto que tenho empregado com excellentes resultados o

ELIXIR DE NOGUEIRA

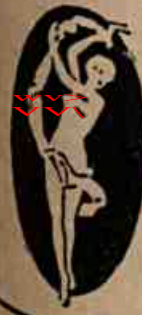
do Pharm.-Chim. João da Silva Silveira, em casos de rheumatismo syphilitico e de syphilis em todas as suas manifestações.

Maranhão, 1 de Dezembro de 1917.

Dr. Alarico Pacheco.

Chamamos a attenção para os innumeros attestados de medicos e de curados que são publicados diariamente pelo grande depurativo do sangue

ELIXIR DE NOGUEIRA

SEIOS

Firmes, desenvolvidos ou reduzidos, resultados infalliveis com 3 tratamentos. Um verdadeiro successo! Moderno aperfeiçoamento! Todas as senhoras podem fazer o tratamento na sua casa.

Escrevam-nos.

Avenida Rio Branco, 134-1°, e R. 7 de Setembro, 166 — Rio

— PEÇA CATALOGO GRATIS —

LEIAM

Todas as Quartas-feiras

SELECTA

A RAINHA DA ARTE MUDA

A VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAES

O PANORAMA ORIENTAL ATRAVÉS DE UM TEMPERAMENTO

—

DE SDRAS FARIAS

CONHEÇO algumas obras sobre os paizes orientaes, especialmente o Japão. E' um paiz que, pela sua natureza exotica, seus homens de habitos simples e esquisitos, suas mulheres de encantos bizarros, se entremostra, ao longe, aos povos do Occidente, como si fôra um sonho de opio delineado através da sensibilidade de um Theophil Gauthier.

A natureza nipponica, que conheço através das leituras descriptivas, nas viagens maravilhosas, de John Finnemore, Judith Gauthier, Luiz Guimarães filho e Mor. Vicente Lustosa, se desenvolve em panoramas de esquisita belleza, de perspectivas amplas, magnificas paizagens douradas de sol.

Para o japonez, a poesia do mundo se circumscreve á vida intima do Japão. Este é o motivo inspirador de sempre, eternizado na ingenua tradição de sua gente humilde e laboriosa, que não foge ao cumprimento do dever nem que este resulte na sua morte.

O esplendor que lhe offerece, diariamente, a terra, com as suas amendoeiras floridas, glycinias e azaléas; seus jardins povoados de lirios e lotus, onde cegonhas scismarentas, invocando brancos perfis de nostalgia, ouvem a canção dolente das rans cantadeiras, — é o motivo por que o Japão e os japonezes sempre offerecem a nós outros um espectaculo inedito na vida dos povos.

Nos jardins de Horikiri, por exemplo, as mulheres japonezas passam horas de deliciosas abstracções nesse embevecimento nostalgico que, espontaneamente, nos traz á poesia das cousas bellas na completa solidão do mundo e no tacito afastamento de nós mesmos por estranhas evocações.

Eu tambem sou assim, nessas horas singulares do espirito e do homem superior.

Os lotus de Kiomidzu, animando a paizagem do lago que circunda o kiosque, a decoração caracteristica das construcções e das mais simples obras de arte com que os filhos do sol enfeitam e animam a perspectiva inspiradora dos jardins, imprime uma disposição original nesse recanto de Kiomidzu.

Os nossos olhos se deslumbram á harmonia singela de tudo isso.

Já disse que nunca fui ao Japão, a não ser com o espirito. E' que eu me volto sempre, em prolongadas viagens nocturnas pelo Oriente, para as glycinias de Kameido e as azaléas de Nagaoka. Ali, em Kameido, tenho vivido horas escandalosas na encantadora companhia de gheishas de cabellos altos, nos seus penteados incriveis. Na ponte que se encurva sobre o lago lembro-me que uma noite ouvi a Senhora Manhan-de Sol gemendo uma canção do poeta Hitomaro, arrastando a alma voluptuosa pelas cordas do seu *samisén*. Na festa da Flor da Cerejeira cantei esta poesia popular:

Te wokesuité
Utá moshi-ayuru
Kawazu Kanaá!...

A senhora Malmequer Precioso, com os seus lindos olhos de amendoa, me fez uma reverencia amavel e promettedora.

Na curva opalina da tarde borboleteou, então, a saudade da minha terra, com os seus trechos alagados, onde coaxam sapos e rans de toda especie. E a essa lembrança das tardes brasileiras, disse, com escandalo de todos, a traducção ingenua daquelle verso, simples e sincero como a alma que o fez:

Pousadas as mãos no chão,
soltas canticos fagueiros,
em reverente postura,
rã dos ribeiros...

No Japão as rans cantam; mas não cantam como as nossas: vivem em gaiolas de porcelana como os nossos passaros em viveiros de arame ou de "barba de bode".

E' só. Essas minhas viagens pittorescas, através do mundo, á meia noite, são motivos para dormir, quando a insomnia me ataca os pobres nervos cansados. Depois veem os assumptos sérios... E agora precisamente, entrar num...

Wenceslau de Moraes, que, si me não engano, é a segunda pessoa que morre, foi, alem de um commentador subtil de pessôas e cousas do Extremo Oriente, o mais orientado em taes assumptos dentre os escriptores orientalistas.

Os jornaes deram, recentemente, publicidade a um telegramma, noticiando a morte de Wenceslau de Moraes, em Yokushima. E porque eu vivo com a memoria cheia de retalhos necrologicos da gente illustre da historia do mundo, quero crer que só agora tenha vindo a morrer o grande marinheiro e escriptor portuguez, sem que a minha cabeça deve ser doida como uma cabeça qualquer.

Como Pierre Loti, o nauta preclaro, escolheu um cantinho da França para viver e morrer gloriosamente, Wenceslau de Moraes isolou-se igualmente num recanto do Japão e ali viveu e morreu na santa humildade dos heróes [illegible]...

A sua vida errante, como elle proprio o diz, procurou, definitivamente, construir um casebre de bambú e papel naquelle paraiso exotico.

Para os occidentaes o Extremo Oriente é um mundo estranho, phantasmagorico. Por isso elle o escolheu. E ali construiu o ninho frágil esperando o vendaval que passou finalmente.

Identificou-se com a gente japoneza. Repudiou, pelo que é de cidadão, jo, aos seus direitos de official da marinha portugueza e entregando-se de corpo e alma ás suggestões do ambiente nipponico.

E não mais voltou á patria. Em março de 1891, quando publicou os *Traços do Extremo Oriente*, já residia em Macau. Em 1906, numa correspondencia...

UM NARIZ DE FORMA PERFEITA

Póde V. S. ter facilmente

O « Trados » Modelo 25 corrige para sempre, em casa, rapidamente e sem dôr, todos os narizes mal conformados. E' o unico apparelho patenteado ajustavel, seguro e garantido que realmente dá ao nariz apparencia impeccavel. Mais de 90.000 pessoas o empregaram com exito. Recommendado, ha muito tempo pelos medicos. Fructo de 16 annos de experiencias na fabricação de apparelhos para a conformação de narizes.

Modelo 25 Junior para crianças. Solicite attestados e o folheto gratuito que explica como se póde ter um nariz de fórma perfeita. M. TRILETY, o Especialista mais antigo do ramo

Dep. 1177 BINGHAMTON, N. Y. E. U. A.

LEIAM

"SELECTA"

A melhor revista cinematographica

completamente remodelada

QUEM BEM DIGERE BEM SE ENCONTRA

Os males digestivos, diminuindo o valor nutritivo dos seus alimentos, podem provocar intensos soffrimentos e podem mesmo occasionar incommodos nervosos do organismo. Para digerir bem tome meia colher de café de Magnesia Bisurada n'um pouco de agua depois das suas refeições ou logo que se faça sentir a dôr. A maior parte dos incommodos estomacaes como azias, pesadume, eructações acidas, dilatações e indigestões devem a sua origem a um excesso de acidez. A Magnesia Bisurada, pela sua composição alcalina, neutralisa este excesso, impede a fermentação do estomago e assegura assim a assimilação perfeita dos alimentos da qual depende uma digestão e uma bôa saúde. A venda em todas as pharmacias.

ressante para *Os Serões*, de Lisbôa, escrevia de Kobe. Esse trabalho, traçado naturalmente, escripto sem presumpção, contém observações flagrantes da paizagem maravilhosa onde o escriptor vivia. Os aspectos s o c i a e s, os traços de alma foram apanhados ao vivo em todas as suas minucias. Foi um commentador agil e seguro. Mas, antes de Julio Dantas dizel-o, elle interpretou o pensamento de que a melhor maneira de se fazer literatura é justamente pensar-se que se não está fazendo literatura.

Wenceslau de Moraes foi esse pensamento inteiro de Julio Dantas, si é que o não completou com o seu estilo ductil, fluente e cantante.

Psychologo arguto, penetrou a fundo toda a alma japoneza. As letras e as artes encontraram nelle o critico perspicaz. D'aquella vida social foi um observador sagaz e interessante. Alma, natureza e humanidade são a trilogia que enche de esquisita belleza o seu a l b u m de exotismos japonezes. Creio que a existencia errante que levava tenha sido tão accidentada

O panorama oriental através de um temperamento

(Continuação)

como nos veio a noticia da sua morte. Viveu em penuria e recusou qualquer auxilio, sendo os funeraes feitos pelo encarregado dos negocios de Portugal em Tokio. Isso talvez porque os grandes homens morrem sempre assim, na penuria e na miseria. Ha, porém, a considerar que elle era um dos mais distinctos officiaes da marinha portugueza. E, marinheiro e escriptor, como Loti, errou a existencia inteira e foi em Yokushima se acabar de penuria, de fome e de abandono.

Lembro-o? Não, — relembro-o, com a mais recolhida e pura das admirações e sympathias.

Diz um proverbio japonez que *a herva ao vento se inclina.*

E o vendaval passou, levando agora a herva da rua que era elle? Ou a sua alma foi a pequena flor de ameixeira recolhida em sua pureza e esquecimento do mundo e da patria?

Seja como fôr, commovido diante da figura eminente do escriptor marinheiro, eu me curvo com respeito a veneral-a. Faço-o aqui, nestes sertões brasileiros, como o japonez humilde sae leguas e legoas para admirar o esplendor de um prado florido de cerejeiras ou ameixeiras, animado com o colorido de suas petalas. E, como deante do homem veneravel, como o japonez deante da belleza do prado, scismo na luz radiante que elle foi e na cinza apagada que elle hoje é.

Ah! Como é differente a vida para os homens de espirito e ao mesmo tempo como se faz commum entre os outros a morte delles!

Por isso é que eu não sou grande. Ser grande é ter baixeza de medir pela a altura mental dos outros. É baixar-se, é humilhar-se muitas vezes.

Não; eu não nasci para grande. Não tenho h o r r o r aos atomos que me construiram, como tambem construiram Democrito de Abdéra, o philosopho eminentemente superior.

O que nem todos sabem

Em Boston, ha um carpinteiro, chamado Carlos Schmidt, que é celebre por sua resistencia physica. Esse homem tem a cabeça tão dura, que uma vez, depois de pôr sobre ella uma lousa de pedra de vinte e cinco kilos de peso, convidou um amigo a quebral-a a marteladas. O convidado descarregou uma série de pancadas tão tremendas, que a pedra despedia chispas, e, por fim, se partiu, sem que Schmidt sahisse machucado da prova.

O referido carpinteiro tem a dentadura tão forte, que arranca pregos com os dentes, por maiores que sejam.

Schmidt não é menos resistente pélos pés, como o demonstra o facto de poder saltar com os pés descalços, sobre uma taboa cheia de agudos cravos, sem nada soffrer.

* *

Hollywood é, como se sabe, uma especie de suburbio.

Só Cleveland, que ha pouco completou cem annos de sua fundação, leva de vencida a famosa Los Angeles, não em população, mas em desenvolvimento industrial.

Los Angeles tem 1.366.889 habitantes, ao passo que a sua rival talvez não chegue a ter um milhão. Hollywood, a capital do film, tem 150.000 habitantes e é uma das mais cosmopolitas cidades da terra e isso devido á industria do film, que alli se localizou.

* *

Calcula-se que a metade dos habitantes da Terra não conhece o pão de trigo.

* *

Qual é a attitude da Venus de Milo? Numerosas hypotheses têm sido emittidas por artistas e archeologos sobre a posição que devia ter a celebre estatua, admirada no museu do Louvre, e á qual, como ninguem ignora, faltam os braços.

Quincy pensa que ella faria parte de um grupo. Venus tinha o braço esquerdo apoiado no hombro de Marte, num gesto de animação. O sr. Bell diz que ella traria em cada uma das mãos uma corôa de loures. Stillmann não hesita em affirmar que a deusa escrevia. Furtwaengler opina que ella collocava o braço esquerdo numa columna. Segundo Salaman, ella trazia na mão esquerda uma maçã que apresentava a um pombo collocado sobre o seu punho esquerdo, etc.

Mas a hypothese que parece ser mais verosimil é que Venus tinha na mão esquerda, levantada á altura da cabeça, a maçã que lhe déra Páris, soerguendo com a mão direita á veste, que forma pregas sobre a perna esquerda. Essa hypothese é de Dumont d'Urville e de Trogoff.

* *

A Russia é vinte vezes maior do que a França e a Allemanha juntas.

Historia de uma caveira

(Conto de R. MAGALHÃES JUNIOR)

TERMINARA a aula de anatomia e o bando alegre de estudantes, numa algazarra jovial, abandonou o amphitheatro, onde acabara de ouvir uma longa e minuciosa dissertação sobre pathologia.

Só Clara-Lucia, uma alumna dada a cogitações philosophicas, quedou ainda no amplo salão, olhando fixamente para uma vitrine em que se encontrava uma caveira humana.

— Eis o que somos todos nós... — pensava a futura esculapia.

— Queria saber a historia desta caveira? — indagou um velho professor de anatomia.

— Ouvil-a-ei com muito gosto, — declarou Clara-Lucia.

O velho professor chegou fogo ao charuto e, em seguida, começou:

— E' curiosa a historia deste paria, deste individuo que nem sequer tinha nome.

"Nasceu pobre e humilde e, aos dezoito annos, viu-se desempregado, com seus pobres paes gravemente enfermos.

"Para salval-os, era preciso roubar. E roubou. Processaram-no e levaram-no a jury. Os jurados, como bons e apatacados burguezes que eram, o condemnaram á pena maxima.

"Os jornaes estamparam-lhe o retrato. Toda gente o ficou conhecendo por ladrão. Algumas folhas, na ansia de fazer escandalo para augmentar a vendagem, inculcaram-no como autor de varios outros crimes e deram-lhe o titulo pouco honorifico de "conhecido e audacioso scroc".

"Passou annos e annos no silencio da sua cella, comendo pedaços de carne mal cozida e nacos de pão duro, que eram as sobras do repasto da soldadesca.

"Mesmo assim, cumprida a pena e volvido á liberdade, não sahiu do carcere nutrindo odio contra a sociedade. Veio com o proposito firme e sincero de ser honesto, de começar vida nova. Encheu-se de coragem, decidido a lutar, e procurou um emprego.

"Mas não lhe deram emprego algum. Ninguem acreditava na sua regeneração. Todos repudiavam o seu trabalho, porque se lembravam ainda do seu furto, das noticias escandalosas dos jornaes...

"Mais tarde, por simples suspeita, prende-o novamente a policia. Um delegado, desejoso de apresentar serviço, de cahir nas bôas graças dos seus superiores, armou-lhe um novo processo. E o jury condemnou-o novamente sob a accusação de homicidio e roubo.

"Na penitenciaria, innocente e resignado, esperou, comtudo, que se fizesse justiça. Debalde esperou,

pois o erro judiciario que o condemnára jamais foi reconhecido.

"Deram-lhe, na penitenciaria, o numero de "99". E como todos o chamassem assim, acabou por esquecer o seu nome. Passou a ser apenas o "99" e, quando foi reposto em liberdade, continuou a ser apenas o "99".

"No dia em que vieram dizer-lhe que estava livre, elle, commovido com a separação dos seus antigos companheiros de carcere, sentiu-do-se tropego, envelhecido, acabrunhado pediu que o deixassem ali mesmo, entre os seus velhos amigos e aquellas paredes silenciosas e tristes a que tanto se acostumara.

"O director da penitenciaria disse-lhe, porém, que isso era contra o regulamento e mandou pôl-o fóra, dizendo-lhe que procurasse um asylo.

"99" procurou um asylo. Indagaram-lhe a idade e, como respondesse que tinha quarenta e nove annos, retrucaram rispidamente: — "Então não sabe que nesta casa só se asylam pessoas de mais de cincoenta e cinco?"

"99" não procurou mais asylo algum. Ficou pelas ruas a mendigar até que, um dia, em plena via publica, se lhe rebentou o fio da attribulada existencia.

"Morreu e o seu cadaver foi para o necroterio. Dissecaram-no e reduziram-no a isso que ahi está nessa vitrine, deante dos nossos olhos.

"Facto singular! Essa mesma sociedade que repudiou o seu trabalho, que o tornou um inutil durante toda a vida, fêl-o util depois de sua morte..."

— Pobre homem, — disse Clara-Lucia, com a voz commovida. — Mas... como o professor poude conhecer-lhe a vida tão detalhadamente?

— E a minha cara alumna tomou por boa verdade tudo quanto lhe disse agora? — retrucou o velho professor. — Isso é fantasia... simples fantasia...

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno	48$000
Semestre	16$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Ataulpho Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: 2-0377 — Administração: 2-4136

Caixa Postal 97

RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em S. Paulo: Empresa Americana de Publicidade Lta. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa do correio 1481.

Repr. na Europa: De Cezar & C. Vignon, Bourdet 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 22, Ludgate Hill, Londres.

Historia de uma caveira

(Conto de R. MAGALHÃES JUNIOR)

TERMINARA a aula de anatomia e o bando alegre de estudantes, numa algazarra jovial, abandonou o amphitheatro, onde acabara de ouvir uma longa e minuciosa dissertação sobre pathologia. Só Clara-Lucia, uma alumna dada a cogitações philosophicas, quedou ainda no amplo salão, olhando fixamente para uma vitrine em que se encontrava uma caveira humana.

— Eis o que somos todos nós... — pensava a futura esculapia.

— Queria saber a historia desta caveira? — indagou um velho professor de anatomia.

— Ouvil-a-ei com muito gosto, — declarou Clara-Lucia.

O velho professor chegou fogo ao charuto e, em seguida, começou:

— E' curiosa a historia deste pária, deste individuo que nem sequer tinha nome.

"Nasceu pobre e humilde e, aos dezoito annos, viu-se desempregado, com seus pobres paes gravemente enfermos.

"Para asival-os, era preciso roubar. E roubou. Processaram-no e levaram-no a jury. Os jurados, como bons e apatacados burguezes que eram, o condemnaram á pena maxima.

"Os jornaes estamparam-lhe o retrato. Toda gente o ficou conhecendo por ladrão. Algumas folhas, na ansia de fazer escandalo para augmentar a vendagem, inculcaram-no como autor de varios outros crimes e deram-lhe o titulo pouco honorifico de "conhecido e audacioso scroc".

"Passou annos e annos no silencio da sua cella, comendo pedaços de carne mal cozida e nacos de pão duro, que eram as sobras do repasto da soldadesca.

"Mesmo assim, cumprida a pena e volvido á liberdade, não sahiu do carcere nutrindo odio contra a sociedade. Veio com o proposito firme e sincero de ser honesto, de começar vida nova. Encheu-se de coragem, decidido a lutar, e procurou um emprego.

"Mas não lhe deram emprego algum. Ninguem acreditava na sua regeneração. Todos repudiavam o seu trabalho, porque se lembravam ainda do seu furto, das noticias escandalosas dos jornaes...

"Mais tarde, por simples suspeita, prendeu-o novamente a policia. Um delegado, desejoso de apresentar serviço, de cahir nas bôas graças dos seus superiores, armou-lhe um novo processo. E o jury condemnou-o novamente sob a accusação de homicidio e roubo.

"Na penitenciaria, innocente e resignado, esperou, comtudo, que se fizesse justiça. Debalde esperou,

pois o erro judiciario que o condemnára jamais foi reconhecido.

"Deram-lhe, na penitenciaria, o numero de "99". E como todos o chamassem assim, acabou por esquecer o seu nome. Passou a ser apenas o "99" e, quando foi reposto em liberdade, continuou a ser apenas o "99".

"No dia em que vieram dizer-lhe que estava livre, elle, commovido com a separação dos seus antigos companheiros de carcere, sentindo-se tropego, envelhecido, acabrunhado pediu que o deixassem ali mesmo, entre os seus velhos amigos e aquellas paredes silenciosas e tristes a que tanto se acostumara.

"O director da penitenciaria disse-lhe, porém, que isso era contra o regulamento e mandou-o pôr fóra, dizendo-lhe que procurasse um asylo.

"99" procurou um asylo. Indagaram-lhe a idade e, como respondesse que tinha quarenta e nove annos, retrucaram rispidamente: — "Então não sabe que neste asylo só se asylam pessoas de mais de cincoenta e cinco?"

"99" não procurou mais asylo. Ficou pelas ruas a mendigar até que, um dia, em plena via publica, se lhe rebentou o fio da attribuladissima existencia.

"Morreu e o seu cadaver foi para o necroterio. Dissecaram-no e reduziram-no a isso que ahi está, nessa vitrine, deante dos nossos olhos.

"Facto singular! Essa mesma sociedade que repudiou o seu trabalho, que o tornou um inutil durante toda a vida, fêl-o util depois de sua morte..."

— Pobre homem, — disse Clara-Lucia, com a voz commovida. — Mas... como o professor poude conhecer-lhe a vida tão detalhadamente?

— E a minha cara alumna tomou por boa verdade tudo quanto lhe disse agora? — retrucou o velho professor. — Isso é tudo simples fantasia...

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000

Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

63, Rua Republica do Perú, 63

(Antiga Assembléa)

TELEPHONES: DIRECTOR: 2-0377 — ADMINISTRAÇÃO: 2-4136

CAIXA POSTAL 97

RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade Ltda. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa correio 1431.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 3, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

VERSOS

Cháos

Eil-o, revolto, informe, desvairado.
Attenta. Que estampido formidavel!
Sacode o Mundo! Estruge o berro irado
Da turba-multa humana insaciavel!

E' o cháos. Foge! O vigor que tens guardado,
Emprega-o para a fuga inadiavel.
Foge, que o proprio espaço inhabitado
Estremece ao clamor interminavel!

Não. Para! E' tarde. Reza, si te apraz.
Talvez, na lucta féra que terás,
Ganhes o apoio ephemero da sorte.

Pobre de ti! De ti que, fatalmente,
O cháos vertiginoso e fervescente
Arrojará ás tenebras da Morte!

* * *

Cyclopico

O flammante esplendor do sol no firmamento,
Fecundando o Universo em catadupas d'ouro,
Como me faz lembrar o fulgido espavento,
O revolto ondear de teu cabello louro!

E o lascivo frescor, o reflorescimento
Da heril vegetação, ao zumbir do bezouro,
E' como a tua carne, o teu corpo sedento
Das caricias crueis dum monstruoso mouro!

Que desejo infernal de, num esgarce enorme,
Beber todo este céo e este sol oscular,
Com a insania febril dum peccado disforme...

E' que, na bacchanal dessa vontade louca,
O vinho que embriaga é o céo de teu olhar,
E o fogo que requeima é a flor de tua bocca!...

* * *

Invernia

Tão fria a tarde... Tão esmaecido
O matiz deste céo em desalento...
Como punge o cypreste comburido,
Tremendo, nú, ao soluçar do vento...

Tão fria a tarde... Tudo emmudecido...
E' a tristeza lethal, o soffrimento
De quem muito chorou um bem perdido,
Sem um queixume, um ai, sem um lamento...

Que frio faz tambem dentro em minh'alma...
Ninguem perturba a funeraria calma
De minha pobre vida desolada...

Ninguem... Daquelle fogo abrazador,
Do louco crepitar de meu amor,
Só restam cinzas... cinzas e mais nada...

Delirio

Vem... Rasga-me, primeiro, a pelle enfebrecida.
Agora dilacera a carne que esbrazeia...
Tremes... Acalma, pois, a mão que se arreceia,
E afunda, mais e mais, a chaga dolorida...

Não te importes que jorre o sangue da ferida.
E que estale o arcabouço enorme que baqueia...
Basta! Eis aberto, emfim, o peito que te anceia,
Ergastulo febril do dynamo da Vida!...

Gritas! Vasculha bem esse horrivel monturo,
Composto de materia immunda e nauseante,
E encontrarás, talvez, o que eu tanto procuro...

Qual! Tu não acharás meu louco coração...
Apenas uma pyra accesa e crepitante,
No incendio arrazador e rubro da paixão!...

FLAVIO POPPE DE FIGUEIREDO

DE PESO ATOMICO

Escreve sem PRESSÃO

QUEM usa a Parker Duofold fica encantado pelo facto della "escrever sem pressão," aperfeiçoamento exclusivo que fez da Parker a mais commoda e mais agradavel caneta-tinteiro do mundo.

Ao se tocar o papel com a penna a tinta começa logo a correr gentilmente. Por horas a fio, sem cessar, o proprio peso atomico do corpo acciona a caneta.

V. S. não sente a menor fadiga ao escrever com a Parker Duofold. O cansaço e a tensão muscular já não affectam o escriptor, pois elle pode "escrever sem pressão" com a Parker Duofold

Peça ao seu fornecedor para lhe mostrar um jogo de caneta Duofold e lapiseira, de fidalgo estylo. Examine os aperfeiçoamentos unicos e exclusivos. Experimente escrever com a Duofold, sem o menor esforço. Se o fizér V. S. comprehenderá logo que as canetas da marca "Geo. S. Parker Duofold" são e devem de facto ser as favoritas de todos os que escrevem.

Duofold Grande Rs. 70$000:
Duofold Jr. Rs. 50$000
Lady Duofold Rs. 50$000

Parker Duofold

Canetas · Lapiseiras
Porta-Canetas Para Escrivaninha

Unico Distribuidor no Brasil A Cardwhite
Rua Buenos Aires, 208,
Rio de Janeiro